



**PROET**  
PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET I**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET**

**MÁRIO JOSÉ DOS SANTOS FAGUNDES**

**URBANIDADES E RURALIDADES EM QUESTÃO: um  
olhar sobre as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo,  
Água Fria/BA**

**SALVADOR**

**2021**



**PROET**  
PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET I**

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET**

**MÁRIO JOSÉ DOS SANTOS FAGUNDES**

**URBANIDADES E RURALIDADES EM QUESTÃO: um olhar sobre  
as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, Água Fria/BA**

Dissertação apresentado à Linha de Pesquisa Processos Territoriais e Dinâmica Urbano-Regional do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET), do Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Orientador: Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto

**SALVADOR**

**2021**



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

**PROET**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

**Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET I**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**MÁRIO JOSÉ DOS SANTOS FAGUNDES**

**URBANIDADES E RURALIDADES EM QUESTÃO: um olhar sobre  
as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, Água Fria/BA**

Dissertação apresentado à Linha de Pesquisa Processos Territoriais e Dinâmica Urbano-Regional do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET), do Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Salvador, 28 de setembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto – Orientador  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Adriano Rodrigues de Oliveira  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Claudio Ressurreição dos Santos  
Faculdade de Ensino Superior de Feira de Santana – FAESF-UNEF  
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

## AGRADECIMENTOS

O mestrado é sem dúvida um momento ímpar na formação de um professor pesquisador, contudo um desafio frente às dificuldades impostas pela carreira no Ensino Fundamental de escola pública e pela rotina em escolas rurais dos municípios de Água Fria e Biritinga no estado da Bahia, desafio ampliado com o momento de pandemia de Covid19 ao qual ainda atravessamos. Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a algumas instituições e pessoas pelas quais sem elas e seus apoios não obteria êxito nessa caminhada.

Às Prefeituras de Biritinga e Água Fria na Bahia que concederam licença para que eu pudesse me dedicar aos estudos durante os dois anos referentes ao mestrado.

Ao PROET, por ter nos acolhido e depositado a confiança e a responsabilidade de compor a primeira turma do programa de pós-graduação.

Ao professor e orientador Agripino Souza Coelho Neto, pelo apoio, tempo e paciência dedicados na trajetória de construção dessa dissertação.

A todo o grupo de professores e coordenadores que compõem o quadro do PROET e que participaram da construção não apenas dessa dissertação, mas do programa de mestrado como um todo.

Aos moradores do povoado do Topo e da Serra que toparam participar da pesquisa e que me receberam com toda a atenção e carinho, especialmente a Rafael Carvalho, Josevan Reis e Uarle Carvalho que, além de sujeitos da pesquisa, me ajudaram com as visitas, entrevistas, aplicação dos questionários e cedendo registros fotográficos pessoais.

A Seu Davi, popularmente conhecido como “Dito”, pelas entrevistas concedidas e pelo rico conhecimento ao qual nos propiciou sobre o antigo povoado do Cerrado, sobre o povoado da Serra e sobre as coisas do mundo.

À primeira turma do programa e aos amigos que ganhei durante as aulas e atividades e também durante os momentos de confraternização e “resenhas” inesquecíveis.

À minha família e amigos que, alguns mesmo sem compreender o que é realmente um mestrado ou uma dissertação, me incentivaram e acreditaram no potencial, principalmente nos momentos de dificuldades ao longo do processo.

Enfim, a tudo e a todos que de alguma maneira participou dessa bela e árdua tarefa de fazer ciência.

## RESUMO

FAGUNDES. Mário José dos Santos. **Urbanidades e ruralidades em questão: um olhar sobre as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, município de Água Fria/BA**, 149 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra I. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2019.

Definir o que é rural e o que é urbano há muito não representa uma centralidade nos estudos das relações entre o campo e a cidade. A complexidade imposta pelos processos de urbanização, de modernização do campo e de globalização produziu mudanças importantes na realidade socioespacial, introduzindo novos desafios epistemológicos para aqueles que se aventuram no sentido de compreender as relações entre os espaços do campo e da cidade e seus conteúdos. O objetivo dessa dissertação é compreender as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, município de Água Fria/BA, caracterizadas pela interação, imbricação e coexistência de ruralidades e urbanidades no cotidiano dos moradores. Para tanto buscamos nos aproximar de uma perspectiva mais integradora que considerasse as formulações de autores das principais vertentes analíticas que compõem o arcabouço teórico acerca desse tema. Estamos trabalhando com a concepção de espaços híbridos que se apoia na ideia de que o campo e a cidade (em especial as pequenas cidades) são resultantes da interação entre objetos e conteúdos do rural e do urbano. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, que se utilizou da observação participante, da realização de entrevistas semiestruturadas e da aplicação de questionários. Primeiramente buscou-se caracterizar os processos históricos que configuraram o rural do município de Água Fria e do povoado do Topo, para então identificar as ruralidades e urbanidades. Nesse contexto, observou-se então, que as urbanidades, assim como as novas ruralidades, no povoado do Topo, respeitam as regras do jogo, impostas historicamente pelas relações desiguais e coronelistas entre fazendeiros e pequenos agricultores, ou seja, não representam a superação das desigualdades históricas existentes. Na escala da ação, onde a realidade é forjada pela interação entre o global e o local, entre o rural e o urbano, os atores diversos produzem um verdadeiro mosaico de ruralidades e urbanidades em suas tarefas cotidianas, nos seus modos de vida, nas relações interpessoais, nas atividades econômicas e nas manifestações culturais. Produzem no dia a dia um espaço híbrido produzido pela coexistência, interação e imbricação de conteúdos do rural e do urbano.

**Palavras chave: Rural; Urbano; Novas Ruralidades; Espaços Híbridos.**

## ABSTRACT

FAGUNDES. Mário José dos Santos. **Urbanidades e ruralidades em questão: um olhar sobre as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, município de Água Fria/BA**, 149 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra I. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2019.

Defining what is rural and what is urban has not represented a central issue in the studies of the relation between the countryside and the city for a long time. The complexity imposed by the processes of urbanization, modernization of the countryside and globalization produced important changes in the socio-spatial reality introduces new epistemological challenge for those who venture when it comes to understanding the relations between the spaces of the countryside and the city and their contents. The objective of this dissertation was to understand the countryside-city and rural-urban relations in the village of Topo, municipality of Água Fria- BA, characterized by the interaction, overlapping and coexistence of ruralities and urbanities in the daily lives of residents. Therefore, we aimed to approach a more integrative perspective that considered the formulations of authors of the main analytical perspectives that make up the theoretical framework on this topic. We are working with the concept of hybrid spaces based on the idea that the countryside and the city (especially small towns) are the result of the interaction between rural and urban objects and contents. In methodological terms, this is a quali-quantitative research, which used participant observation, semi-structured interviews and the application of questionnaires. It was carried out a methodological path that aimed firstly to characterize the historical processes that set up the rural of the municipality of Água Fria and of the village of Topo, to then identify the ruralities and urbanities. In this context, it was observed that the urbanities, as well as the new ruralities, in the village of Topo, respect the rules of the game, historically imposed by the unequal and coronelist relations between farmers and small rural producers, that is, they do not represent the overcoming of existing inequalities. At the scale of action, where reality is forged by the interaction between the global and the local, between the rural and the urban, the diverse actors produce a true mosaic of ruralities and urbanities in their daily tasks, in their ways of life, in interpersonal relationships, economic activities and cultural manifestations. In everyday life, they produce a hybrid space produced by the coexistence, interaction and overlapping of contents from the rural and the urban.

Keywords: Rural; Urban; New Ruralities; Hybrid Spaces.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Município de Água Fria no Território de Identidade Portal do Sertão. ....	16
Figura 2 – Território de identidade Portal do Sertão. ....	47
Figura 3: Localização do município de Água Fria no semiárido. ....	48
Figura 4: Paisagem semiárida, povoado do Topo - Água Fria/BA. ....	50
Figura 5: Sede da Prefeitura Municipal de Água Fria/BA. ....	51
Figura 6: Subprefeitura no distrito de Pataíba, Água Fria/BA. ....	51
Figura 7: Mapa do município de Água Fria/BA. ....	52
Figura 8: Casa de adobe no povoado do Topo. ....	57
Figura 9: Igreja Matriz de Água Fria, símbolo da presença dos padres jesuítas na região. ....	61
Figura 10: Placa de identificação do Sítio arqueológico do Biruta no povoado do Topo, Água Fria/BA. ....	66
Figura 11: Casa principal de uma antiga fazenda de gado abandonada no povoado da Serra. ....	67
Figura 12: Praça do povoado do Topo: a escola, a igreja e alguns pontos comerciais. ....	69
Figura 13: Vista aérea da área central do povoado do Topo com pequenos sítios ao fundo. ....	69
Figura 14: Antiga fazenda de gado no povoado da Serra. ....	74
Figura 15: Antigas vendas e bancas de carne no povoado do Topo. ....	76
Figura 16: Casa de fazenda abandonada no povoado da Serra. ....	77
Figura 17: Avanço da ação antrópica sobre a vegetação natural no município de Água Fria/BA. ....	82
Figura 18: Vaqueiros em festa de pega da novilha no tabuleiro. ....	84
Figura 19: Homenagem ao Dia Nacional do Vaqueiro. ....	85
Figura 20: Bata de feijão no povoado do Topo. ....	88
Figura 21: Fogão à lenha em cozinha de pequena agricultora aposentada. ....	90
Figura 22: Postagem de filho de agricultor em bata de feijão. ....	91
Figura 23: Jumentos utilizados para puxar carroça por agricultor no povoado do Topo. ....	97
Figura 24: Cavalgada organizada por fazendeiros do povoado da Serra. ....	98
Figura 25: Passeio de jegue no Povoado do Topo, conhecido como Jegalvada. ....	98
Figura 26: Espaço Físico do Cactário.com. ....	101
Figura 27: Logomarca do Cactário.com. ....	103
Figura 28: Antiga fazenda onde atualmente funciona restaurante Recanto fazenda Rumo. ....	106
Figura 29: Perfil do restaurante Recanto Fazenda Rumo na plataforma do Instagram. ....	107
Figura 30: Logomarca do restaurante Recanto fazenda Rumo. ....	108
Figura 31: Cartaz de divulgação do evento de inauguração do restaurante Recanto Fazenda Rumo	109

Figura 40: Pequenas plantações em quintal de aposentada no povoado do Topo.....	111
Figura 32: Casa de fazenda abandonada no povoado da Serra. ....	115
Figura 33: Ruínas da antiga escola primária no povoado da Serra. ....	115
Figura 34: Casebre abandonado na área do antigo povoado Cerrado. ....	117
Figura 35: Ruínas de casebre de pequenos agricultores no antigo povoado do Cerrado. ....	118
Figura 36: Caixa d'água do sistema de fornecimento de Água do povoado do Topo. ....	120
Figura 37: Torre de telefonia e telefones públicos no povoado do Topo.....	121
Figura 38: Escola primária no povoado do Topo. ....	121
Figura 39: Adolescente em manobra perigosa com motocicleta no povoado do Topo. ....	124
Figura 41: Postagem de moradora do povoado do Topo em atividade típica do rural.....	130
Figura 42: Praça do povoado do Topo e a presença de urbanidades e ruralidades. ....	137

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Evolução populacional do Município de Água Fria/BA - 1991-2020.....	48
<b>Tabela 2</b> – Evolução do PIB e do PIB per capita no município de Água Fria /BA (2010-2017) .....	52
<b>Tabela 3</b> – Participação dos setores de atividade no PIB do município de Água Fria/BA – 2018 .....	53
<b>Tabela 4</b> – Principais lavouras temporárias no município de Água Fria/BA .....	55
<b>Tabela 5</b> – Principais lavouras permanentes no município de Água Fria/BA .....	55
<b>Tabela 6</b> – Principais rebanhos da pecuária no município de Água Fria/BA .....	55
<b>Tabela 7</b> – Evolução do IDHM de Água Fria/BA .....	56

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Relação do pessoal ocupado por setor de atividade econômica no município de Água Fria/BA. ....	54
<b>Gráfico 2</b> – Classe de rendimento mensal em salários mínimos – Água Fria/BA. ....	57
<b>Gráfico 3</b> – Esgotamento sanitário no município de Água Fria/BA por domicílio. ....	58
<b>Gráfico 4</b> – Grau de instrução da população – Água Fria/BA. ....	59
<b>Gráfico 5</b> – Evolução do número de cabeças de gado no município de Água Fria/BA. ....	79
<b>Gráfico 6</b> - Evolução dos usos e cobertura do solo no município de Água Fria/BA. ....	81
<b>Gráfico 7</b> – Presença de eletrodomésticos nas moradias do povoado do Topo. ....	122
<b>Gráfico 8</b> – Principais meios de transporte utilizados pela população do povoado Topo para ir à cidade. ....	123
<b>Gráfico 9</b> – Principais aparelhos eletrônicos presentes nas moradias do povoado do Topo. ....	126
<b>Gráfico 10</b> - Principais aparelhos eletrônicos presentes nas moradias do povoado do Topo. ....	127
<b>Gráfico 11</b> – Tempo de uso diário da TV e da Internet no Povoado do Topo. ....	128
<b>Gráfico 12</b> – Ritmos musicais mais ouvidos no povoado do Topo. ....	131
<b>Gráfico 13</b> – Tipos de acesso à internet no povoado do Topo. ....	132

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Características das ruralidades historicamente exercidas por fazendeiros e pequenos agricultores no povoado do Topo.....	93
<b>Quadro 2</b> – Benefícios federais destinados ao município de Água Fria/BA – 2020.....	110
<b>Quadro 3</b> – Síntese das características e interferências dos conteúdos urbanos no povoado do Topo.....	134

## **LISTA DE SIGLAS**

BPC – Benefício de Prestação Continuada (BPC)

Coelba – Companhia de Eletricidade da Bahia

EAD – Educação à distância

FPM – Fundo de Participação dos Municípios

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PIB – Produto Interno Bruto

PlanHab – Plano Nacional de Habitação

SEI-BA – Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

TICs – Tecnologias da Informação e da Comunicação

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNICOM – Projeto Universidade na Comunidade

UPT – Programa Universidade Para Todos

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 DAS VISÕES DICOTÔMICAS ENTRE A CIDADE E O CAMPO À CONCEPÇÃO DE ESPAÇOS HÍBRIDOS</b> .....	26
2.1 CIDADE-CAMPO E URBANO-RURAL .....	27
2.2 O FIM DO RURAL? CONCEPÇÕES CLÁSSICAS DAS RELAÇÕES CIDADE-CAMPO E URBANO-RURAL .....	31
2.3 RESSIGNIFICAÇÕES DO RURAL: UM RURAL QUE SE IMPÕE E SE RECONSTRÓI EM FORMA DE NOVAS RURALIDADES .....	35
2.4 “NEM 8 NEM 80”: URBANIDADES NO RURAL/RURALIDADES NO URBANO E A PERSPECTIVA DE ESPAÇOS HÍBRIDOS .....	39
<b>3 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE ÁGUA FRIA/BA</b> .....	47
3.1 QUADRO ECONÔMICO E SOCIAL DO MUNICÍPIO DE ÁGUA FRIA/BA .....	52
3.2 O POVOADO DO TOPO: UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO E CONFLITOS .....	65
<b>4. RURALIDADES TRADICIONAIS E NOVAS RURALIDADES NO POVOADO DO TOPO: NOVAS PRÁTICAS, VELHAS RELAÇÕES</b> .....	72
4.1 AS RURALIDADES TRADICIONAIS NO POVOADO DO TOPO, ÁGUA FRIA/BA: MARCAS DE UM RURAL HISTORICAMENTE EXCLUDENTE E DESIGUAL ..	73
4.2 NOVAS RURALIDADES NO POVOADO TOPO, ÁGUA FRIA/BA: RESSIGNIFICAÇÕES DE DESIGUALDADES HISTÓRICAS .....	99
<b>5 URBANIDADES NO RURAL: MANIFESTAÇÕES DE CONTEÚDOS URBANOS NO POVOADO DO TOPO, ÁGUA FRIA (BA)</b> .....	113
5.1 MANIFESTAÇÕES MATERIAIS DAS URBANIDADES: AS FORMAS URBANAS E SUAS INTERFERÊNCIAS NO ESPAÇO RURAL DO POVOADO DO TOPO ....	114
5.2 AS MANIFESTAÇÕES IMATERIAIS DAS URBANIDADES: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS NOVAS TICS COMO CONTEÚDOS URBANOS NO POVOADO DO TOPO, ÁGUA FRIA (BA) .....	125
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	139

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário sociocultural .....</b>	<b>148</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Definir o que é rural e o que é urbano atualmente tem se tornado uma tarefa cada vez mais difícil para quem se aventura neste tema. O avanço das novas tecnologias, a modernização da produção no campo e a revalorização do rural como refúgio à vida conturbada nas cidades, são alguns dos elementos complicadores que tornam as categorias rural e urbano cada vez mais inter-relacionadas e indistintas. É possível, atualmente, falarmos de urbano no rural e/ou rural no urbano, nos afastando das ideias e representações dicotômicas produzidas em relação aos espaços do campo e da cidade.

Para se trabalhar as relações entre estes espaços, faz-se necessário também a compreensão de que rural e urbano se diferenciam de cidade e campo. Sendo que estas últimas estão relacionadas a espaços concretos, materializados sob interesses diversos, concernentes às relações sociais, enquanto rural e urbano são conteúdos destes espaços, tratam de valores, símbolos e modos de vida. São categorias subjetivas, ligadas às ideologias, experiências e vivências dos diferentes agentes sociais que transcendem os espaços físicos do campo e da cidade. As relações entre o rural e urbano, portanto, configuram uma complexidade maior em ritmo, número e direções, por se tratar de elementos subjetivos propagados intensamente, principalmente pelas tecnologias da comunicação.

Amplamente discutida nas ciências sociais, a relação entre os espaços da cidade e do campo foi analisada por diversas perspectivas. Algumas urbanocêntricas, outras deram centralidade ao rural. As mais recentes, porém, já falam até na produção de espaços híbridos compostos de conteúdos do urbano e do rural.

São numerosos os autores que pregam uma visão centrada no urbano. Estes autores defendem uma urbanização constante do espaço e o conseqüente fim do rural. Ideias defendidas de alguma forma nas produções de Milton Santos (1993), Octávio Ianni (1996), José Graziano (1997), por exemplo, e tendo como principal precursor o filósofo francês Henri Lefebvre (1999 [1970]).

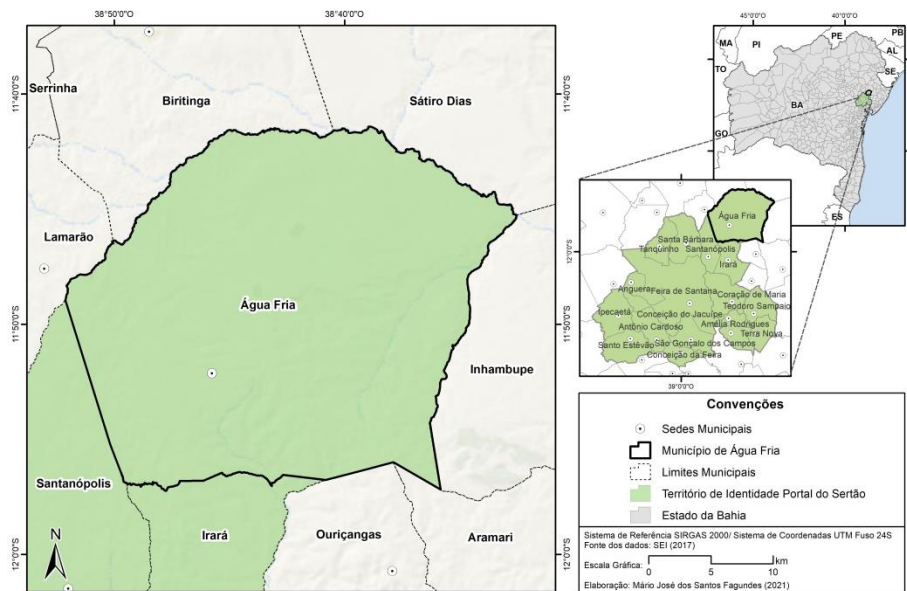
Em sentido contrário, Maria José Carneiro (1998), Roberto José Moreira (2003), Ricardo Abramovay (2000) e José Eli da Veiga (2004), entre outros, ressaltam a multiplicidade dos processos que envolvem as relações cidade-campo e urbano-rural na escala local, existindo aí processos de resignificação do rural que resiste à urbanização, se reconstrói e invade a cidade em forma de ruralidades no urbano. Essas produções originam-se ou aproximam-se das formulações do geógrafo Bernard Kayser, contemporâneo a Lefebvre,

que se destacou por ser um dos primeiros a tratar sobre o renascimento do rural (KAYSER (1972, apud VEIGA, 2004a).

Consideraremos neste trabalho elementos das duas perspectivas, aproximando-nos da proposta do geógrafo João Rua (2005), que nos alerta para existência de conteúdos urbanos e rurais que se relacionam produzindo espaços híbridos, fruto da imbricação, interação e coexistência (nem sempre harmoniosa) de urbanidades e ruralidades.

Nos pequenos municípios estas relações acontecem de forma mais intensa, devido à convivência muito próxima e, por vezes indistinta entre o campo e cidade. Esse cenário é encontrado no município de Água Fria (figura 1), onde residem aproximadamente 16.970 pessoas, segundo estimativa populacional de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo ao censo 2010, 60% da população aguafriense vive no campo, constituindo-se, por isso, num município essencialmente rural, além de apresentar um número significativo de atividades agrícolas, como a pecuária bovina, a agricultura e a avicultura, por exemplo.

**Figura 1:** Município de Água Fria no Território de Identidade Portal do Sertão.



No entanto, como característica central das cidades e municípios pequenos no Brasil e de acordo à Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI-BA), o setor da administração pública é forte na economia do município, representando 75% do pessoal ocupado e as atividades não agrícolas absorvem aproximadamente 82% do pessoal ocupado, quando consideramos os setores de serviços, comércio e administração pública juntos. Este

fato pode interferir diretamente nos hábitos e modos de vida dos moradores, considerando que estes postos de trabalho não estão presentes apenas nas áreas urbanas do município, mas também nas áreas rurais. Assim as atividades não agrícolas assumem o papel de significativas urbanidades no município, potenciais geradoras de pluriatividades e comportamentos urbanos.

Aposentadorias e os programas sociais de governo, também representam grande parte da renda das famílias, como o Programa Bolsa Família, que em 2020 alcançou o número de 2.841 beneficiários no município, segundo o Portal da Transparência do Governo Federal (2021), representando 16,7% do total da população, podendo contribuir de certa forma para o afastamento da população das atividades agrícolas, mas por outro lado, contribuindo também para a permanência destas no campo.

Além disso, a crescente introdução e popularização das novas tecnologias como computadores, *internet*, *smartphones*, entre outros elementos característicos da atual globalização, nos sugere que os conteúdos urbanos são numerosos no município e potenciais produtores de urbanidades. Por se apresentarem como elementos recentes no contexto do município, representam verdadeiras incógnitas as formas como elas se manifestam no campo e na cidade ou suas consequências enquanto conteúdos urbanos no dia a dia dos moradores.

Por outro lado, as atividades agrícolas assumem papel relevante na economia do município, representando 17% do pessoal ocupado (BAHIA, 2012). A ocupação nesse setor representa um percentual maior que o comércio e serviços juntos, ratificando a sua importância na economia e assumindo o papel de promovedor de ruralidades. As relações de produção cotidianas e tradicionais do campo, a sociabilidade do rural, as manifestações culturais como cantigas de trabalho (na raspa da mandioca ou na bata de feijão, por exemplo) permanecem vivas. Trata-se de conteúdos rurais também presentes no dia a dia dos moradores do município.

Portanto, neste trabalho pretende-se analisar e discutir esta relação entre o campo e a cidade, entre o rural e o urbano no povoado do Topo, município de Água Fria/BA a partir da conformação de ruralidades e urbanidades.

Diante desta problemática, levanta-se um conjunto de questões que cumprem um papel de orientação da pesquisa: Que manifestações e atividades se apresentam como ruralidades, em contraposição ou não à urbanização ideológica no povoado do Topo, Água Fria/BA? Quais as atividades e os elementos que se caracterizam como urbanidades no povoado do Topo, município de Água Fria? Como se dá as relações campo/cidade e rural/urbano com a inserção de urbanidades e novas ruralidades neste contexto?

A proposição de uma pesquisa que discorra sobre as relações entre rural e urbano no

Município de Água Fria partiu primeiramente das relações de pertinência e de afetividade construídas por mim ao longo da vida. Morador do distrito de Pataíba no município de Água Fria/BA, presenciei essa relação íntima entre rural e urbano no cotidiano desde a infância. Lembro-me bem que, já na década de 1980, meu avô se dividia entre os trabalhos da roça, da barraca na feira livre, onde vendia parte da produção e mercadorias compradas na cidade de Irará e o “bico” que realizava no cemitério, cuidando da limpeza e manutenção dos túmulos. Lembro-me também da minha mãe, na mesma década, batalhando entre um trabalho na farmácia do distrito durante o dia, e outro na máquina de costura durante a noite, além dos tantos outros nas lavouras de feijão e milho nos curtos “invernos” do semiárido.

Para o meu olhar de criança, na década citada, tudo era diversão. Pegar carona no caminhão “pau de arara” que trazia mercadorias para meu avô revender na barraca aos domingos, satisfação imensa no percurso que ia do pequeno armazém do meu avô até a farmácia onde trabalhava a minha mãe. Ir para a roça brincando na *Galinhotá* (como se costuma chamar carro de mão no distrito) e voltar com sede, ao sol escaldante, buscando pelas sombras das quixabeiras e juás ao longo da estrada de terra também escaldante. Tudo era pura diversão.

No entanto, com o meu olhar mais apurado pela formação de geógrafo, dediquei esforços para estudar esta temática desde a graduação na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI – Serrinha, sendo objeto de investigação do Trabalho de Conclusão de Curso, onde busquei caracterizar as urbanidades e ruralidades no distrito de Pataíba, município de Água Fria/BA, sob a orientação do prof. Dr. Cláudio Ressureição Santos.

Atualmente, a partir das minhas experiências afetivas e dos estudos e produções sobre a temática, percebo essas relações sendo alteradas e/ou intensificadas pela já supracitada introdução de elementos urbanos, a destacar aqueles relacionados às novas tecnologias como computadores, celulares, *internet*, rede sociais, além do rádio e da televisão que desde o século passado difundiram valores e modos de vida urbanos no campo.

Alterações estas que fazem parte das transformações socioespaciais, econômicas e culturais que se processaram no campo nas últimas décadas, intensificadas pela modernização da agricultura, pela industrialização do campo e pelas modificações nas relações de produção.

Esse campo transformado vem sendo objeto de interpretações apontando para a conformação de um novo rural (GRAZIANO DA SILVA, 1997), de novas ruralidades (CARNEIRO, 1998) e de urbanidades no rural (RUA, 2005). Há também investidas recentes no estudo de pequenas cidades olhadas pelo viés das ruralidades como conteúdos rurais que compõem a cena urbana. No contexto baiano também há esforços para interpretar as pequenas

cidades, mas ainda assim, esforços pontuais, fato que demandam investigações sistemáticas.

Esse trabalho se justifica pelo esforço original de empreender uma leitura do campo reconhecendo-o como espaço híbrido no qual se cruzam, interagem e coexistem conteúdos urbanos (urbanidades) e rurais (ruralidades) (RUA, 2005). Nesse sentido, pretende-se, como objetivo central desta pesquisa, compreender as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, município de Água Fria/BA, caracterizadas pela interação, imbricação e coexistência de urbanidades e novas ruralidades no cotidiano dos moradores. No entanto, para atingirmos o que se objetiva neste trabalho de forma estruturada e coesa, foram predefinidos outros três objetivos específicos que refletem de forma sintética cada etapa do nosso percurso metodológico: 1) caracterizar geograficamente e historicamente o município de Água Fria/BA elucidando os processos que contribuíram para a produção do espaço rural do povoado do Topo; 2) analisar as manifestações e atividades que se caracterizam como ruralidades e a importância destas na configuração socioespacial do povoado do Topo, Água Fria/BA; 3) Identificar as atividades e os elementos que se caracterizam como urbanidades e a forma como estas, aliadas às ruralidades, configuram a relação rural-urbano e interferem nos hábitos, comportamentos e modos de vida no povoado do Topo, município de Água Fria/BA.

Espera-se, oferecer uma contribuição para os estudos das relações campo-cidade e rural-urbano no contexto baiano, especialmente em um recorte regional onde as ruralidades e as urbanidades marcam decididamente a realidade socioespacial. Relações essas num mundo cada vez mais interligado, homogêneo e globalizado.

No entanto, opondo-se à visão de passividade do rural à introdução de elementos urbanos, adotaremos a compreensão do rural como uma categoria simbólica, ideológica que ao contrário do que muitas vezes foi pregado, não está fadado ao desaparecimento, mas que interage com o urbano, invade a cidade, se ressignifica, se revaloriza e principalmente assume posturas de resistência à tão pregada homogeneização e urbanização do planeta.

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa por natureza, apesar de se utilizar em determinados momentos de procedimentos e dados quantitativos, principalmente em virtude da pandemia de Covid19 que se apresentou como principal empecilho para a realização da pesquisa de campo, pois abrange as subjetividades, as ideologias, os símbolos e significados atribuídos aos espaços do campo e da cidade, ou seja, ao urbano e o rural, transformando-os em território para os sujeitos envolvidos. Dessa forma a abordagem qualitativa se encaixa nos parâmetros da pesquisa.

Na abordagem qualitativa, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou

organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, a interpretação, a consideração do pesquisador como principal instrumento de investigação e a necessidade do pesquisador de estar em contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados, revelam-se como características da pesquisa qualitativa (ALVES, 1991, p. 60).

Compreender as relações cidade-campo e urbano-rural no município de Água Fria/BA, caracterizadas pela interação, imbricação e coexistência de urbanidades e novas ruralidades no cotidiano dos municípios, nos exige um convívio direto com estes indivíduos e meios de investigação que consigam de alguma forma elucidar as relações sociais e espaciais mais abstratas. Faz-se necessário vivenciar a rotina, assim como construir uma relação de confiança com os indivíduos e grupos envolvidos. A pesquisa de campo, assim, assume um papel crucial neste estudo de caso que pretende analisar as urbanidades e ruralidades como produto e consequência das relações campo-cidade e rural-urbano no município.

Diante do desafio que nos é colocado e da proposição de um estudo de caso, emerge a necessidade de recorrer a alguns procedimentos que nos leve a alcançar a complexidade dos objetivos propostos. Portanto, adotaremos a observação participante e a entrevista semiestruturada como principais métodos de procedimentos de coleta de dados, instrumentos considerados aqui condizentes com a natureza qualitativa desta pesquisa.

Nessa perspectiva, apresentando a observação participante como procedimento de coleta de dados, Gil (2008, p. 103) afirma que:

A observação participante, ou observação ativa consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

A observação enquanto técnica de investigação tornou quase que impossibilitada por longos períodos devido à pandemia de Covid19. Realizada entre picos da pandemia e nos momentos de maior flexibilização das restrições das medidas de isolamento social, foi amplamente prejudicada devido à proibição da realização de eventos e manifestações culturais e principalmente devido a possíveis mudanças de comportamento, da sociabilidade e do ritmo de vida dos moradores, muitas vezes assustados com o momento de crise de saúde ao qual

todo o mundo ainda vive. Ainda assim, a observação foi instrumento crucial para a absorção do cotidiano, das falas, da simplicidade e das rotinas dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

As fotografias também foram fundamentais para o registro de elementos e conteúdos do rural e do urbano no povoado Topo. Foram de suma importância no processo de coleta e produção de dados, auxiliando principalmente nos registros das etapas de observação no povoado. Outro elemento importante foram os registros fotográficos divulgados em redes sociais pelos sujeitos da pesquisa, que nos ajudou a obter dados acerca das manifestações culturais, atividades agrícolas realizadas de forma coletiva, elementos identitários, entre outros, impossibilitados de acontecer devido à pandemia.

Diante do exposto, vale ressaltar que a minha condição como morador do distrito de Pataíba e a experiência como professor da Rede Pública de Educação do Município de Água Fria/BA são fatores que contribuíram de forma decisiva para a inserção no dia-a-dia das comunidades, facilitando assim o momento da observação participante, por exemplo.

Morar num pequeno distrito que apresenta uma relação urbano-rural muito forte, considerado urbano, mas que ainda não é considerado como cidade e com laços intrínsecos com o rural, produziu substancialmente um olhar diferenciado sobre os fenômenos que configuram as pequenas cidades e o campo atualmente. Justamente esse olhar, proveniente da vivência permanente com elementos do urbano e do rural coexistindo tão vividamente, me levou a pesquisar a relação cidade-campo e urbano-rural. O interesse e, de certa forma, a propriedade para discutir tal tema, também provém da experiência como professor de escola rural da rede municipal de educação, que me possibilitou o contato com espaços rurais, com crianças, adolescentes, jovens e idosos que residem no campo.

Quanto à importância das entrevistas livres e semiestruturadas, recorreremos diretamente às palavras de Salltiz para argumentar sobre sua utilização na pesquisa científica:

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SALLTIZ et al., 1967, p. 273. *Apud* GIL, 2008, p. 109).

Chegar ao conhecimento da vida dos moradores, seus hábitos, costumes e comportamentos sob a óptica das urbanidades e ruralidades é elemento crucial para se compreender as relações campo-cidade rural-urbano no município de Água Fria, caracterizando-se assim a observação participante enquanto estratégia fundamental para tal, auxiliada pelo papel de potencial revelador de elementos qualitativos da entrevista

semiestruturada.

O universo definido para a realização é o município de Água Fria na Bahia, no entanto o recorte espacial onde se deu a aplicação dos procedimentos de campo foi o povoado do Topo, além do povoado da Serra, diretamente ligados às territorializações dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Com essa definição do recorte espacial da pesquisa, pretende-se abarcar as relações e processos que compunham o espaço rural do Povoado do Topo, Município de Água Fria/BA.

Para uma melhor organização e visualização dos métodos e procedimentos a serem adotados, resgataremos os objetivos específicos da pesquisa e descreveremos os procedimentos escolhidos para se alcançar cada um deles.

Para caracterizar geograficamente e historicamente o município de Água Fria/BA, elucidando os processos que contribuíram para a produção do espaço rural do povoado do Topo, realizou-se uma pesquisa secundária em sites de órgãos oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI-BA) e a Prefeitura municipal de Água Fria, visando a obtenção de dados estatísticos sobre o município, relacionados à economia, aos indicadores sociais, à população, e às características geofísicas do município. Buscou-se também produções acadêmicas que apresentaram estudos relacionados às características socioespaciais e históricas do município. Essa etapa foi fundamental para a compreensão dos processos históricos que contribuíram para a produção do atual espaço rural do município de Água Fria. As entrevistas e conversas livres com os moradores dos povoados do Topo e da Serra também foram cruciais para compreender e situar nosso recorte espacial no contexto do rural do município.

Para analisar as manifestações e atividades que se caracterizam como ruralidades, em contraposição ou não às urbanidades no município de Água Fria/BA, foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas com comerciantes, agricultores, pecuaristas, estudantes e aposentados. Recorremos também à observação participante tanto no Povoado do Topo e quanto no Povoado da Serra. A impossibilidade de observação participante em eventos e festejos tipicamente rurais ou que reivindicam a identidade do rural no povoado do topo, em virtude das restrições impostas pela pandemia da Covid19, nos exigiu estratégias para superar esse desafio metodológico. A *internet* e principalmente as redes sociais dos sujeitos envolvidos na pesquisa tornaram-se potenciais fontes de pesquisa, à medida que estes divulgaram e registraram diversos momentos de festividades, de lazer, das atividades agrícolas e do cotidiano da vida no campo em seus perfis. Os sujeitos envolvidos nesta etapa residem nos povoados, do Topo e da Serra.

Segundo Carneiro (1998) as origens das ruralidades contemporâneas, estão associadas a uma nova visão do rural como natureza, no entanto estas se manifestam em forma de novas ruralidades tanto na cidade quanto no campo como exemplos podemos citar fazendas produtoras e estabelecimentos comerciais de produtos orgânicos, bares e restaurantes rústicos que reproduzem o cenário imaginário do campo, hotéis fazendas, dentro de uma infinidade de outras possibilidades. Dessa forma não teremos uma visão das ruralidades limitadas apenas ao espaço da cidade, mas compreendendo também os novos movimentos no campo fruto da ressignificação do rural, da pluriatividade dos pequenos agricultores e pecuaristas, assim como da multifuncionalidade no campo.

A partir dessa compreensão, buscamos identificar as novas ruralidades que se destacaram no povoado e que tinham suas origens nas visões do rural como natureza, mas que, no entanto, se sustentavam na identidade deste rural, oferecendo-a como produto. Ao identifica-las foi possível direcionar as entrevistas e as observações de forma a minimizar o impacto das limitações e restrições impostas pelas medidas de isolamento social no contexto da pandemia.

Propusemo-nos também a identificar as atividades e os elementos que se caracterizam como urbanidades e a forma como estas, aliadas às ruralidades, configuram a relação rural-urbano e interferem nos hábitos, comportamentos e modos de vida no povoado do Topo, município de Água Fria/BA. Para a identificação de tais urbanidades foram realizadas observação participante e entrevistas semiestruturadas com moradores de diversas faixas etárias, população mais jovem até vinte e cinco anos, aqueles com mais de vinte e cinco e menos de cinquenta anos e outros acima de cinquenta anos. A adoção destes instrumentos metodológicos que se tornaram desafiadores diante das medidas de isolamento social e dos constantes surtos de Covid19 no município. Como estratégia para suprir as limitações impostas nessa etapa da pesquisa, decidiu-se pela aplicação de questionários, como forma de identificar elementos e conteúdos do urbano, além da presença ou não de hábitos, costumes, comportamentos e valores relacionados ao urbano, por se tratar de

[...] uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos presente ou passado etc (GIL, 2008, p. 261).

Aplicou-se então, questionários (apêndice A) com perguntas diretas e de múltipla escolha em 15 residências do povoado do Topo, número que representa aproximadamente

25% das moradias do povoado. Dessa forma podemos obter dados quantitativos referentes à presença ou não dos objetos e conteúdos urbanos nas residências e na rotina dos moradores, aos hábitos e possíveis mudanças de comportamentos a partir destes.

Nesta etapa, mais uma vez, as redes sociais nos ofereceram informações sobre o dia a dia dos moradores do povoado e, nesse caso, suas relações com as urbanidades, principalmente aquelas relacionadas às novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). A *internet* e as redes sociais, principalmente, se tornaram canais pelos quais os moradores exprimem opiniões, divulgam seus hábitos e valores culturais, promovem conteúdos relacionados ao cotidiano, por exemplo, caracterizando-as com importantes fontes de dados qualitativos para nossa pesquisa.

Como estratégias de análise de dados adotamos a tabulação de dados estatísticos obtidos em sites de órgãos oficiais referentes ao município de Água Fria, além daqueles obtidos por meio dos questionários aplicados no povoado Topo que serviram como base para a posterior elaboração de gráficos e tabelas que revelassem dados e características do município e do povoado do Topo. Em relação às entrevistas, adotamos a estratégia de análise de conteúdos, com prioridade para a decifração estrutural, ou seja, entrevista por entrevista, analisando os elementos subjetivos, as experiências e vivências individuais de cada um dos entrevistados, mas considerando também as transversalidades que aparecem no conjunto das entrevistas e refletem inclusive os movimentos e características dos indivíduos em conjunto (BARDIN, 2011)

Apesar das dificuldades impostas pelo momento pandêmico ao qual ainda vivenciamos, a estratégia de utilização de diversos instrumentos metodológicos e de técnicas diferenciadas de investigação, possibilitou não apenas a produção de dados para dar suporte à pesquisa, mas também uma maior compreensão da realidade dos sujeitos da pesquisa. Ao aliar procedimentos qualitativos, como a observação participante e as entrevistas semiestruturadas, à produção de dados quantitativos (a partir da pesquisa secundária e da aplicação de questionários no povoado do Topo) conseguimos, de certa forma, reduzir possíveis interferências ou limitações impostas à pesquisa de campo num trabalho caracterizado principalmente pelo seu caráter qualitativo.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos. Neste capítulo introdutório procuramos elucidar os fatores que motivaram esta investigação, delinear o problema e o tema, enunciar os objetivos e descrever os procedimentos metodológicos e desafios da realização da pesquisa em contexto de crise sanitária com a pandemia da Covid-19.

O segundo capítulo procurou apresentar o debate teórico sobre a relação campo-

cidade e urbano-rural, anunciando as principais concepções construídas no âmbito das humanidades. Além do debate sobre as visões dicotômicas, das ideias que defendem o fim do rural ou a conformação de novas ruralidades, buscou-se anunciar a perspectiva de “espaços híbridos” que consideram urbanidades no rural e ruralidades no urbano.

O terceiro capítulo se propôs contextualizar o recorte espacial de pesquisa, apostando em uma caracterização geográfica e histórica do município de Água Fria (Ba), destacando seu quadro econômico e social e o processo histórico de formação territorial, focalizando a conformação do povoado do Topo.

O foco do capítulo quarto foi no desvelamento das ruralidades tradicionais e das novas ruralidades no povoado do topo, identificando as marcas de um rural historicamente excludente e desigual, assim como as ressignificações das desigualdades históricas.

O quinto capítulo se deteve na análise das urbanidades no rural, identificando as manifestações de conteúdos urbanos no povoado do Topo, focalizando, por um lado, as formas urbanas e suas interferências no espaço rural e, por outro lado, os meios de comunicação e as novas TICs como conteúdos urbanos. Por fim, no sexto capítulo, reúne-se um conjunto de reflexões finais que sintetizam os resultados da pesquisa.

## **2 DAS VISÕES DICOTÔMICAS ENTRE A CIDADE E O CAMPO À CONCEPÇÃO DE ESPAÇOS HÍBRIDOS**

É cada vez mais consenso nas ciências sociais que as concepções de campo e cidade e de rural e urbano, centradas nas contradições dicotômicas e/ou polarizadas, não cumprem o papel de apreender as especificidades de cada um destes espaços, muito menos de compreender as múltiplas interações entre eles. Essas interações foram intensificadas com a introdução da racionalidade urbana, das relações de trabalho e do modo de produção capitalista no campo, a partir da década de 1970, como característica da chamada revolução verde. Atualmente, com a popularização das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no campo, resultado da globalização do consumo, essas relações não apenas se intensificam como também alteram e produzem identidades, modos de vida, visões do mundo e, conseqüentemente, territórios/territorialidades, que não se encaixam na qualificação de urbano ou de rural apenas, mas como características de um espaço híbrido de conteúdos do global e do local, do urbano e do rural.

Essa padronização do modo de produção e das relações de trabalho, bem como do consumo das populações da cidade e do campo produzem uma complexidade nunca antes experimentada. Conteúdos do urbano invadem o campo e o modifica. Assim como ocorrem ressignificações do rural que permanece, seja como um rural natureza, decorrente dos discursos ecológicos, como uma identidade reivindicada por populações excluídas do capitalismo global ou reinventada por elites agrárias que se beneficiam com a mecanização do campo.

Essa interação de elementos do urbano e do rural, do global e do local, no cerne da sociedade contemporânea, dos diversos localismos que caracterizam o espaço geográfico atual, nos leva a crer na emergência de um espaço híbrido, produtor de territórios/territorialidades múltiplas.

Tanto na sociologia quanto na geografia atuais, as relações cidade-campo e rural-urbano tem dado centralidade às múltiplas interações representadas por elementos como a pluriatividade dos camponeses, a multifuncionalidade das propriedades rurais e a ressignificação do campo nos discursos ambientais (o campo natureza), apresentados como potenciais produtores de novas ruralidades e, por outro lado, a introdução de elementos urbanos no campo, produtores de urbanidades no rural, que interagem, coexistem e integram-se, produzindo múltiplas possibilidades inerentes ao devir da sociedade e da produção espacial. Essas concepções têm buscado se distanciar das visões de submissão e

desaparecimento do rural, propagadas pelas abordagens clássicas sobre o tema.

Nas pequenas cidades essa hibridez do espaço se evidencia de forma mais abrupta. Não apenas pela proximidade física dos espaços rurais e urbanos que facilita a interação tanto de elementos físicos como simbólicos, mas também pelo fato de identidades fortemente centradas na ruralidade, que por meio das TIC's, entram em contato com elementos do urbano global (imagens, símbolos, modos de vida e produtos), mas também de outros “rurais” (a cultura country norte-americana, por exemplo), além de promoverem, pelos mesmos meios tecnológicos, conteúdos relacionados aos elementos das identidades e das culturas locais.

Os percursos adotados para a fundamentação teórica desta pesquisa partem de um breve ensaio acerca das concepções dos conceitos de cidade, campo, rural e urbano nas ciências sociais, apresentando também os prismas pelos quais os concebemos em nossas discussões. Em seguida realizaremos uma análise da vertente analítica clássica sobre a relação cidade-campo e rural-urbano apresentando alguns autores importantes para o debate. Posteriormente, uma outra análise sobre a vertente composta por autores que defendem a emergência de “novas ruralidades”. E, por fim, proporemos uma outra perspectiva baseada na concepção de espaços híbridos.

## 2.1 CIDADE-CAMPO E URBANO-RURAL

“‘Campo’ e ‘cidade’ são palavras muito poderosas, e isso não é de estranhar, se aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas” (WILLIAMS, 1989, p. 11). Assim Raymond Williams inicia seu livro “O campo e a cidade na história e na literatura”, publicado originalmente em 1973, dedicando-se a fazer uma análise das concepções de campo e de cidade refletidas na literatura (centrada na literatura inglesa) ao longo da História. Sim, concordamos com sua afirmação e, indiscutivelmente, com o fato de que se cristalizaram, em torno destas, emoções também poderosas. Podemos citar, por exemplo, se utilizando das palavras do mesmo autor quando este afirma que “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples [e] à cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicação, luz” (WILLIAMS, 1989, p. 11). Por outro lado, Williams nos alerta para associações negativas atribuídas para ambas as palavras [espaços] que adjetivam, por exemplo, “a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição, [e por outro lado] o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação” (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Mesmo compreendendo que tais contradições permeiam as ideias das sociedades humanas desde a Antiguidade (WILLIAMS, 1989, p.11), muito dessa polarização dicotômica se deve às análises realizadas na escola da sociologia rural norte americana pós-crise de 1929, que promoveram estudos do rural separando-o e isolando-o do urbano (MARTINS; SOUZA, 2010). Análises essas que se centravam na distinção de elementos inerentes ao rural que o diferenciava do urbano, forjando a visão dicotômica dos estudos do rural e do urbano nas ciências sociais que se acentuaria nas compartimentações destas ciências como a sociologia rural e a sociologia urbana ou a geografia agrária e a geografia urbana.

No contexto europeu surgem as primeiras análises (críticas) e proposições que consideram a relação entre os espaços do campo e da cidade e, mais precisamente, entre o rural e o urbano. Entretanto, forjadas sobre a perspectiva de urbanização do rural. Tendo como principal precursor o filósofo francês Henri Lefebvre, tais perspectivas promoviam a concepção de um contínuo onde o urbano transcende o espaço da cidade e invade o campo, dominando-o e desfazendo as estruturas agrárias tradicionais, o que promoveria a urbanização completa do planeta (LEFEBVRE, 1999). Esta concepção defendida na obra *Revolução Urbana*, publicada originalmente em 1970.

Tanto as visões dicotômicas da sociologia rural norte americana, quanto a ideia de *continuum*, permeiam as discussões sobre campo e cidade, o rural e o urbano e suas relações. Nos discursos acadêmicos ou no senso comum, elas se entrecruzam e coexistem, contribuindo assim para a construção de representações do campo e do rural em oposição à cidade e ao urbano.

A relação cidade-campo passou a ser compreendida sob a ótica das dicotomias industrial-agrícola, moderno-atrasado e civilizado-incivilizado, dentre tantas outras. Nessa mesma perspectiva (dicotômica) “o espaço rural é o lugar da produção de alimentos, atividades agropecuárias, a serviço e abastecimento das cidades” (ALVES, p. 8), por outro lado o espaço urbano seria o lugar da indústria, das decisões políticas, do comércio e dos serviços. Uma visão claramente produtivista e enraizada nas contradições e polaridades da sociologia rural norte-americana (ALVES, p. 8), condizente com as representações sólidas de rural e de urbano produzidas na modernidade, no entanto, não mais condizente com a complexidade da pós-modernidade (ou modernidade avançada) (MOREIRA, 2002) e dos esforços atuais no sentido de apreender e compreender as múltiplas interações entre esses espaços.

Na geografia, segundo Alves (2012, p. 8) as abordagens sobre a questão campo-cidade acompanharam o desenvolvimento do pensamento geográfico. Sendo assim, os estudos e

abordagens sobre os espaços do campo e da cidade, bem como da relação entre eles, estão intimamente relacionados ou sob “os prismas epistemológicos”, como prefere o autor, das escolas da corrente clássica, teórica, crítica e, por fim, cultural.

Vale então, uma reflexão sob quais prismas guiarão esta pesquisa. Quais concepções de campo e cidade e/ou de rural e de urbano serão apresentadas como ponto de partida para os estudos das urbanidades e ruralidades no município de Água Fria/BA?

De antemão, deixa-se claro que não se objetiva aqui uma análise epistemológica aprofundada de cada conceito (cidade, campo, urbano e rural), mas uma breve apresentação das concepções de cada conceito, com o propósito de oferecer uma base sólida que permita avançarmos na análise e apreensão das múltiplas interações entre os espaços da cidade do campo e entre o rural e o urbano.

Partiremos então da distinção entre cidade e campo e urbano e rural realizada por Santos (1993). Cidade e campo seriam formas no espaço e urbano e rural seriam, então, conteúdos sociais de tais formas. Desta maneira os conteúdos do rural e do urbano não se limitariam mais (se é que já se limitou em algum momento da história humana) às suas formas de origem, configurando uma verdadeira dialética de assimetrias em que definições isoladas ou tentativas de delimitação aos padrões clássicos são, no mínimo, insuficientes para compreender a complexidade da interação desses conteúdos sociais. Em outras palavras, “o rural e o urbano representam uma prática social que transcende as atividades que se desenvolvem dentro de suas espacialidades e englobam outras dinâmicas da complexidade sociocultural” (MARTINS; SOUZA, 2010, p. 40).

A relação entre cidade e campo e seus conteúdos configuram-se, então uma hibridez física e, principalmente, simbólica, nas quais elementos do urbano se fazem presente no campo, assim como elementos do rural também são encontrados na cidade.

Compreende-se aqui o espaço como um sistema de objetos e um sistema de ações indissociáveis (SANTOS, 1996) produzido sob a lógica do capital. Para Williams (1989, p.404) “o capitalismo enquanto modo de produção é o processo básico por trás da maior parte da história do campo e da cidade”, ou seja, produzidos sob a mesma racionalidade. Esses dois espaços, o campo e a cidade, seus objetos, suas relações, seus conteúdos e suas concepções e/ou representações constituem um mosaico de especificidades atreladas a uma mesma racionalidade ao longo do tempo.

Nesta mesma perspectiva de pensamento, Rua (2005, p. 47) considera que “assim, espaço rural e espaço urbano, campo e cidade integram-se à mesma racionalidade espacial que marca a sociedade contemporânea, organizada a partir da cidade, da indústria e,

atualmente, da terceirização”. Desse modo, também, como discorre Moreira (2003, p. 117) ao afirmar que “na modernidade burguesa, os polos construtores de identidades, dentre as quais as identidades rurais e dos profissionais das ciências agrárias, estiveram sediados na indústria e na cidade”, emergindo daí atribuições de sentidos”.

Desses polos hegemônicos (cidade, indústria, urbano) surgem visões contraditórias que atribuem ao campo e ao rural, em oposição à cidade e ao urbano, representações de um rural subalterno relacionado ao atraso, a produção agrícola, rude, incivilizado e principalmente resistente as mudanças (MOREIRA, 2005, p. 30).

A discussão apresentada até aqui permite delinear os contornos e conteúdos de uma complexidade que envolve as relações campo-cidade e rural-urbano, instigando uma série de mudanças de paradigmas que nos liberte das visões dicotômicas nos modos de apreender estas relações, que nos permita pensar os espaços da cidade e do campo por outros polos não hegemônicos (campo, rural, ruralidades) sem reafirmar tais contradições e reconhecer o avanço do urbano sobre os espaços rurais sem legitimar o fim do rural. Para tanto é preciso, metodologicamente, identificar, medir e compreender as interações entre os conteúdos de urbano e de rural ao nível da escala local.

Como já foi dito, os espaços físicos da cidade e do campo, concebidos isoladamente, não nos acrescenta muito no sentido de compreender as múltiplas relações que pretendemos abarcar e alcançar nesta pesquisa. Mais importante se configuram as noções de urbano e de rural consideradas como conteúdos dos espaços da cidade e do campo, respectivamente, e suas interações. Consideraremos então o urbano lefreviano sem, no entanto, corroborar com sua ideia de completa urbanização, e, por outro lado, utilizaremos a noção de novas ruralidades de Carneiro (1998), realizando os mesmos percursos de Rua (2002, 2005, 2006), para evidenciar a produção de espaços híbridos, a partir da concepção urbanidades no rural e de novas ruralidades, principal objetivação desta pesquisa.

Propomos então no tópico seguinte, uma análise das abordagens sobre as relações cidade-campo e urbano-rural que, segundo Rua (2005), se encaixam na vertente analítica considerada clássica, por se aproximarem da concepção do espaço como um contínuo onde os limites e/ou fronteiras do rural e do urbano se desfazem na perspectiva de uma urbanização do rural.

## 2.2O FIM DO RURAL? CONCEPÇÕES CLÁSSICAS DAS RELAÇÕES CIDADE-CAMPO E URBANO-RURAL

O avanço da indústria e do modo de produção industrial também para atividades agrícolas no mundo pós II Guerra, principalmente a partir da década de 1970, influenciou de forma direta o pensamento nas ciências sociais, no que se refere ao debate das relações entre a cidade e o campo. Surgem nesse período concepções centradas no urbano, que sinalizam o avanço do urbano sobre o campo de maneira avassaladora, destruindo as estruturas agrárias tradicionais e promovendo, para alguns, o conseqüente fim do rural.

Segundo Ferreira (2002), as teorias de desaparecimento do rural acompanharam os processos de modernização da agricultura e seus rebatimentos nos espaços rurais. As ideias de declínio do rural estiveram associadas a quatro sentidos fundamentais: (i) o esvaziamento do rural e o declínio de seu peso demográfico, (ii) a diminuição da participação da agricultura no Produto Interno Bruto (PIB) e sua subordinação a agroindústria, (iii) a proletarização de grupos sociais e de generalização do modelo de empresa moderna, e (iv) a generalização da cultura urbana invisibilizando o rural como espaço portador de singularidades.

Dentre tantos autores que corroboram com tal linha de pensamento, destacamos a contribuição basilar das formulações do filósofo Henri Lefebvre. Em seu livro “A revolução Urbana”, publicado originalmente em 1970, o autor expõe suas ideias sobre a expansão do tecido urbano sobre todas as áreas do planeta. Afirmava, Lefebvre que

O tecido urbano prolifera, estendendo-se, corrói os resíduos da vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano” não designam de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto de manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano (LÉFÈBVRE, 1999, p. 17).

Nestas palavras, ao pregar uma revolução urbana, que se daria pela expansão do tecido urbano a toda extensão possível do planeta, Lefebvre, de alguma maneira, condena o campo e o rural ao desaparecimento. O fenômeno urbano ou o urbano de Lefebvre dominaria a sociedade em escala planetária, indo além dos espaços físicos das cidades, alcançando cada vez mais áreas distantes dos grandes centros urbanos, aniquilando assim as estruturas e os modos vida agrários.

Sobre a hipótese lefebvrina da completa urbanização do rural, Veiga (2004) aponta

que a expressão “sociedade urbana” é reservada a sociedade que nasce da industrialização e se consolida no período pós-industrial, resultando num processo de urbanização completa, no qual a problemática urbana prevalece decisivamente.

O urbano de Lefebvre e sua supremacia sobre o campo e o rural, permeou, quando não guiou, diversas correntes de concepções que se prostraram sobre as relações cidade-campo e urbano-rural. No Brasil, destacam-se as proposições do sociólogo Octavio Ianni (1996), que apresenta como fundamental no momento global atual o avanço do urbano sobre o rural, o que imporia fim às dicotomias entre cidade-campo e urbano-rural.

Ao refletir sobre teorias da globalização, Ianni, segue a linha de Lefebvre ao afirmar que na contemporaneidade,

Ocorre uma progressiva e reiterada urbanização do mundo agrário, transformando radicalmente o modo de vida, pensar, sentir, agir e imaginar dos que se dedicam a atividades rurais [...]. Aos poucos, a cidade não só se impõe sobre o campo, subordina-o, como o absorve e, em muitas situações, o dissolve (IANNI, 1996, p. 43).

Nesse sentido, Ianni defende a dissolução do mundo agrário e a incorporação generalizada da urbanização como modo de vida. Importante destacar que Ianni escreve a obra em um contexto acadêmico em que o debate sobre a globalização se impunha com enorme vigor. Segundo Ianni (1995), a literatura difundiu uma variada gama de metáforas (bem como expressões descritivas e interpretativas) que cumprem o papel de iluminar a compreensão e apontar as significações sobre o momento histórico do final de século XX, compondo uma imagem-mundo. Neste sentido, se falou de uma “economia-mundo”, um “sistema-mundo”, do “capitalismo global”, do “mundo sem fronteiras”, do “fim da geografia”, do “fim da história”, de uma “aldeia global”, de uma “fábrica global” e, enfim, de uma “cidade global”. Ianni (1995, p. 13) aponta que, com a globalização se acentuou os processos de internacionalização do capital, de interdependência das nações e da ocidentalização do mundo. Trata-se da “descoberta de que a terra se tornou mundo”, de que o globo é um “território no qual todos se encontram relacionados e atrelados” (metáfora da aldeia global) e que a globalização produziu drásticas rupturas nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular.

Ianni (1996) advoga o fim da contradição cidade-campo, pois, com a globalização os valores da modernidade ocidental e a realidade urbana se impõem, desestruturando e recriando o campo:

Acabou a contradição cidade campo, na medida em que o modo urbano de vida, a sociabilidade burguesa, a cultura do capitalismo, o capitalismo como processo civilizatório invadem, recobrem, absorvem ou recriam o campo com outros significados (IANNI, 1996, p. 48).

O avanço do urbano sobre as áreas rurais, seja em forma de elementos físicos, da tecnologia, de modos de vida ou modo de produção, leva Ianni a defender o fim da contradição cidade-campo, tanto no plano conceitual quanto empiricamente. Para Ianni o fim dessa clássica contradição representaria o tão falado fim do rural, o desaparecimento das estruturas agrárias tradicionais em favor de uma rede urbana onipresente, tal qual propõe Lefebvre, já na década de 1970.

Um grande exemplo dessa visão urbanocêntrica na Geografia são as proposições de Milton Santos (2005 [1993]), que foi categórico ao advogar o fim da contradição cidade-campo, não em favor de proposições mais integradoras que considerassem as múltiplas interações entre os dois espaços, como proporemos aqui, mas para afirmar que, já na última década do século XX tínhamos atingido a urbanização da sociedade e do território.

Alcancamos neste século [o livro foi publicado em 1993], a urbanização da sociedade e a urbanização do território, depois de longo período de urbanização social e territorialmente seletiva. Depois de ser litorânea (antes e mesmo depois da mecanização do território), a urbanização brasileira tornou-se praticamente generalizada a partir do terceiro terço do século XX, evolução quase contemporânea da fase atual de macrourbanização e metropolização (SANTOS, 2005 [1996], p. 9).

Santos (2005 [1993]), analisando a urbanização brasileira no final do século passado, considera que a expansão do capitalismo no campo produziu um território repartido em dois subtipos, denominando-os de “espaços agrícolas” e “espaços urbanos”. Neste sentido, não se trataria mais da conformação de regiões rurais e cidades, pois, as regiões agrícolas contêm cidades e as regiões urbanas contêm atividades rurais.

As ideias de Santos (2005 [1993]) permitem depreender que não existiria mais o Brasil rural ou regiões rurais e sim regiões agrícolas, pois estas últimas “[...] tem sua unidade devida à inter-relação entre o mundo rural e o mundo urbano, representado este por cidades que abrigam atividades diretamente ligadas às atividades agrícolas circundantes [...]” (p. 76).

Não tão categórico quanto Ianni e Santos, se destacam dentre as visões urbanocêntricas da relação cidade-campo, as produções de José Graziano da Silva (1996, 1997, 1998), agrônomo que se debruçou sobre o tema e se tornou fundamental para a

compreensão das transformações que ocorreram no campo brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. Se utilizando de estudos quantitativos da População Economicamente Ativa (PEA), analisou a evolução das atividades não agrícolas no campo, relacionando com estudos de países desenvolvidos, caracterizou o que ele chamou de “novo rural brasileiro”.

Graziano da Silva procurou detalhadamente em seus trabalhos caracterizar as dinâmicas econômicas e atividades produtoras da pluriatividade, para ele, a principal característica do rural contemporâneo. Preocupou-se também em estudar a renda das populações rurais nas mais diversas regiões do país, o que o levou à conclusão de que o nível de desenvolvimento nas áreas rurais está intimamente relacionado ao nível de urbanização. Esta conclusão o levou a crer que “a criação de empregos não-agrícolas nas zonas rurais é, portanto, a única estratégia possível, capaz de, simultaneamente reter essa população rural pobre nos seus locais de moradia e, ao mesmo tempo, elevar o seu nível de renda” (GRAZIANO DA SILVA, 1997, p. 75).

Graziano da Silva parece corroborar com a ideia de que o único caminho para o desenvolvimento do campo é a sua urbanização, se aproximando da ideia do urbano como desenvolvido, o novo e avançado, enquanto o rural passa a ser o oposto, residual, atrasado e fadado ao desaparecimento.

Nessa perspectiva, Graziano da Silva (1996, 1997) propõe uma reforma agrária não essencialmente agrícola para as regiões onde prevalecem a agricultura de grande porte e terras supervalorizadas como o Sul e Sudeste. Assentamentos *rurbanos* “[...] que além de arroz e feijão, produzissem também casas populares, opções de lazer barato e caseiros de chácaras com acesso gratuito às terras” (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p. 9).

Essa proposta de reforma agrária não essencialmente agrícola recebeu críticas tanto por seu caráter paliativo, bem como por não provocar alterações nas estruturas agrárias tradicionais concentradoras de terras e promotora de desigualdade que compõem o campo no Brasil.

Nas palavras de Rúa (2005),

Embora a análise de Graziano da Silva seja referência para todos os estudiosos do rural e das relações urbanos-rurais, parece-nos que há um certo exagero na generalização homogeneizadora do “novo rural” [...] bem como no tom otimista que divulga a se referir à medidas compensatórias que deveriam ser difundidas em substituição a uma reforma agrária de caráter estrutural (p. 49).

Mesmo considerando José Graziano como referência fundamental para qualquer estudo sobre o rural ou sobre a relação cidade-campo, Rua (2005) chama a atenção para a generalização exagerada do conceito de novo rural apresentado e, também para a inviabilidade de medidas compensatórias propostas como uma reforma agrária não essencialmente agrícola, visto que o Brasil apresenta, como principal característica do campo, uma estrutura agrária complexa, enraizada por processos históricos de concentração da terra que produziram, na realidade do campo atual, problemas diversos, como a concentração da terra, da renda e da riqueza, grande número de trabalhadores sem-terra, conflitos violentos pela posse da terra, pobreza generalizada, êxodo rural entre outros. Realidades essas que relativizam a importação de políticas públicas oriundas de países desenvolvidos que, muitas vezes, já realizaram, no campo, reformas estruturais no sentido de distribuição das terras, incentivos fiscais, créditos e tecnologia.

Desde o surgimento das primeiras ideias de urbanização completa da sociedade e do planeta, aqui representadas nas formulações de Henri Lefebvre, numerosos foram os estudiosos que se dedicaram a reafirmar essa perspectiva, denominada por Rua (2005) como autores de uma “vertente clássica”. No entanto, tantos outros se dispuseram a questioná-las, difundindo ideias que se encaixam numa visão da relação cidade-campo e urbano-rural mais centrada no rural e em sua ressignificação, compondo a perspectiva denominada de “novas ruralidades” a qual destacaremos no próximo tópico.

### 2.3 RESSIGNIFICAÇÕES DO RURAL: UM RURAL QUE SE IMPÕE E SE RECONSTRÓI EM FORMA DE NOVAS RURALIDADES

Enquanto na vertente clássica o rural se demonstra passivo frente ao avanço do urbano, para os autores que defendem uma visão oposta o rural se ressignifica, se impõe e até invade a cidade em forma de ruralidades. Desenvolveram-se, paralelamente e concomitantemente à vertente clássica inúmeras proposições que refutavam as teorias de urbanização completa e fim do rural, questionando a centralidade dada às concepções urbanocêntricas.

Contemporâneo à Lefebvre, o geógrafo e sociólogo Bernard Kayser é pioneiro nesse movimento, tendo em vista que já questionava a propaganda urbanização completa do planeta e propunha a hipótese de um “renascimento do rural” (KASER, 1972, *apud.* VEIGA, 2004).

Para o autor, essa situação já se tornava passível de verificação nos países desenvolvidos, quando consideradas as políticas de ordenamento, o repovoamento, as atividades não-agrícolas, os modos de vida e as práticas culturais do campo.

Coelho Neto (2013) indica alguns autores e suas ideias-mestras que compõem o campo das novas ruralidades e ressignificam o rural:

Carneiro (2002) e a multifuncionalidade e a pluriatividade como elementos das novas ruralidades, Moreira (2005) e a ruralidade como identidades múltiplas e abertas, Veiga (2004) e a manutenção da contradição urbano-rural aliada à permanência do rural e de suas especificidades, e por fim, Ricardo Abramovay (2000) e as especificidades do rural e suas novas relações com o urbano (COELHO NETO, 2013, p 157).

A socióloga Maria José Carneiro (1998) adota o conceito de ruralidade como uma categoria analítica que gira em torno da relação cidade-campo e da produção de novas ruralidades a partir da ressignificação do rural frente à urbanização concreta e ideológica a qual presenciamos. A visão do rural enquanto passivo ao processo de homogeneização e fadado ao desaparecimento é substituída pela ideia de ressignificação e revalorização do rural. Revalorização esta, que se manifesta de diversas formas, seja como elemento mercadológico (hotéis fazendas, turismo ecológico e música sertaneja, entre outros) ou de resistência à própria homogeneização (a documentação e divulgação de festas rurais nas redes sociais, por exemplo). Carneiro (1998, p. 61) ressalta que é preciso

[...] pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade

Carneiro (1998) defende a existência de mudanças na realidade rural brasileira que se manifesta em dois fenômenos: na intensificação da pluriatividade, movimento que não permite mais definir o rural exclusivamente pela atividade agrícola, em face do surgimento de outras atividades não agrícolas, desenvolvidas ou não pela população do campo; e pela

crecente busca de meios alternativos de vida no campo por pessoas oriundas da cidade, este um movimento tributário do pensamento ecológico e do questionamento da sociedade baseada na aceleração promovida pelo ritmo da industrialização (COELHO NETO, 2013).

Moreira (2005) considera que as ruralidades são manifestações representativas do rural, podendo ser traduzidas em políticas públicas, instituições, legislações, objetos técnicos e identidades que caracterizam o rural. Nesta perspectiva, encontram-se presentes na Organização Mundial do Comércio (OMC), no mercado de commodities, no Ministério da Agricultura, na bancada ruralista, no Movimento Sem-Terra, entre outros.

A origem das novas ruralidades está nas ações dos agentes e interesses urbanos e são as diferentes formas de interação da cultura local com esses elementos urbanos que as produzem. A classe social, a idade dos indivíduos, a proximidade dos grandes centros ou a atuação do agronegócio, implicam em níveis diversos de urbanização física e/ou ideológica e consequentemente em diversas formas de ações, reivindicações e percepções destes indivíduos contribuindo para a fragmentação ou reafirmação das identidades e dos territórios.

A concepção de “novas ruralidades” apresentada por Maria José Carneiro será fundamental para construção da compreensão dos espaços híbridos propostos por Rua (2005). Estas novas ruralidades sozinhas não são consideradas suficientes para explicar o espaço rural ou a relação rural-urbana na atualidade, mas relacionando-as com a concepção de urbanidade que será proposta mais à frente, torna-se peça chave para os estudos da complexidade das interações múltiplas entre a cidade e o campo, o rural e o urbano na contemporaneidade.

Com visões mais centradas em dados populacionais e estatísticos e, principalmente, baseadas em dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), destacam-se as abordagens do sociólogo Ricardo Abramovay e do economista José Eli da Veiga. Ambos destacam a importância das ruralidades na constituição do campo brasileiro e as apresenta como caminho para se pensar um desenvolvimento rural.

Para Abramovay (2000) “a ruralidade não é uma etapa do desenvolvimento social a ser superada com o avanço do progresso e da urbanização ela é e será cada vez mais um valor para sociedades contemporâneas” (ABRAMOVAY, 2000, p. 26). Ele busca assim caracterizar de forma genérica o meio rural brasileiro elucidando três características principais (a relação com a natureza, a relativa dispersão populacional e a relação com as cidades) que agregariam valores diferenciados ao meio rural contribuindo para possíveis estratégias, também diferenciadas, de desenvolvimento territoriais. Além disso, discute as insatisfatórias fronteiras

entre o rural e o urbano ao analisar os diversos critérios oficiais de definição dos limites entre áreas rurais e urbanas em diversas realidades e países, inclusive no Brasil, alertando-nos para o mito de país hiperurbanizado.

José Eli da Veiga (2004), também com base em dados da OCDE, refuta a hipótese da completa urbanização sem, no entanto, defender um renascimento do rural. Ao criticar tanto a hipótese de desaparecimento do rural quanto a de autores que pregam o renascimento da ruralidade, busca, segundo o autor, o “caminho do meio”, ao compreender que a ruralidade dos países desenvolvidos não desapareceu, nem renasceu e propõe uma terceira hipótese: “o mais completo triunfo da urbanidade engendra a valorização de uma ruralidade que não está renascendo e sim, e sim nascendo” (VEIGA, 2004, p.11). Dessa forma Veiga (2004) não crê na permanência ou retorno à uma ruralidade pretérita, mas sim uma valorização cada vez maior da relação com a natureza. Seja por questões ambientais que emergem na contemporaneidade ou pela busca de remanescentes naturais para residências.

Veiga (2004b) reforça a atualidade da contradição urbano-rural. Entre outros aspectos, os argumentos do autor se sustentam no grau de artificialidade dos ecossistemas e no questionamento da ideia de uma sociabilidade inteiramente urbana, mas defende a existência de múltiplas sociabilidades superpostas.

não existe uma sociabilidade urbana que possa ser contraposta a uma sociabilidade rural, mas sim uma multiplicidade de sociabilidades que podem até estar superpostas, como indicam os estudos sobre certas formas de comportamentos coletivos rurais no interior de regiões metropolitanas (VEIGA, 2004, p. 40).

Concordamos com Rua (2005, p. 53) quando considera que “utilizar modelos aplicados em países desenvolvidos para realidades tão diversas como a brasileira [nos casos de Abramovay e Veiga] pode nos levar a conclusões equivocadas”, uma vez que vivemos em um país com proporções continentais, onde o avanço tecnológico no campo é, muitas vezes, seletivo e atrelado às estruturas agrárias que remontam o período colonial.

Manifestamos também o mesmo pensamento de Rua (2005), ao considerar que as duas vertentes analíticas, se consideradas isoladamente, não são suficientes para explicar a complexidade do rural contemporâneo. Sendo assim, no próximo tópico apresentaremos uma outra vertente, que tenta conciliar a ideia de urbanização completa da sociedade (o rural lefebvriano) às de ressignificação do rural (novas ruralidades) no sentido de abarcar, como já

foi dito anteriormente, as múltiplas interações entre o campo e a cidade e entre o rural e o urbano na contemporaneidade.

#### 2.4 “NEM 8 NEM 80”: URBANIDADES NO RURAL/RURALIDADES NO URBANO E A PERSPECTIVA DE ESPAÇOS HÍBRIDOS

Como vimos, as discussões acerca da relação cidade-campo nas ciências sociais apresentam um número significativo de abordagens, que, no entanto, podem ser classificadas em duas perspectivas principais, no que se refere ao pensamento crítico.

Uma delas, a mais poderosa em número e influência nas produções sobre o tema, se sustenta na ideia de um contínuo onde as fronteiras do urbano e do rural se diluem em favor de uma urbanização física e também ideológica que viria e corroer as estruturas agrárias tradicionais. Essa perspectiva corrobora com as proposições de Henri Lefebvre de urbanização completa da sociedade e do planeta e avança em direção as ideias de fim do rural. Compactam de alguma maneira com essas perspectivas (de urbanização completa, de fim do rural ou que centralizam o urbano na relação com o rural passivo e dominado) em uma vertente que denominamos de “vertente clássica” tendo como ideias basilares as proposições de Lefebvre (1999) e representadas no Brasil nas formulações de Santos (2003), Octávio Ianni (1995) e Graziano da Silva (1997), por exemplo.

Já a outra perspectiva tem suas ideias centrais focadas nas novas ruralidades e de alguma maneira fazem um contraponto à vertente clássica. Nestas abordagens emergem múltiplos papéis assumidos pelo rural, novas representações e caminhos que se distanciam da ideia de fim do rural tão difundida nas ciências sociais, principalmente na década de 1990 no Brasil. A presença do urbano e dos processos de globalização no campo não o condenaria ao desaparecimento, mas sim, por outro lado, produziria movimentos de construção de novas identidades, de resignificação do rural, de revalorização de identidades locais e de resistência. Localizam-se nessa perspectiva abordagens economicistas centradas em dados estatísticos, populacionais com métodos exportados dos países centrais da OCDE, a exemplo de Veiga (2002) e Abramovay (2000), como também, abordagens centradas na dimensão simbólica e identitária, como nas produções de Carneiro (1998) e Moreira (2005).

Concordamos com Rua (2005, p. 53), ao considerar que as duas vertentes analíticas, se consideradas isoladamente, não são suficientes para explicar a complexidade do rural contemporâneo. Sendo assim, nesta seção apresentaremos uma outra vertente, que tenta

conciliar a ideia de urbanização completa da sociedade (o rural lefebvriano) às de ressignificação do rural (novas ruralidades) no sentido de abarcar, como já foi dito anteriormente, as múltiplas interações entre o campo e a cidade e entre o rural e o urbano na contemporaneidade.

A insuficiência destacada por Rua (2005) em relação a incapacidade das duas vertentes analíticas de, isoladamente, explicar a complexidade que marca o rural atual se justifica pelo fato de a vertente clássica preconizar o desaparecimento do rural e, por outro lado, a segunda vertente, que defende a ressignificação do rural, neste sentido, superestima o papel das ruralidades na relação urbano-rural. Isso não significa que essas perspectivas serão desprezadas na formulação de uma terceira abordagem, baseada na existência de urbanidades no rural, fruto da interação do urbano com o rural, do global como o local na escala da ação (RUA, 2005, 2006).

A ideia de espaço híbrido apresentada por Santos (Santos 1996) é o ponto de partida para a formulação dessa perspectiva integradora. Compreendendo o espaço como “resultado da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS 1996, p. 65) e que “devemos propor um outro modo de ver a realidade, oposto a esse trabalho secular de purificação, fundado [sempre] em dois polos distintos” (SANTOS 1996, p. 65). Desse modo, compreenderemos o campo e a cidade e o rural e o urbano, como parte integrante de uma mesma racionalidade (capitalista industrial) e atualmente cada vez mais imbricados.

Ressaltamos que não é algo novo essa imbricação entre campo/cidade e rural/urbano. Moreira, (2002, p. 30) já ressaltava o caráter híbrido da história do nosso país fundada sob uma base escravocrata e genocida na constituição de uma ruralidade “selvagem e incivilizada” e “interiorana oligárquica” pretérita que se presentifica no periférico brasileiro, na forma de uma democracia incompleta e principalmente nas desigualdades sociais características da nossa realidade contemporânea. Moreira ressalta também, uma certa ruralidade na cidade e na política brasileiras que “poderia também ser visualizada em nossos comportamentos tradicionais de apropriação privada dos espaços e dos bens públicos, de favorecimentos, de compadrio e de trocas de favores clientelísticos” (MOREIRA, 2005, p. 30).

Para compor esta abordagem mais integradora e uma contribuição geográfica ao tema, Rua (2005) considera os conceitos de território e escala como ferramentas importantes para rerepresentar a multiplicidade das interações urbano-rural. Ressalta a importância das dimensões cultural/simbólica na discussão, indo além das abordagens centradas em dados estatísticos, que privilegiam a dimensão funcional do campo, sustentados nos critérios

demográficos e populacionais.

Primeiramente, busca tomar por base as “novas territorialidades” fruto dessas interações. Para isso, recorre as palavras de Haesbaert (2001), a propósito de evidenciar as dimensões que compõem a noção de território e incorporá-las as discussões sobre o rural.

A primeira seria a simbólico-cultural, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre seu espaço e onde os geo-símbolos, que definem uma paisagem cultural, marcam a inscrição da cultura de um grupo sobre seu espaço. A segunda dimensão é a jurídico-política, bastante difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes visto como o poder político do Estado (HAESBAERT, 2001, p. 1770, *apud* RUA, 2005, p.55).

O autor explica que no espaço do rural essas dimensões estão constantemente em conflito, representado, por exemplo, pela pressão do poder público para transformar áreas tipicamente rurais em urbanas na perspectiva de arrecadação maior de impostos.

Rua (2005) introduz como fatores importantes, as dimensões econômica e política, a disputa entre classes sociais e a relação sociedade-natureza, um elemento novo, reflexo das novas visões de rural natureza. Discussões e visões do rural como paisagem a ser consumida, originadas nas cidades, cujos rebatimentos atingem diretamente as áreas rurais, seja na valorização da paisagem e do turismo rural, das segundas moradias que servem de refúgio para cidadãos ou novos moradores aposentados que decidem experimentar a paz, o ar puro ou a beleza do campo (natureza), mas que não abrem mão do conforto e dos modos vida urbanos.

Incorpora na discussão as múltiplas territorialidades, representadas pela capacidade de alguns atores sociais de experimentar múltiplas territorialidades, pois, “alguns grupos, os mais privilegiados, usufruem de uma multiplicidade inédita de territórios, seja no sentido da sua sobreposição num mesmo local, seja de sua conexão em rede por vários pontos do mundo” (RUA, 2005, p. 56).

Como suporte empírico para justificar a importância das múltiplas territorialidades como elemento desigualizador social e espacial no campo, Rua (2005) aciona a realidade carioca:

As inúmeras territorialidades experimentadas por um usineiro do Norte-Fluminense, com casa, empresa e terras na região, mas com residências (secundárias ou não) em Ipanema e em Paris, contrasta com a quase mono-territorialidade do cortador de cana da baixada campista ou do meeiro da

Região Serrana, em suas vivências cotidianas limitadas (p. 56).

A desigualdade social e espacial no campo propicia experiências e vivências diversas em múltiplas escalas (“mais amplas ou mais restritas”) a nível do indivíduo, constituindo assim um fator diretamente ligado à construção, (des)construção ou manutenção das identidades.

Outro elemento fundamental e transformador da realidade do campo, e também da cidade, é a relação entre os elementos característicos do global cada vez mais presentes, que ao entrar em contato com os elementos da economia, da cultura, das identidades e dos modos de vida locais, constituem uma dialética complexa que pode resultar na fragmentação das identidades e/ou na construção de outras, mas também em movimentos de ressignificação e reafirmação identitária, contribuindo diretamente para o caráter híbrido do espaço.

A questão da identidade assume papel importante na nossa concepção de espaços híbridos. Diante dos processos característicos da globalização atual que proporciona o contato entre diversas culturas, mesmo que de forma assimétrica e com o seu caráter homogeneizador, interfere diretamente nestas e conseqüentemente nas identidades, tornando-as fluidas e híbridas.

Para Stuart Hall (2006):

Parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas: menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2006, p.87).

Para o autor, a globalização assume o papel pluralizador sobre as identidades. O caráter destas se traduz nas múltiplas possibilidades de construção no contexto da pós-modernidade. Multiplicidade que se traduz nas várias possibilidades de desconstrução e fragmentação das identidades culturais, mas também em processos diversos de reivindicação identitária.

Para Hall (2006), o feito da globalização no processo identitário permanece contraditório. Segundo o autor, o que presenciamos é uma complexa relação entre o global e o local, em que a compressão do espaço e do tempo fragmenta as identidades culturais, tornando-as fluidas e, principalmente, híbridas, mas que, por outro lado, as identidades atreladas às tradições e raízes, que muitos condenaram ao declínio e ao desaparecimento

frente à identidades mais cosmopolitas e internacionais, permanecem e são realimentadas, muitas vezes por movimentos nacionalistas e/ou xenofóbicos, movimentos de reivindicação de direitos e de autorreconhecimento de comunidades tradicionais e por exemplo.

Moreira (2005, p. 30) destaca a relação entre o local e o global na constituição das ruralidades atuais, pois “o universo das ruralidades contemporâneas poderá ser visualizado a partir do pensamento sobre as relações do local e o global da pós-modernidade e da globalização”. Para o autor, o rural e as ruralidades pretéritas, com a solidez de definição típica da modernidade, tendem a desaparecer, no entanto, seriam reconstruídas como tradição de e no presente, “comporiam as realidades virtuais, os simulacros e as teatralizações próprias das culturas e das identidades pós-modernas” (MOREIRA, p. 30). Nesse contexto,

[...] a esfera da produção incluiria, então, tanto a produção e a apropriação do conhecimento técnico-científico na ordem competitiva capitalista, como a possibilidade de apropriação de conhecimentos culturais rotineiro de culturas não hegemônicas, como as indígenas, camponesas, de curandeiros e de minorias, e ainda, acrescentamos agora, a apropriação do rural imaginário que anteriormente delineamos (MOREIRA, 2002, p. 31).

Para o autor, no cotidiano as possibilidades são múltiplas. Além de refutar a ideia de desaparecimento do rural, apresenta a ruralidade presente numa relação íntima de culturas globais e locais, produzindo um rural imaginário que se manifesta também de maneiras diversas nas identidades, discursos e ações hegemônicas.

Santos (2006, p. 212) dá centralidade ao lugar, “visto como o intermédio entre o indivíduo e o mundo”. Na relação do local com o global, o cotidiano adquire novas dimensões, inclusive a espacial. Nesse sentido,

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O Mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo (SANTOS, 2006, p. 218).

Local e global se relacionam e se materializam no cotidiano, produzindo assim uma noção de espaço híbrido onde ao mesmo tempo se é único e também se é o mundo. Não se é possível compreender a realidade espacial atual sem considerar as múltiplas interações materiais e simbólicas que compõem uma estrutura global que tensiona e dinamiza as

estruturas locais.

Para Rua (2005, 2006), urbano e rural, local e global não podem ser pensados apenas como polaridades, mas como relações assimétricas que nas escalas das ações se manifestam, produzindo um espaço híbrido que se constitui em territórios múltiplos ainda por se revelar. Segundo o autor, “é nessa perspectiva transescalar e multiterritorial que compreendemos a interação urbano-rural, a partir da ideia de urbanidades no rural” (RUA, 2005, p.56).

O que seriam então essas urbanidades no rural? De que forma contribuem para a compreensão do rural atual e sua interação com o urbano? Ultrapassa em que as discussões apresentadas na vertente centrada nas novas ruralidades? Rua (2006) parece responder a tais questionamentos definindo urbanidades e problematizando a antinomia rural x urbano:

[...] o urbano presente no campo, sem que cada espacialidade perca suas marcas. Logo o espaço híbrido que resulta dessas interações, não é um urbano ruralizado nem um rural urbanizado. É algo novo, ainda por definir e que desafia os pesquisadores, tanto nos países da OCDE [...], quanto em países como o Brasil, onde se luta para ultrapassar a concepção oficial de que rural é tudo que não é urbano (RUA, 2006, p. 95).

As urbanidades se manifestam em primeiro lugar na dimensão social, política e cultural (a psicofera), para só depois se materializar por meio das ações e objetos técnicos de caráter urbano (a tecnosfera). Rua (2002, 2005) admite a disseminação de valores urbanos no espaço rural (as urbanidades no rural) sem defender a ideia de um processo de industrialização e urbanização total do campo. Nesse sentido o capitalismo integraria sem homogeneizar, o rural é incorporado pela urbanização, mas guarda suas especificidades.

As urbanidades, propostas por Rua (2005), nos permite analisar as relações rural-urbano a partir da ideia de urbanização do rural, sem, contudo, evidenciar uma passividade do rural a essa urbanização. O autor propõe a ideia de hibridez entre rural e urbano, produzida por diversos atores no âmbito de uma estrutura global que se materializa entrando em conflito com o local e produzindo territorialidades. Nesse sentido, “desenham-se múltiplas espacialidades/territorialidades (híbridas de urbano e rural) numa integração multiescalar, que marcam o momento atual de (re) significação do rural e da natureza” (RUA, 2005, p. 54).

Rua (2005) argumenta ainda que o desafio atual “está em como operacionalizar tal abordagem” e a “necessária aproximação com a empiria”. Buscar elucidar e compreender as novas relações entre a cidade e campo, o rural e urbano, caracterizadas pela interação, coexistência e imbricação de conteúdos do rural e do urbano e as “múltiplas territorialidades criadas por esse caráter híbrido que o espaço adquire” (RUA, 2006. p. 100).

Nessa perspectiva, considera-se que, tanto a cidade quanto o campo são espaços híbridos de ruralidades e urbanidades, pois são constituídos de conteúdos urbanos e rurais que coexistem, interagem e se superpõem. E essas manifestações híbridas são particularmente fortes nos municípios cuja sede é formada por pequenas cidades. Mais do que urbanidades no rural e ruralidades no urbano (que de fato se manifestam), observa-se campo e cidade complexos e preche de urbanidades e ruralidades, que refazem cotidianamente a história e a geografia desses espaços híbridos. É assim que pensamos as experiências plurais que se manifestam na cidade Água Fria (Ba) e nos povoados do Topo. Analisar as atividades e os elementos que se caracterizam como urbanidades no município de Água Fria/BA. Um contexto em que urbanidades e ruralidades se encontram e se imbricam, conformando a realidade socioespacial, (re) constroem as identidades e produzem territórios/territorialidades a partir da relação tão próxima entre conteúdos e elementos do urbano e do rural no município de Agua Fria/BA.

O desafio está posto para nós e para aqueles que por ventura se dedicam a estudar o rural e/ou as relações cidade-campo na atualidade, elucidar e compreender as novas relações entre a cidade e campo, o rural e urbano, caracterizadas pela interação, coexistência e imbricação de conteúdos do rural e do urbano, numa hibridez potencialmente produtora de territórios e identidades múltiplas ainda por definir.

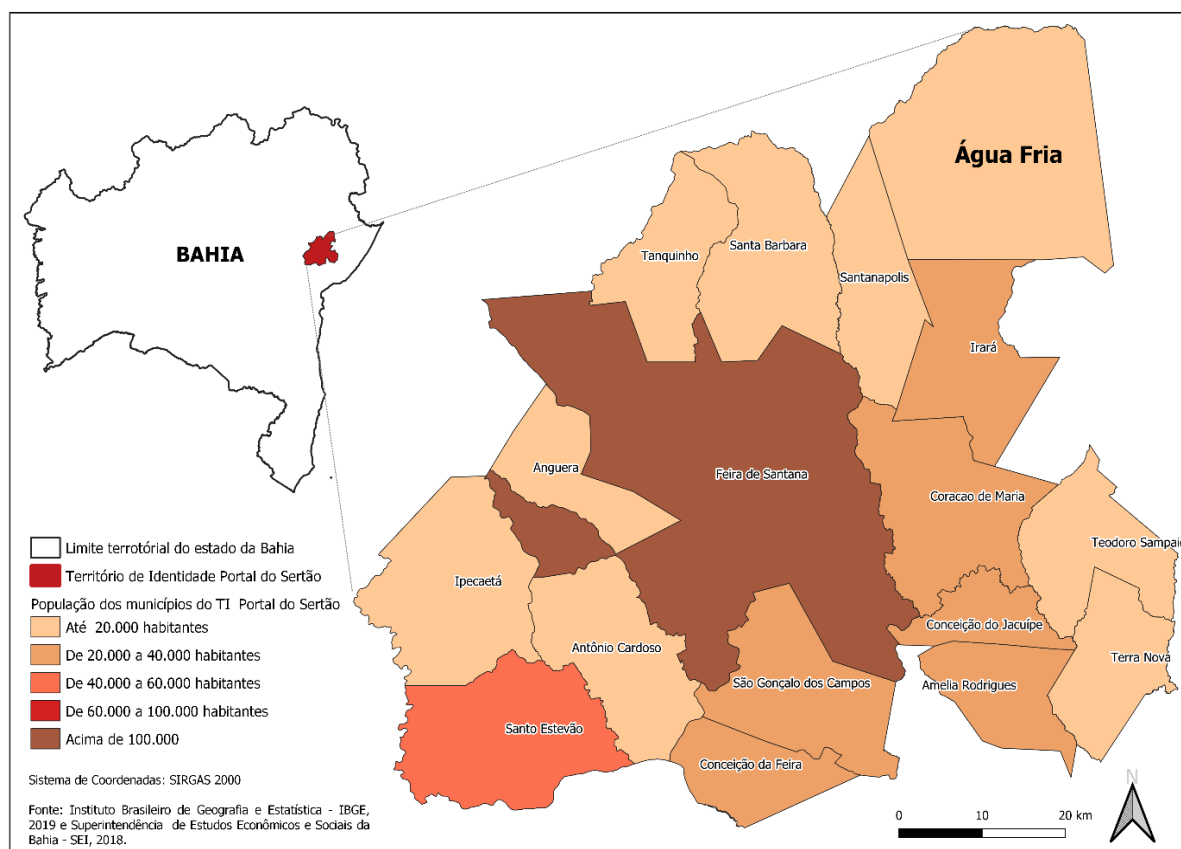


### 3 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE ÁGUA FRIA/BA

O município de Água Fria está localizado na macrorregião Nordeste da Bahia, mais precisamente no Território de Identidade do Portal do Sertão (Figura 2), com uma área de aproximadamente 742.775 km<sup>2</sup>, localizado na transição entre as sub-regiões climáticas do agreste e do sertão (IBGE, 2020).

O município de Água Fria é classificado pelo Plano Nacional de Habitação (PlanHab), no “Estudo Caracterização dos Tipos de Municípios” (2010), como uma cidade pequena em área rural pobre e com baixo dinamismo (AKAISHI, 2013, p. 61), realidade apresentada pela maioria dos municípios baianos, assim como no Território de Identidade Portal do Sertão.

**Figura 2** – Território de identidade Portal do Sertão.



Numa área de 742.745 km<sup>2</sup> vivem aproximadamente 17.033 habitantes do município,

resultando numa densidade demográfica considerada baixa de 23,77 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2019). A série histórica de censos do IBGE (1991, 2000 e 2010) mostra que a população residente nas áreas urbanas tem aumentado e, conseqüentemente, percebe-se uma redução da população rural (Tabela 1).

**Tabela 1** – Evolução populacional do Município de Água Fria/BA - 1991-2020.

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO TOTAL	TAXA DE URBANIZAÇÃO
1991	3.122	11.023	14.145	22%
2000	4.324	10.394	14.718	29%
2010	5.777	9.994	15.726	37%
2020	*	*	17.033	*

Fonte: IBGE (1991, 2010 e 2020).

Nota: (\*) Não obtivemos a informação.

No entanto, esse movimento acontece de forma lenta durante o período analisado, sem nenhum elemento que represente uma mudança radical na realidade local, visto que a população rural ainda representa uma maioria frente à população urbana, sendo 63% e 37% respectivamente.

Com uma população estimada pelo IBGE (2020) de 17.033 habitantes, o município de Água Fria é caracterizado pela pobreza, tanto no campo quanto nas áreas urbanas (AKAISHI, 2013, p.61), mantendo uma dependência em relação às cidades maiores, principalmente a cidade de Feira de Santana. Essa dependência se revela na busca por serviços médicos hospitalares, bancários, comerciais, universitários e empregatícios. É muito comum o movimento pendular de estudantes universitários do município para universidades públicas e privadas na cidade de Feira de Santana e Serrinha, por exemplo, assim como a migração de parte da população em razão da reduzida oferta de empregos, principalmente no setor do comércio e serviços.

Outra característica importante do município de Água Fria é sua localização no semiárido baiano e, conseqüentemente, no perímetro denominado polígono das secas (Figura 3).

**Figura 3:** Localização do município de Água Fria no semiárido.



Fonte: AKAISHI (2013), com base no mapa da Agência Nacional de Águas (ANA)/Ministério da Integração Nacional

Por estar localizado no perímetro do polígono das secas e com grande parte de seu território dominado pelo clima e pela paisagem semiáridos (Figura 04), o fenômeno climático da seca sempre representou um problema para a economia do município, principalmente no que se refere ao campo. Além de interferir de forma direta na agricultura local, exige esforços dos pequenos produtores de gado bovino para remanejar os rebanhos das áreas mais secas para as áreas mais úmidas (os “tabuleiros”) nos períodos de estiagem, por exemplo.

**Figura 4:** Paisagem semiárida, povoado do Topo - Água Fria/BA.



Fonte: Uarle Carvalho (2019).

Além de caracterizada pela predominância dos climas seco e subúmido, a Região do semiárido se destaca pelas condições socioeconômicas de sua população. Historicamente, essa região apresenta os maiores índices de subdesenvolvimento do país, caracterizada por altos índices de pobreza, analfabetismo, mortalidade infantil e baixos níveis de renda, escolaridade e acesso a saneamento básico, por exemplo. Realidade essa observável no município de Água Fria, revelada por seus indicadores econômicos e, principalmente, pelos indicadores sociais.

O município está estruturado administrativamente em dois distritos, o distrito sede (a cidade) com 10.595 habitantes e o distrito de Pataíba com 5.064 habitantes. Na área urbana da sede residem 1.605 pessoas, onde se encontram a prefeitura (Figura 5) e as demais secretarias da administração municipal. Na área urbana do distrito de Pataíba, residem 1.444, maior núcleo urbano depois da sede do município, com relativa importância na administração local, possuindo inclusive uma subprefeitura (Figura 6). Sob os domínios jurídico-administrativos dos dois distritos, diversos povoados constituem a área rural, Catana velho, Catana novo, Topo, Fazenda nova, Maracaiá, Curral de Fora, entre outros, além do Assentamento dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra Menino Jesus.

**Figura 5:** Sede da Prefeitura Municipal de Água Fria/BA.



Rafael Carvalho, 2021.

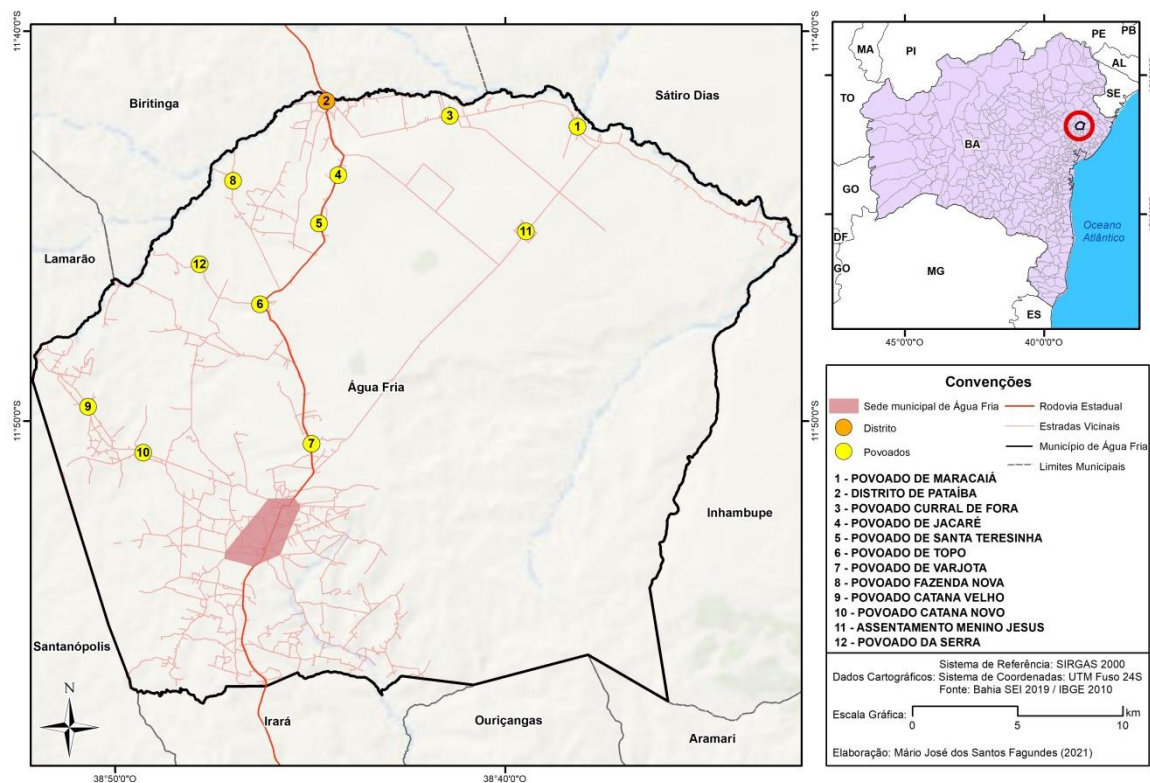
**Figura 6:** Subprefeitura no distrito de Pataíba, Água Fria/BA.



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Na Figura 7, reproduzimos o mapa do território municipal, contendo a localização da sede municipal, do distrito de Pataíba e de alguns dos povoados, incluindo o nosso recorte espacial, o povoado Topo,

**Figura 7:** Mapa do município de Água Fria/BA.



### 3.1 QUADRO ECONÔMICO E SOCIAL DO MUNICÍPIO DE ÁGUA FRIA/BA

O Produto Interno Bruto (PIBM) do município de Água Fria aumentou 121,20% entre o período de 2010 (61,8 milhões) a 2017 (136,6 milhões), conforme dados da Tabela 1. Sua posição passou da 255ª em 2010 para a 235ª, melhorando 20 posições no *ranking* estadual, ou seja, comparado aos outros 416 municípios do estado da Bahia. Quando comparado à realidade nacional sua classificação é a 3.242ª avançando 105 posições em 7 anos no *ranking* dos 5.570 municípios que constituem o território brasileiro.

**Tabela 2** – Evolução do PIB e do PIB per capita no município de Água Fria /BA (2010-2017)

Ano	PIB (R\$ Milhões)	PIB <i>per capita</i> (R\$ 1,00)	Posição na Bahia	Posição no Brasil
2010	61,8	3.931,44	255º	3.457º

<b>2011</b>	75,3	4.767,47	236°	3.359°
<b>2012</b>	69,4	4.384,35	276°	3.630°
<b>2013</b>	80,2	4.754,57	274°	3.638°
<b>2014</b>	91,6	5.402,26	270°	3.556°
<b>2015</b>	106,7	6.264,03	258°	3.408°
<b>2016</b>	139,0	7.976,55	216°	3.121°
<b>2017</b>	136,7	7.809,25	221°	3.242°

Fonte: IBGE, 2020.

Elaboração: FAGUNDES, M. J. S. 2020.

O setor da economia que mais contribuiu para o PIB do município foi o de comércio e serviços, seguido pela indústria e pela agropecuária. É notória, também, a importância dos serviços públicos na economia local, representando não apenas a maior participação no PIB municipal, como também a principal fonte de emprego e renda (ver tabela 2 e gráfico 01).

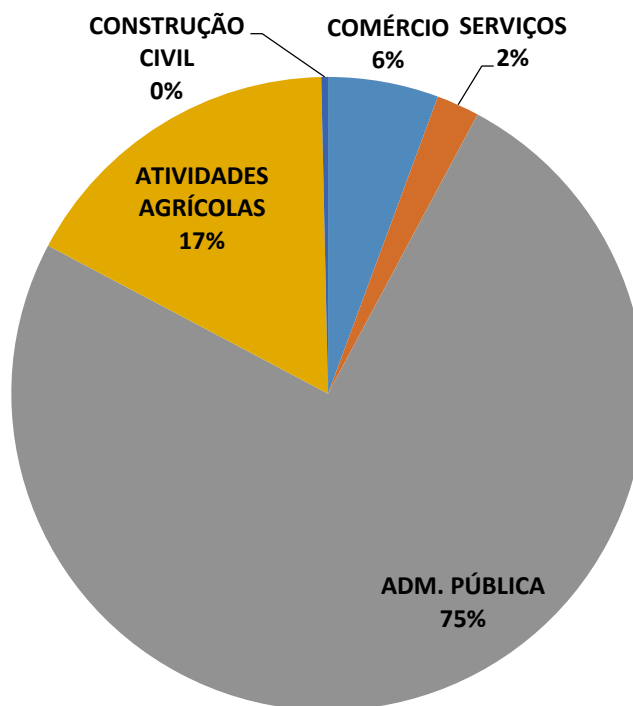
**Tabela 3** – Participação dos setores de atividade no PIB do município de Água Fria/BA – 2018

<b>SETORES DE ATIVIDADE</b>	<b>QUANTIDADE MILHÕES)</b>	<b>(R\$</b>	<b>VALORES RELATIVOS (%)</b>
Agropecuária		13,4	1,38%
Indústria		24,1	2,48%
Comércio e Serviços (públicos e privados)		935,8	96,15%
Total		973,3	100%

Fonte: Elaborado pelo autor, IBGE (2020).

A agropecuária também se destaca na economia local quando se trata de pessoal ocupado por setor da economia, representando 17% do pessoal ocupado no município como podemos observar no gráfico 1. Apesar do pequeno peso da agropecuária no que se refere à participação dos setores de atividade na economia, sua participação ainda é importante para economia local, quando se trata de pessoal ocupado por setor da economia, representando 17% do pessoal ocupado no município. Este dado é fundamental para compreender a importância das atividades agrícolas na geração de emprego e renda nos municípios (e pequenas cidades), pois, nota-se que o setor que mais cresce em termos de peso econômico é o comércio e serviços, setores tradicionais da constituição do urbano.

**Gráfico 1** – Relação do pessoal ocupado por setor de atividade econômica no município de Água Fria/BA.



Fonte: Elaborado pelo autor, IBGE/SEI, 2010.

Os dados do Gráfico 1 revelam outra característica marcante das pequenas cidades, que

vivem quase que exclusivamente dos repasses federais, o Fundo de Participação dos Municípios (FPM), e estaduais, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), e como o Estado-município social é o maior empregador da cidade, menor volume de dinheiro repassado significa menos recursos financeiros circulando na cidade” (BACELAR, 2009, p 9).

Neste caso, constatou-se que 75% do pessoal ocupado estão empregados na administração pública, indicando uma forte dependência da população em relação ao poder público municipal.

Os principais produtos da agricultura temporária do município são a mandioca, o milho e o feijão (Tabela 4), dados que apontam a importância da agricultura camponesa. A produção de castanha de caju tem destaque entre as lavouras permanentes, no entanto a silvicultura se demonstra um elemento importante na economia, não apenas pelo valor de sua produção, mas principalmente pela área ocupada, 3.555 hectares, a maior entre todas as produções agrícolas do município.

**Tabela 4** – Principais lavouras temporárias no município de Água Fria/BA

LAVOURAS TEMPORARIAS	ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	ÁREA COLHIDA (ha)	VALOR DA PRODUÇÃO (X 1000) R\$
<b>Feijão</b>	1.717	174	889	322
<b>Milho</b>	1.151	247	611	305
<b>Mandioca</b>	414	274	148	353
<b>Palma</b>	202	666	70	70
<b>Amendoim</b>	59	7	16	16
<b>Fumo</b>	33	12	15	61

Fonte: Censo Agropecuário 2017, IBGE (2020)

**Tabela 5** – Principais lavouras permanentes no município de Água Fria/BA

LAVOURAS PERMANENTES	ESTABELECIMENTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	ÁREA COLHIDA (ha)	VALOR DA PRODUÇÃO (X 1000) R\$
<b>Eucalipto</b> (silvicultura)	*	800	3.5	46
			55	
<b>Caju</b>	42	33	42	21
- Castanha	32	32	40	19
- Fruto	19	1	2	2
<b>Banana</b>	6	1	1	1

Fonte: Censo Agropecuário 2017, IBGE (2020)

Nota: (\*) Não obtivemos a informação

Na pecuária os maiores rebanhos são o bovino, o ovino e o suíno, com destaque para a produção avícola, como podemos observar na Tabela 06.

**Tabela 6** – Principais rebanhos da pecuária no município de Água Fria/BA

Rebanho	Galináceo	Bovino	Ovino	Suíno	Equino	Caprino
Efetivo (cabeça)	258.856	7.106	2.875	1.475	1.215	415

Fonte: PAM, 2018; IBGE, 2020.

A produção de gado de corte é a mais representativa e está relacionada à formação histórica do município. Realizada por pequenos e médios produtores, assim como os demais rebanhos, com exceção da produção de aves que também é realizada pela empresa Avícola VKR- Matrizes e Aves. Uma característica peculiar em relação ao quantitativo dos rebanhos é

que a apesar da caprinocultura ser a mais resistente ao semiárido, representa, porém, o menor quantitativo em relação aos demais. Este fato pode está relacionado a diversos fatores que caracterizam o rural do município, como a concentração da terra nas mãos dos fazendeiros e a destinação destas para o rebanho bovino, por exemplo.

Além de uma economia pouco dinâmica, o município de Água Fria também se caracteriza por indicadores sociais ruins e uma baixa qualidade de vida de sua população. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Água Fria é de 0,550 (Tabela 7). Apesar da melhoria no IDHM no período entre 1991 e 2010, o índice continua baixo, assim como a posição que o município ocupa no contexto baiano e nacional.

**Tabela 7** – Evolução do IDHM de Água Fria/BA

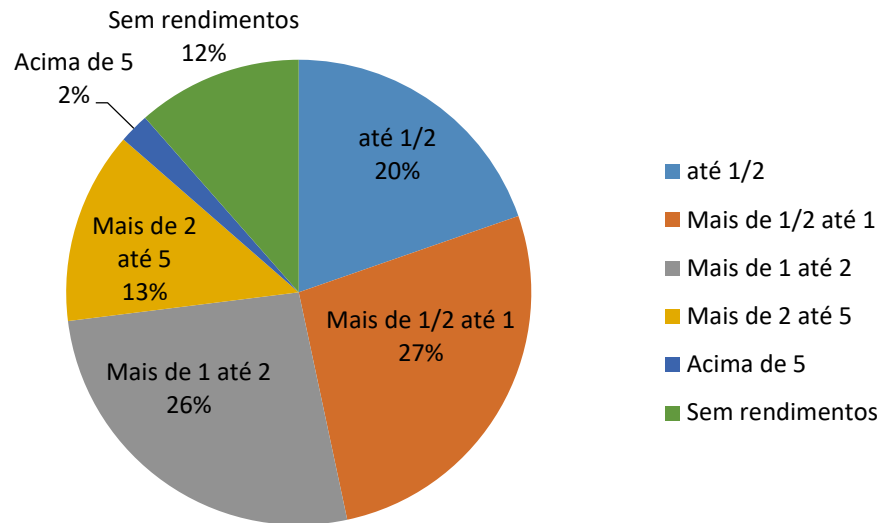
<b>ANO</b>	<b>IDH</b>	<b>POSIÇÃO NO BRASIL</b>	<b>POSIÇÃO NA BAHIA</b>
1991	0,230	5.202°	360°
2000	0,320	5.017°	326°
2010	0,550	5.194°	368°

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em IBGE, 1991, 2000, 2010.

Constata-se também que o aumento no IDH do município não representou uma melhora na sua posição quando comparado aos demais municípios do país, representando apenas um avanço de oito posições no ranking nacional. No comparativo com os demais municípios do estado da Bahia a situação ainda piora, caindo oito posições entre o ano de 1991 a 2010. Esses dados são de suma importância, pois indicam uma possível concentração da renda, visto que as melhorias e o crescimento da economia e do PIB não revelam melhorias no IDH do município.

A renda média da população ocupada assalariada é de dois salários mínimos, de acordo ao Cadastro Central de Empresas do IBGE (2018). Ao analisar o gráfico 2, que apresenta a classe de rendimentos mensal do município, podemos observar que cerca de 12% da população adulta não possui renda alguma e quase a metade da população vive com menos de um ou no máximo um salário mínimo, 46,7%. Outra parcela significativa vive com mais de um a cinco salários, cerca de 39%. Apenas 2% vive com renda acima de cinco salários mínimos, o que revela a baixa renda da população como uma das características do município.

**Gráfico 2** – Classe de rendimento mensal em salários mínimos – Água Fria/BA.



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado no censo IBGE, 2010

As condições de moradia no município, de acordo a Akaishi (2013), também reflete o quadro de pobreza do município, onde se é possível encontrar habitações precárias (casas de taipa ou adobe, ausência de banheiros e saneamento básico, por exemplo) tanto no campo quanto na cidade (ver Figura 8).

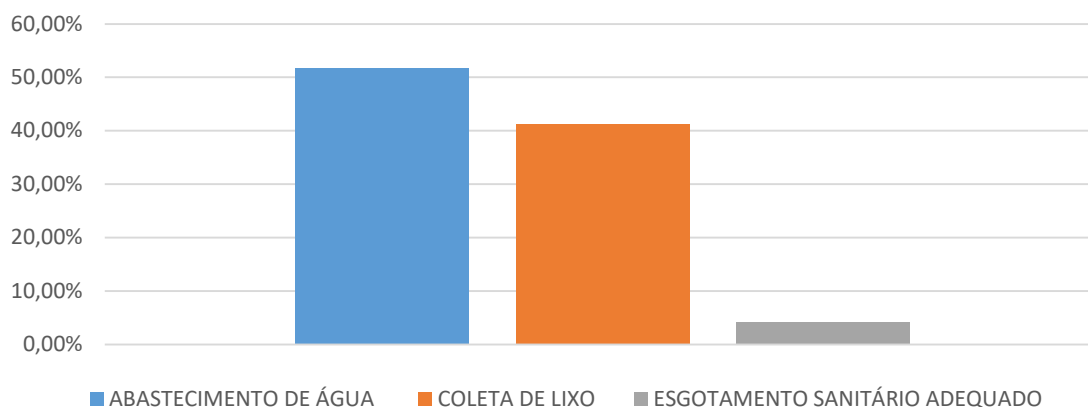
**Figura 8:** Casa de adobe no povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Os dados de esgotamento sanitário do município é um indicador desta situação. A qualidade do saneamento básico interfere diretamente na qualidade de vida da população, no Gráfico 3, apresentamos um panorama da realidade encontrada no município.

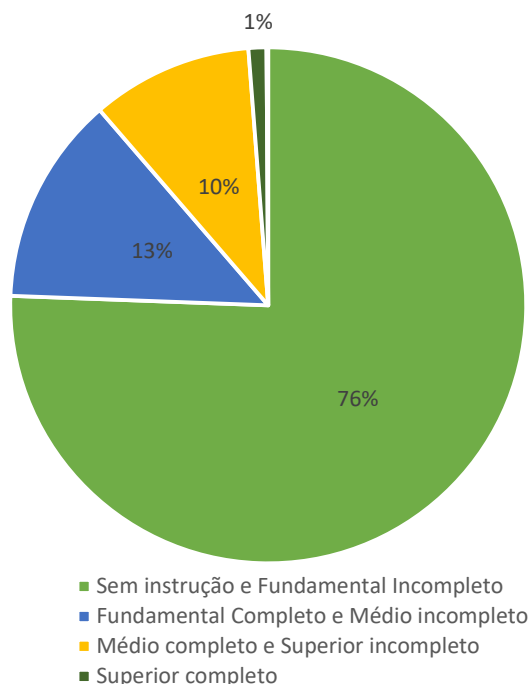
**Gráfico 3** – Esgotamento sanitário no município de Água Fria/BA por domicílio.



Fonte: BAHIA, 2017.

O Gráfico 3 nos mostra que pouco mais da metade dos domicílios tem abastecimento de água, logo se supõe que grande parte da população esta sujeita às adversidades geradas pela falta de acesso a água potável e com tratamento adequado, como doenças virais ou bacterianas e verminoses, por exemplo, além da dificuldade no acesso a água numa área de clima seco. A situação piora quando se trata da coleta de lixo que não atinge sequer a metade dos domicílios, o que sugere a existência de problemas ambientais seríssimos relacionado ao descarte do lixo, intensificados pela quase ausência de esgotamento sanitário adequado, que contribui para a poluição do solo e dos mananciais.

O grau de instrução da população também interfere diretamente no IDH dos municípios. Quando a população apresenta um grau baixo de escolaridade pode significar dentre diversas consequências, mão de obra desqualificada, dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, baixos salários que interfere de forma significativa na renda e na qualidade de vida. O Gráfico 4 nos mostra que 76% da população do município não concluiu o Ensino Fundamental e apenas 1% concluiu o Ensino Superior. Esses dados nos mostram que a baixa escolaridade também é um entrave para o desenvolvimento econômico e social do município de Água Fria.

**Gráfico 4** – Grau de instrução da população – Água Fria/BA.

Fonte: IBGE, 2010.

Vale salientar que esses dados apresentados no gráfico 4 são do Censo Oficial do IBGE 2010 e que, assim como outros indicadores, como PIB e PIB *per capita*, por exemplo, que são divulgados anualmente, deve ter ocorrido significativas mudanças, perceptíveis para quem vive a atual realidade do município, com diversos transportes públicos que levam estudantes para universidades públicas e privadas de cidades como Serrinha, Feira de Santana e Alagoinhas, pelo avanço da Educação à distância (EAD), e projetos sociais de inserção de jovens na universidade como o Universidade na Comunidade (UNICOM) e o Universidade Para Todos (UPT), implantados pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com o governo estadual.

Os dados econômicos e sociais são reveladores de um município pobre econômica e socialmente, caracterizado pela concentração da renda, desemprego da população, baixa escolaridade, precariedade nas condições de moradias, entre outros problemas apresentados até aqui neste capítulo. Compreendemos que esta realidade é fruto de relações e processos excludentes e desigualizadores, característicos dos processos de colonização que marcaram a história do município, mas que se fazem presentes até os dias de hoje, cristalizados sob a forma de problemas econômicos e sociais crônicos na realidade local, como a concentração da terra, a desigualdade social, a pobreza da maioria da população, a estagnação econômica,

entre tantos outros. Portanto, é de suma importância considerar essas relações e processos econômicos, sociais e culturais que marcaram a história do Município de Água Fria, no contexto da colonização do Sertão, compreendendo a importância destes para a configuração da realidade que nos é imposta atualmente.

Para a análise dos fatos históricos que culminaram na constituição do povoado do Topo, considerando os processos implantados pelos colonizadores e suas consequências, e por não dispormos de uma vasta literatura acerca da colonização da região, tomaremos por base teórica as produções da historiadora Jucelia Bispo dos Santos<sup>1</sup> que tem se dedicado aos estudos da colonização do Sertão, mais precisamente na região que se refere à antiga sesmaria de Água Fria, que por meio de buscas, análises e interpretação de diversos documentos históricos referentes à instituição de sesmarias e freguesias, concessão de terras, cartas e petições, aliadas a relatos antigos de moradores do atual território de identidade do Portal do Sertão, construiu um trabalho relevante sobre a constituição de comunidades camponesas e quilombolas no passado da região.

Apesar de direcionado para a questão quilombola, Santos (2009) nos auxilia na compreensão das relações entre índios nativos, brancos portugueses e negros escravizados, ao se afastar das visões genéricas e idílicas, para se aproximar das reais ações e reações de cada grupo social envolvido no processo histórico de colonização, das políticas públicas implantadas e suas consequências, dos acordos firmados no cotidiano e de paradoxos que constituíram a história e a configuração dos municípios em questão, inclusive o do município Água Fria, que mais nos interessa nessa pesquisa.

Segundo Santos (2009), a colonização da região teve início ainda no século XVII com as primeiras missões jesuíticas da região, tendo como marca dessa época a construção da igreja de São João Batista, que chama a atenção pela imponência, ainda nos dias de hoje, na Praça da Matriz da cidade de Água Fria (figura 14).

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2002), mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2008) e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (2014). Professora de sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

**Figura 9:** Igreja Matriz de Água Fria, símbolo da presença dos padres jesuítas na região.



Fonte: Rafael Ora do Nascimento, 2020.

A imponente igreja que se destaca frente às demais construções na praça de Água Fria revela a importância política da Vila de São João Batista de Água Fria no período colonial, um dos primeiros aldeamentos do interior da Bahia e que deu origem a diversos municípios como Irará, Serrinha, Biritinga, Lamarão, Santanópolis, entre outros, e inclusive, o município de Feira de Santana.

No entanto, foi no final do século XVII e no século XVIII, com a implantação da criação de gado bovino na Bahia, que surgem os fazendeiros como figuras importantes no contexto social da época. Exercendo o papel de desbravadores do sertão, avançavam sobre as terras indígenas dando origem aos principais conflitos daquele período, a disputa entre os fazendeiros e os grupos indígenas que habitavam a região.

Segundo Santos (2009), esses conflitos aconteciam devido às diferentes formas de relação com a terra, pois enquanto a presença dos brancos colonizadores estava intimamente relacionada à posse, povoamento, domínio e exploração da terra, os índios que aqui não detinham a noção de propriedade, desrespeitando os limites demarcados pelos colonizadores, “invadindo” as terras, atacando vilas e até os rebanhos:

Não tendo noção de propriedade, muitos grupos indígenas atacavam o gado criado solto nas fazendas pelo fato de enxergarem como a caça algo que fazia parte da natureza. Assim, os indígenas exerciam fortes ameaças para os colonos, uma vez que atacavam as vilas, plantações e fazendas dos moradores. Esta prática causava grandes transtornos aos curraleiros e

denúncias a este respeito eram recorrentes da época. A maior parte da documentação pesquisada faz referências aos perigos que os indígenas oferecem a essas regiões do sertão baiano, já que representavam uma assustadora e constante ameaça de ataque (SANTOS, 2009, p. 6).

Segundo as pesquisas documentais realizadas pela autora, as cartas e petições da época, destinadas à coroa portuguesa denunciavam os constantes conflitos entre os curraleiros e indígenas. Os transtornos relatados contribuíram para a construção da imagem do índio como Selvagem e incivilizado e para a intensificação da implantação de missões jesuíticas na região.

Durante a segunda metade do século XVII, algumas expedições jesuíticas foram montadas a fim de combater os índios que estavam atacando as vilas da região. A Companhia de Jesus se instalou na região [...] com o objetivo de implantar a catequese. Essa catequização significava a imposição de outra cultura, a cristã. Assim, as missões conduziam a política de aldeamento da Coroa portuguesa, que assegurava os diversos interesses da colonização, como também respondia aos objetivos religiosos dos missionários da Igreja. A destruição da cultura indígena representava o sucesso dos aldeamentos e da política metropolitana inspirada por eles (SANTOS, 2009, p. 6-7).

Nessa passagem aparece a figura do Jesuíta como fundamental na colonização da região, amenizando os conflitos entre fazendeiros, curraleiros e indígenas, criando vilas e pequenos aldeamentos. Assim os interesses coloniais de povoamento da região e também o interesses religiosos de cristianização dos indígenas se imbricam e promovem não apenas a tomada das terras como a fragmentação da cultura, dos hábitos e modos de vida indígenas.

Os aldeamentos jesuítas eram constituídos por uma população mestiça onde viviam além dos padres jesuítas, que se tornavam donos das terras do povoado e seus arredores, negros (livres e fugidos da escravidão nas fazendas e cidades do Recôncavo) e índios catequisados. O trabalho na roça, com a produção de milho, feijão, fumo e mandioca, representava a atividade central desses aldeamentos que garantiam a posse de pequenas quantidades de terra, segurança e liberdade, principalmente para a população negra e indígena. Por outro lado “a formação de aldeias foi considerada como um meio imprescindível para cristianizar os índios e para aproximá-los da sociedade colonial” (SANTOS, 2009, p. 17).

Segundo Santos (2009), esses aldeamentos se concentraram principalmente ao sul e oeste da freguesia de São Batista de Água Fria e guardam uma importância histórica por terem dado origem a diversas cidades como Coração de Maria e Iará, e também a diversos

povoados, como Bento Simões e Caroba, pertencentes também a Iará. Nesse sentido “as vilas, as cidades que emergiram da sesmaria de Água Fria, são todas provenientes dos aldeamentos jesuíticos que foram instalados na região. Portanto, cidades como o distrito sede do município de Iará tiveram como sítio histórico as antigas vilas formadas pelos jesuítas na segunda metade do século XVII” (SANTOS, 2009, p. 7).

Esses aldeamentos permaneceram sob a jurisdição dos jesuítas até o ano 1759 quando

A partir do supracitado ano, foram confiscados os bens da Companhia em toda a colônia, pois, o Marquês, fez publicar uma lei que dava os jesuítas como "desnaturalizados, proscritos e exterminados" em Portugal e nas colônias. Nesta ação contra os religiosos, foram processadas as deportações de alguns jesuítas para os Estados Pontifícios. A expulsão dos jesuítas foi decorrente de uma série de disputas por poder, privilégios e riqueza, entre eles os grandes proprietários de engenhos, fazendas de cana, habitações e escravos que representaram uma grande riqueza e proporcionaram um enorme poder político (SANTOS, 2009, p. 13).

Com a expulsão dos Jesuítas e a passagem da jurisdição desses aldeamentos para as mãos do Estado intensificaram-se então os conflitos na região com a redefinição de terras, perseguição à população indígena, aos negros ex-escravos que viviam nos aldeamentos e aos quilombos que se proliferaram durante o período que prevaleceu o domínio Jesuíta na região.

Entre a segunda metade do século XVII e o início do século XVIII, os fazendeiros ganham poder e proteção do Estado para expandir seus territórios à custa da invasão das terras indígenas e quilombolas. “Assim, os fazendeiros foram anexando mais terras ao seu domínio, sobretudo, as terras que pertenciam a Companhia de Jesus, implantando fazendas e currais de gado” (SANTOS, 2009, p. 14).

Os currais, contraditoriamente, contribuíram para o avanço dos fazendeiros sobre as terras indígenas, mas também para a formação de comunidades quilombolas, formados por negros fugidos dos antigos aldeamentos jesuítas, das cidades, fazendas e engenhos do Recôncavo e do cativoiro nas novas fazendas de gado. Muitas fazendas e currais também abrigavam uma população de escravos e ex-escravos que trabalhavam em troca de proteção, residindo em casebres pobres e servindo de mão de obra para os latifúndios.

Outro fato importante para consolidação da pecuária bovina extensiva baseada no aumento das possessões de terra foi a nova Lei de Terras de 1850, que obrigava os proprietários a cercarem suas terras como garantia de posse. Segundo Santos (2009), a

maioria dos pequenos proprietários de terra não dispunha de condições para cercar suas posses, ou cercavam apenas parte delas, o que resultava na perda de terras por parte dos pequenos e aumento das posses dos grandes proprietários, estes além de cercarem áreas extensas, aumentavam seus territórios soltando o gado na mata e invadindo as pequenas produções agrícolas. Essa lei apenas aumentou os conflitos pela terra na região, as dificuldades de acesso à posse da terra, e ampliou o poder econômico e político dos fazendeiros, contribuindo para a concentração da terra nas mãos de uma minoria majoritariamente branca e para a exclusão da maioria negra e indígena desse direito.

Após o fim da escravidão, instituída em 1888, intensificaram-se novas relações entre os fazendeiros criadores de gado e a população mais pobre formada por negros, indígenas e mestiços:

Muitos fazendeiros com pouca mão-de-obra para a produção agrícola recorriam à força de trabalhadores livres que desenvolviam suas atividades em grupos estabelecidos pela origem familiar. Nesse processo, surgia a doação de terras para ex-escravos. Assim, os proprietários disponibilizavam um pequeno pedaço de terra e uma pequena casa em troca de um aluguel, e exigiam lealdade e submissão por parte dos trabalhadores, “moradores”. Desse modo, o apoio ao processo lento e gradual de extinção da escravatura levou a incorporação do trabalho livre (SANTOS, 2009, p. 20).

Surge nesse contexto outra figura importante na composição da estrutura social da região, o meeiro:

trabalhadores residentes em terras alheias e que continuariam tendo uma série de obrigações para com os proprietários, como por exemplo, a de prestarem certo número de dias de trabalho por semana a um preço bem baixo. Nos demais dias eles poderiam cultivar gêneros alimentícios, atividades que realizavam com a ajuda de toda a família. Este serviço foi conhecido como o trabalho à meia (SANTOS, 2009, p. 20-21).

O trabalho à meia substituiu o trabalho escravo, mas, no entanto, não rompia com a estrutura agrária e de privilégios impostas pelos colonizadores. A terra permanecia nas mãos dos brancos e, conseqüente, os meeiros tornavam-se dependentes e, de certa forma, gratos aos fazendeiros pelas terras recebidas.

Para Santos (2009), a figura do meeiro se assemelha a um semi-escravo dependente e dominado agora por latifundiários. Uma relação desigual que continuava a favorecer uma classe abastada de maioria branca e, além do privilégio da posse da terra, os promovia a verdadeiros coronéis, impondo seus interesses econômicos e políticos, em detrimento de uma

maioria mestiça que, excluída da posse da terra, se submetia aos desmandos dos latifundiários em troca de um pedaço de terra para sobreviver e trabalhar livremente.

Vale ressaltar que a maioria dessas terras na verdade consistiam em “pedaços de terra improdutivos, mais altos, sem trato e distantes da água” (SANTOS, 2009, p.20), ou seja, de pouco valor ou sem valor algum para os fazendeiros.

Foi nessas terras que ex-escravos, índios e mestiços viveram, casaram-se entre si, constituíram numerosas famílias que serviam de mão de obra para as fazendas e deram origem a comunidades de homens livres que praticavam a agricultura de subsistência e pequenas criações, caracterizadas pelo trabalho coletivo e familiar.

Essas comunidades de homens livres, formadas por agricultores, meeiros e vaqueiros agregados às terras de fazendeiros deram origem a grande parte dos povoados que constituem o atual município de Água Fria. Dentre estes, o povoado do Topo, nosso recorte espacial da pesquisa, que carrega, não apenas em sua origem, como na sua atual configuração socioespacial as marcas e características dessas relações desiguais entre fazendeiros e pequenos agricultores.

Na próxima sessão buscaremos apresentar um pouco das relações e processos históricos que originaram o povoado do Topo a partir das marcas e narrativas que revelam a ligação desse rural violento, excludente e desigualizador com a sua configuração socioespacial nos dias de hoje.

### **3.2 O POVOADO DO TOPO: UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO E CONFLITOS**

As novas relações de trabalho livre, baseadas na utilização de meeiros, que muito se assemelhavam às relações do trabalho escravo, marcaram a estrutura socioespacial das terras ao norte da antiga Freguesia de São João Batista de Água Fria, terras essas que correspondem ao atual município de Água Fria. A ausência de capelas antigas, com exceção da construída no distrito sede, indica a também inexistência de missões jesuíticas nessa parte das terras da antiga freguesia, um indicativo de relações mais violentas entre os colonizadores e as populações indígenas e quilombolas, sem a mediação dos padres que, mesmo instituindo um processo de fragmentação da cultura indígena, acabavam, de alguma forma, por protegê-los da violência dos latifundiários.

O povoado do Topo se apresentou durante a pesquisa como um recorte espacial que carrega as marcas desses processos de destruição da cultura e aniquilação de grupos indígenas que viviam nas terras antes da chegada dos colonizadores criadores de gado, bem como as

marcas das relações entre fazendeiros e meeiros que caracterizaram a história e a geografia do povoado.

A presença de grupos indígenas no passado pode ser constatada não apenas pelas características físicas dos moradores, mas também pela existência de sítios arqueológicos recentemente descobertos no território do povoado, onde foram encontrados elementos e artefatos característicos de épocas passadas, indicando a presença de povos indígenas naquela área (Figura 10).

Esses sítios arqueológicos estão localizados numa área próxima às margens do rio Paracatu, braço do rio Inhambupe. Terras férteis, com matas ciliares abundantes que ofereciam, além dos já citados, a água como provável recurso favorável à presença dessas comunidades na região. O fato é que o único elemento que comprova a existência dessas comunidades indígenas, com localização exata, é esse sítio arqueológico, descoberto recentemente pela Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba) e que poderão revelar como viviam, como se espacializavam e, principalmente, qual a contribuição desses povos para cultura do povoado e do município como o todo.

**Figura 10:** Placa de identificação do Sítio arqueológico do Biruta no povoado do Topo, Água Fria/BA.



Fonte: Uarle Carvalho, 2020.

Apesar de ainda não existirem estudos aprofundados sobre esses sítios arqueológicos, que foram identificados e registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional

(IPHAN), a presença desses elementos pode nos informar muito sobre a história do município de Água Fria e do povoado do Topo além de contribuir de forma significativa para a compreensão dos processos históricos que os configuraram.

Esses sítios arqueológicos estão localizados mais precisamente em terras que correspondem atualmente às terras de fazendeiros, utilizadas principalmente para a criação de gado, fato que não pode ser considerado apenas como uma coincidência, mas como um forte indicativo de conflitos entre os povos que ali habitavam e os criadores de gado no passado, como nos detalhou Santos (2009).

Essas fazendas se concentravam às margens do rio Paracatu, se espalhando numa área de baixadas úmidas e solo argiloso destinado à plantação de capim para o gado. Essa área é conhecida como povoado da Serra, ou estrada da Serra, formado por fazendas de gado e caracterizado por casas distantes uma das outras, consequência do tamanho das propriedades que eram em sua maioria de grande e médio porte (ver figura 11).

**Figura 11:** Casa principal de uma antiga fazenda de gado abandonada no povoado da Serra.



Fonte: pesquisa de campo, 2021.

Viviam nesse povoado as famílias dos grandes fazendeiros da Serra que, em terras anteriormente pertencentes aos indígenas, implantaram a pecuária extensiva na região. No início do século XX, quando não mais era permitida a mão de obra escrava no Brasil, a utilização de meeiros foi o sistema adotado para garantir a atividade econômica e o domínio

dos fazendeiros na economia da região (SANTOS, 2009). Essas relações de trabalho vigoraram durante todo o século XX e persistem, inclusive, até os dias atuais.

Nas terras de menor valor para os proprietários, desenvolveram-se comunidades de negros, indígenas e mestiços que serviam de mão obra pra as fazendas. Eram homens e mulheres que vendiam sua força de trabalho braçal em troca de um pequeno lote de terra e se dividiam entre as pequenas lavouras e as atividades nas fazendas.

Essas comunidades de trabalhadores cresceram e deram origem a diversos povoados no município, como é o caso dos povoados do Topo e do Cerrado que estão intimamente ligados às relações, aos processos e à estrutura imposta nesse período pelos fazendeiros da antiga estrada da Serra.

Os povoados do Topo e o extinto povoado do Cerrado se localizam exatamente nas terras que no passado condiziam às terras destinadas aos trabalhadores das antigas fazendas do povoado da Serra e configuraram-se social, econômica e culturalmente de formas distintas deste ao longo do tempo.

O povoado da Serra, constituído por fazendeiros criadores de gado, que se apresentaram como uma classe abastada, detentora e concentradora das terras, e do outro lado os povoados do Topo e do Cerrado, formados por uma população de pequenos agricultores, vivendo em pequenos casebres próximos às propriedades dos fazendeiros, servindo de mão de obra barata para as fazendas. Foi esse cenário que caracterizou o rural do nosso recorte espacial ao longo da história de sua formação social e ocupação territorial.

Atualmente o povoado Topo carrega na sua história e na sua geografia as marcas dessas épocas passadas, se apresentando como um pequeno povoado de economia baseada na pecuária e na agricultura de pequeno porte, constituído por pequenas propriedades às margens da BA-084, “espremidas” entre a estrada e as fazendas de gado a oeste e as terras do tabuleiro<sup>2</sup> ao leste, mais um indicativo de que sua origem está intimamente ligada às relações de trabalho impostas pelos fazendeiros da estrada da Serra.

Com uma população de aproximadamente 223 habitantes, de acordo com os dados fornecidos pelos agentes comunitários de saúde locais, o povoado do Topo se localiza na estrada principal que liga a sede do município ao distrito de Pataíba, a BA-084, exatamente a 11 km da sede e a 12 km do distrito. Esse povoado se caracteriza pela presença de uma pequena pracinha onde se localizam alguns estabelecimentos comerciais, uma igreja, uma

---

<sup>2</sup> Terras a leste do município de Água Fria, mais elevadas e constituídas por uma vegetação característica do agreste nordestino, mesclando espécies vegetais da caatinga e da mata atlântica. Essa área é marcada por conflitos entre fazendeiros, empresas de celulose e MST.

pequena escola e algumas casas de moradia, enquanto a maior parte da população vive em pequenas propriedades com relativa distância entre suas casas. Nessas propriedades podemos encontrar pequenas plantações de mandioca, feijão, milho, a depender da época, e árvores frutíferas, revelando a predominância das ruralidades na paisagem (Figuras 12 e 13).

**Figura 12:** Praça do povoado do Topo: a escola, a igreja e alguns pontos comerciais.



Rafael Carvalho, 2020.

**Figura 13:** Vista aérea da área central do povoado do Topo com pequenos sítios ao fundo.



Fonte: Rafael Carvalho.

Nessas pequenas propriedades os camponeses cultivam principalmente milho e feijão, mas também verduras e até hortaliças nos períodos chuvosos para o consumo familiar. Essas

propriedades que dificilmente ultrapassam as cinco tarefas<sup>3</sup> de terra, sendo na maioria das vezes insuficientes para se produzir de maneira a gerar renda suficiente para manter uma família, fato que contribui para a pluriatividade destes pequenos agricultores e, principalmente, para a migração dos pequenos agricultores, sobretudo para a região sudeste do país.

A pecuária, apesar de ser a principal atividade econômica do povoado, é praticada de forma extensiva, como nos tempos passados, demandando, cada vez mais, áreas maiores para pastagens e estratégias para o convívio com a seca, que variam desde a retirada do gado para as áreas de tabuleiros até a produção de palma<sup>4</sup> e silagem. Muitos desses pecuaristas possuem pequenos rebanhos e enfrentam grandes dificuldades para manter suas produções nos períodos de seca e, também, para abater os animais nos frigoríficos autorizados, muitas vezes acabam vendendo o animal vivo para o abate por terceiros, reduzindo dessa forma os lucros com a produção.

Dessa forma, observa-se que tanto a agricultura quanto a pecuária no povoado do Topo, não apresentam uma modernização nos modos de produção. O novo rural, caracterizado por Graziano da Silva (1996), não é uma realidade no povoado, que além de manter, com raras exceções, as mesmas técnicas produtivas de séculos atrás, se sustentam nas mesmas relações de trabalho baseadas na utilização de meeiros e de vaqueiros.

A pecuária ainda é realizada de maneira a contribuir para concentração da terra e para as desigualdades entre fazendeiros pecuaristas e pequenos agricultores. Por outro lado, a agricultura é realizada em áreas cada vez menores, totalmente vulneráveis aos períodos de estiagem e secas, e realizadas quase sempre em pequenas propriedades.

Essas pequenas propriedades, sempre limitadas pelas terras das fazendas de gado, preservam a estrutura desigual dos processos de distribuição das terras que ocorreram no município de Água Fria e revelam a manutenção das relações desiguais entre fazendeiros e pequenos agricultores.

O potencial, as consequências e as marcas deixadas por essas relações serão apresentadas e debatidas no próximo capítulo, no qual buscaremos identificar e descrever as ruralidades exercidas por estes dois grupos sociais, fazendeiros e pequenos agricultores, no

---

<sup>3</sup> Refere-se a uma unidade de medida muito comum no nordeste brasileiro. A área de uma tarefa de terra varia bastante de acordo a cada estado ou região dentro de um mesmo estado. Uma tarefa baiana corresponde a 4.356 m<sup>2</sup> ou 0,44 ha, de acordo à tabela de conversões da FCAV/Unesp, disponível em <https://www.fcav.unesp.br>. Acesso em 18 de outubro de 2021.

<sup>4</sup> Cactácea muito comum na região Nordeste do Brasil e utilizada tanto para a alimentação animal como para a dieta humana em algumas áreas.

contexto de um rural excludente, desigualizador e que carrega o conflito como cerne das relações socioespaciais impostas ao longo de sua história.

#### **4. RURALIDADES TRADICIONAIS E NOVAS RURALIDADES NO POVOADO DO TOPO: NOVAS PRÁTICAS, VELHAS RELAÇÕES**

No espaço do povoado as atividades historicamente caracterizadas como típicas do rural (agricultura e pecuária, por exemplo) contribuíram para a produção do espaço, da paisagem, dos hábitos, dos modos de vida e da identidade dos moradores, fato que ficou evidente nas entrevistas, observações e conversas livres durante a pesquisa de campo. Essas atividades, praticadas pelos moradores do povoado, nos levou a identificar a existência de ruralidades tradicionais, que marcaram significativamente a história do povoado do Topo e permanecem vivas no espaço e no cotidiano de seus moradores.

Compreende-se então como tradicionais aquelas ruralidades que se manifestam na forma de atividades relacionadas à agricultura, à pecuária ou ao extrativismo vegetal, bem como os costumes, os hábitos e as identidades provenientes destas ao longo do tempo.

Na presente pesquisa evidenciaram-se então os papéis de relevância, assumidos pelas ruralidades, na produção do espaço que compreende atualmente o povoado topo. No entanto, percebe-se, também, a iminência de atividades econômicas e hábitos característicos do urbano ou propiciado pela interação com elementos e conteúdos deste. Atividades essas que se encaixam perfeitamente nos conceitos de novas ruralidades e de urbanidades, propostos por Carneiro (1998) e Rua (2005), respectivamente.

É no contexto da relação entre as ruralidades tradicionais e as novas ruralidades, aliadas às urbanidades, que se configura a produção socioespacial do povoado do Topo. Portanto, é a partir da caracterização das ruralidades tradicionais e novas ruralidades, assim como das iminentes urbanidades que compõem a dinâmica espacial do povoado, que tentaremos nos aproximar da realidade produzida pelas relações de coexistência, de interação e de imbricação de elementos e conteúdos do rural e do urbano no dia a dia dos moradores.

Nas próximas seções buscaremos evidenciar, caracterizar e destacar o papel das ruralidades tradicionais e das novas ruralidades na configuração espacial, nos hábitos, na construção da identidade e nos modos de vida daqueles que produziram/produzem cotidianamente o espaço atual do povoado do Topo.

#### 4.1 AS RURALIDADES TRADICIONAIS NO POVOADO DO TOPO, ÁGUA FRIA/BA: MARCAS DE UM RURAL HISTORICAMENTE EXCLUDENTE E DESIGUAL

A historicidade do povoado do Topo é marcada pela relação, muitas vezes conflituosa, entre duas ruralidades tradicionais muito presentes no município de Água Fria. A ruralidade exercida pelos fazendeiros criadores de gado bovino e, por outro lado, aquela exercida pelos pequenos agricultores. No caso do povoado do Topo, estas duas ruralidades se apresentaram historicamente imbricadas e coexistindo numa relação desigual e excludente, fundada pelo poder econômico e político dos criadores de gado, garantido pela posse e concentração da terra e pelas relações de trabalho desiguais e coronelistas.

Nesta seção buscaremos caracterizar estas duas ruralidades tradicionais apresentando e analisando os elementos que as diferenciam e aqueles que as aproximam ao longo dos processos históricos que contribuíram para a configuração do atual espaço rural do povoado do Topo.

Segundo Santos (2009), os fazendeiros, figuras importantes no processo de colonização da região, foram os principais atores quando se trata da demarcação e do cercamento de terras no município de Água Fria. No processo de colonização iniciado com a implantação de currais de gado, apossaram-se das terras onde viviam os indígenas, perseguindo-os, escravizando-os e destruindo suas aldeias, além de utilizarem mão de obra escrava ou semiescrava (meeiros), de origem africana.

Com isso os fazendeiros e suas famílias tornaram-se uma classe abastada, economicamente enriquecida e politicamente privilegiada a partir da posse da terra. O latifúndio era o cerne e o símbolo da riqueza, as fazendas se proliferavam, a mata nativa era gradativamente substituída por pastos e os fazendeiros exerciam o poder político sobre suas terras, sustentados por relações coronelistas.

As fazendas caracterizavam-se em grandes e médias propriedades, onde a pecuária bovina era a atividade prioritária, a qual definia as relações de trabalho e as configurações socioespaciais. As terras mais úmidas ou férteis (próximas aos rios, baixadas), por exemplo, eram destinadas à plantação de capim para o gado ou a lavouras dos donos da terra. Já as terras mais altas, distantes da água ou menos produtivas eram destinadas ao assentamento dos trabalhadores das fazendas, onde estes desenvolviam uma agricultura de subsistência baseada na produção de milho, feijão e mandioca, principalmente.

Além de os fazendeiros se apresentarem historicamente como uma classe dominante

que se utilizava do poder econômico e político para defender e impor seus interesses, vale ressaltar ainda o fato de ser formada por uma população majoritariamente branca, que se diferenciava e se sustentava por meio da exploração da maioria negra e mestiça que não possuía acesso à posse da terra.

A exploração dessa mão de obra negra e mestiça se dava por meio das relações de trabalho baseadas na utilização de meeiros, nos moldes que já foram apresentados no capítulo anterior. A utilização de meeiros se tornou uma prática habitual das relações econômicas e de trabalho no povoado, relações que se mantem presentes até os dias atuais.

No passado o poder econômico era revelado, principalmente, pela estrutura da casa da família. Os fazendeiros ostentavam uma casa maior que os casebres dos agricultores e geralmente rodeadas por varandados e com um armazém, um curral e, às vezes, uma casa de farinha próxima à construção principal (Figura 14). Essa estrutura, comum em toda fazenda, é um indicador de que atividades diversas aconteciam ali, como o abate de animais, a armazenagem dos produtos agrícolas, e materiais do dia a dia de trabalho, assim como também a raspa da mandioca e a produção da farinha.

**Figura 14:** Antiga fazenda de gado no povoado da Serra.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Segundo relatos das entrevistas realizadas com moradores dos Povoados do Topo e da Serra, esses fazendeiros dominavam uma cadeia de atividades relacionadas à criação, abate e comercialização de gado bovino, mas também praticavam a agricultura de subsistência e para

comercializar na cidade. Destinavam grande parte de suas propriedades para plantar capim para o gado e outras eram destinadas às plantações de milho, feijão e mandioca, principalmente.

No trato com o gado, utilizavam-se como mão de obra os vaqueiros que até hoje são identificados na comunidade quando relacionados ao nome do seu patrão, que cuidavam do gado nas fazendas e também em áreas distantes como os tabuleiros. Geralmente, cada fazenda possui apenas um vaqueiro, que é o responsável por diversas atividades na propriedade, além do trato com o gado. O vaqueiro na região revela-se um verdadeiro “faz tudo” das fazendas, geralmente um agregado que mora em terras do patrão juntamente com sua família. Além de estarem disponíveis para o trabalho vinte e quatro horas por dia, todos os dias da semana, os vaqueiros não recebiam salário em espécie, o trabalho na fazenda era recompensado com o “quarto”, ou seja,  $\frac{1}{4}$  (um quarto) de cada bezerro que nascesse na fazenda.

De acordo aos relatos obtidos durante a pesquisa de campo, o vaqueiro aparece como uma espécie de meeiro responsável por cuidar do gado, trabalhando sem direito a folgas ou férias e que recebia cabeças de gado como pagamento pelo trabalho. Receber o “quarto” tornava os vaqueiros ainda mais dependentes dos patrões, visto que criavam seus pequenos rebanhos nos pastos desses, dependia da estrutura da fazenda para abater o gado e, nos períodos de seca, acabava obrigado a vender seus pequenos rebanhos, geralmente ao próprio patrão.

O abate dos animais acontecia ali mesmo na propriedade do criador, depois a carne era levada para as bancas de comercialização no povoado do Topo e na cidade. Esta etapa da cadeia de produção acontecia geralmente na madrugada do sábado para o domingo, envolvendo aí outros trabalhadores que se dedicavam temporariamente a essas atividades em todos os finais de semana. Eram magarefes, fateiras<sup>5</sup>, donos de banca e açougueiros, todos ligados direta ou indiretamente aos fazendeiros, e também economicamente dependentes destes.

Até o início dos anos 2000, essas atividades dominavam a cena nos finais de semana e movimentavam as comunidades. Em conversas com os moradores, pudemos verificar que eram momentos de muita agitação, de encontro e de trocas comerciais intensas, responsáveis, inclusive, pelo surgimento de uma pequena praça ou aglomerado de estabelecimentos comerciais, aos quais correspondem hoje á atual praça do povoado do Topo (figura 15).

---

<sup>5</sup> Mulheres que realizavam o tratamento do intestino dos animais, limpavam, cortavam e comercializavam nas mesmas bancas onde se vendia a carne.

**Figura 15:** Antigas vendas e bancas de carne no povoado do Topo.



Fonte: Rafael Carvalho, 2021.

Esse domínio econômico dos criadores de gado vigorou até o início dos anos 2000. Leis que exigiam um maior controle e fiscalização da produção e abate de animais interferiram diretamente nesta cadeia de atividades. O decreto estadual Nº 15.004 de 26 de março de 2014<sup>6</sup> foi a que mais diretamente atingiu aos criadores de gado, aos trabalhadores ligados ao abate de animais e à comercialização das carnes.

Com a instituição do decreto, o abate de animais, o trato e corte das carnes na própria fazenda do produtor foram proibidos, tornando-os dependentes de frigoríficos nas cidades de Irará ou Serrinha. Dessa forma, o decreto assinado pelo governador daquela época, afetou diretamente os fazendeiros, que além de não dominarem mais essa etapa da produção, perderam o controle dos cortes e do preço da arroba de carne, por exemplo, além de precisarem custear o transporte dos animais para serem abatidos nos frigoríficos e da carne para serem distribuídas aos açougues. Muitos dos pequenos produtores passaram a vender o animal vivo para os donos das bancas e açougues, reduzindo significativamente seus lucros.

Os mais afetados com o fim do abate nas fazendas, sem dúvida, foram os trabalhadores temporários que sempre estiveram ligados a essas atividades. A figura da fateira, geralmente mulheres negras que tratavam as vísceras dos animais e comercializavam na comunidade, deixa de existir, assim como os magarefes, açougueiros, entre outros, que perderam mais uma fonte de renda, empobrecendo mais ainda o povoado, como nos explica um morador em entrevista:

---

<sup>6</sup> Decreto estadual que aprova o Regulamento da lei nº 12.215, de 30 de maio de 2011, que dispõe sobre o Serviço de Inspeção Sanitária e Industrial de Produtos de Origem Animal no Estado da Bahia.

**O impacto maior tá no... nas banca, no pessoal que corta.** É porque reduz o lucro dele, porque eles tem que pagar o transporte pra, pra levar pra o matadouro, no caso em Serrinha ou nessas cidades vizinhas... é... eles perde grande parte do boi como ... aquelas parte que eles vendia como o fato... é, o impacto maior é no fato mesmo e **por outro lado uma cadeia que tinha aqui, que era aquela turma da fateira** que... aquela das turma que tratava o fato, aquela turma do... os mag... **os cara que cortava o boi aqui também, essas figuras deixa de existir e agora a carne já vem toda pronta e é jogada na banca** e aí, vejam só, é a maioria do pessoal que era produtor e ao mesmo tempo era magarefe na Barra ou até mesmo em Pataíba no final de semana... Os daqui mesmo tudo parou de cortar boi (Filho de antigo fazendeiro, professor, ex-vereador por dois mandatos e morador do Povoado do Topo).

O decreto estadual interferiu significativamente nas relações econômicas e sociais do povoado. O fechamento das bancas de carne provocou uma redução na dinâmica econômica, alterando ou extinguindo as relações entre os trabalhadores temporários e criadores de gado e encareceu a produção, reduzindo a renda e o poder econômico dos fazendeiros.

O declínio dos antigos criadores de gado pode ser sentido pela grande quantidade de fazendas abandonadas no Município. As moradias abandonadas, muitas vezes em ruínas, guardam muito da história dos povoados da Serra e do Topo , por exemplo, ao mesmo tempo em que revela a redução do poder econômico e político dos fazendeiros a partir dos anos 2000 (figura 16).

**Figura 16:** Casa de fazenda abandonada no povoado da Serra.



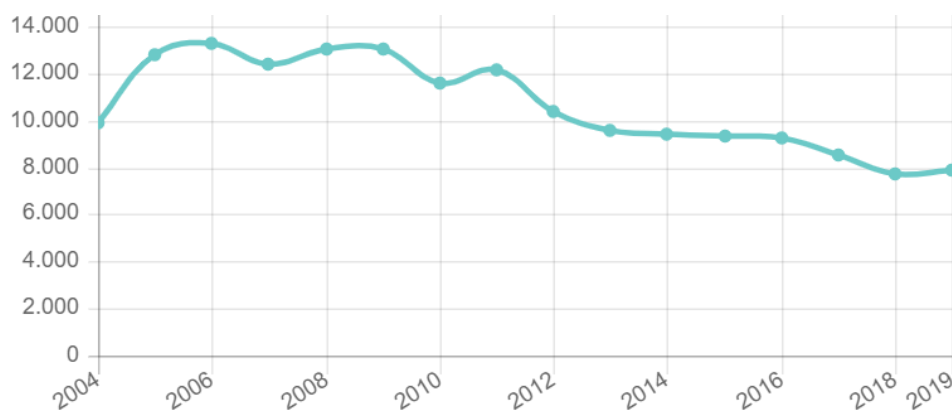
Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Além do encarecimento do processo de produção, a partir da década de 2000, diversos fatores contribuíram para o declínio da classe dos fazendeiros, como, por exemplo, os vários períodos de seca que tornaram a criação inviável para os pequenos agricultores e a perda de território no tabuleiro que era dominado pelos produtores da região.

[...] aqui no caso específico de Água Fria teve um... Teve alguns problemas, tipo... O tabuleiro, ele antes era um terreno baldio, só que as pessoas foram ocupando esses terrenos, né, roça, especificamente o terreno da celulose que é uma área muito grande, é, houve um... Implantou um assentamento, né... E o pessoal começou a fazer roça nessa região e começou a ter problemas entre... Entre quem criava na região de cá, com quem tinha roça lá. Então o gado começou a ter que ser tocado pra mais longe ainda. Né, mais distante tipo... Próximo de Inhambupe, na matinha, próximo de Ouriçangas, Iraí, em território solto lá por Alagoinhas pra ficar distante do... Das roças aqui. Por outro lado também, é... começou a ter, o tabuleiro começou a ter uma quantidade muito grande de gado, porque cada vez mais o pessoa foi tocando pra lá, aí começou a ter também o caso de roubo de gado, essas... aí o tabuleiro ficou inviável. Por outro lado também, teve uma estiagem muito longa. Tipo, ficou inviável fazer roça... é... as pastagens também começou a não avançar muito. (Filho de antigo fazendeiro, professor, ex-vereador por dois mandatos e morador do Povoado do Topo).

Sem a possibilidade de levar o gado para o tabuleiro os pequenos produtores acabavam vendendo seus rebanhos e suas terras, enquanto os que continuavam com a atividade precisavam criar estratégias para alimentar o gado, o que encarecia ainda mais a atividade, como nos disse um pequeno pecuarista do povoado da Serra, “[...] eu já levei muito aí pro Tabuleiro, não sabe? Mas de uns tempo pra cá, nunca mais levei não. Me viro por aqui mesmo, dando Mandacaru, palma, essas coisas” (pequeno criador de gado, 71 anos, morador do povoado da Serra). O efeito do aumento do custo da produção, da seca e das dificuldades para alimentar o gado foi condicionante para redução no número de cabeças no município ao longo da última década, como nos mostra o gráfico 5.

**Gráfico 5** – Evolução do número de cabeças de gado no município de Água Fria/BA.



Fonte: IBGE, 2021.

Como podemos perceber na Figura 20, a partir de 2010 houve uma grande redução no número de cabeças de gado no município. As condições adversas proporcionadas pelo decreto estadual regularizando o abate de animais e os sucessivos períodos de seca na região podem ter contribuído de maneira bastante significativa para essa redução. De um lado, a terceirização do processo de abate e comercialização da carne encarece a produção, do outro, as estratégias de convivência ou a falta delas tornava a vida dos criadores de gado cada vez mais difícil.

[...] então o que acontece foi que... é... a gente tomou a decisão de... em dois mil e dezesseis, dezessete,[...] De acabar o rebanho que era de reprodução. E aí começou a ir para um caminho de criar alternativa na verdade, com o plantio de palma... o plantio de palma... e tem uma... uma... uma variedade maior de um capim mais resistente... e aí a gente passou esse tempo fazendo isso e aí agora que a gente tá voltando novamente a criar... a criar macho, selecionando melhor. Aí a gente tá começando a criar dentro desse padrão agora. Quer dizer, tem as pastagens no período de chuva, com uma variedade de capim mais resistente e tem e tem a palma com silo de milho no... no período da estiagem (Filho de antigo fazendeiro, professor, ex-vereador por dois mandatos e morador do Povoado do Topo).

Não eram todos que possuíam, ou que possuem atualmente, condições financeiras ou até conhecimento para criar essas estratégias, o que reduz ainda mais o interesse dos filhos dos fazendeiros antigos a seguirem com a tradicional atividade. Muitos desses que recebiam terras como herança acabaram por vendê-las a outros fazendeiros locais, fato que contribuiu mais ainda pra concentração da terra no povoado.

Outros fatores como a ausência de infraestrutura como energia elétrica, água encanada e dificuldade de transporte, de acesso à saúde e educação também contribuíram para a saída das famílias dos fazendeiros do povoado da Serra.

Meu pai saiu mais de lá por causa da época, não tinha água, não tinha energia, uma dificuldade, tinha que ir buscar água de carro aqui em Água Fria ou lá nos tanques mesmo, de carroça, era a maior dificuldade. Aí quando ele viu que a dificuldade tava muita e ficou pouca gente em casa, aí foi quando ele veio aqui pra rua [...] veio todo mundo (Filha de antigo fazendeiro da Serra, 39 anos, moradora da cidade de Água Fria).

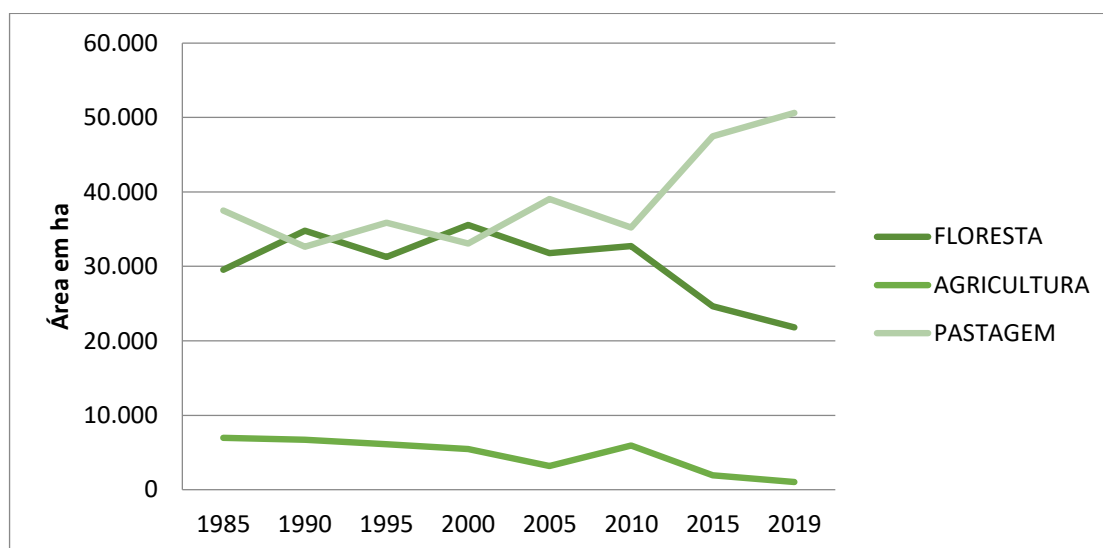
Essas famílias que migraram do povoado da Serra para as cidades possuíam, é claro, condições relativamente favoráveis para se assentarem nas cidades, principalmente aquelas que se destinaram para a sede do município. Muitos desses filhos de fazendeiros se tornaram comerciantes na cidade.

[...] por incrível que pareça, aqui foi que foi mudando tudo, entendeu, veio o desenvolvimento, foi que veio a ideia de colocar um mercadinho. A gente colocou, eu comecei de aluguel, agora é meu ponto, entendeu? Então, de qualquer forma a gente progrediu depois que chegou aqui, né. E lá era mais complicado pra essas coisas (Filha de antigo fazendeiro da Serra, 39 anos, moradora da cidade de Água Fria).

Nas observações e conversas durante a pesquisa de campo foi possível perceber que grande parte das famílias de fazendeiros que ainda permaneceram nos povoados da Serra e do Topo ainda apresenta um poder econômico e político maior do que as famílias dos pequenos agricultores. Além de possuírem mais terras, moradias mais estruturadas e se tornarem donos de estabelecimentos comerciais, os filhos de fazendeiros se tornaram também lideranças e assumem cargos políticos no município.

Além disso, a pecuária extensiva ainda é a atividade que mais se destaca nos povoados. Mesmo sem o domínio pleno do passado, o poder econômico dos criadores de gado pode ser comprovado pelo aumento das pastagens nos últimos anos, um indício de que a concentração da terra ainda é algo presente e representação de poder econômico.

Apesar da redução no número de cabeças de gado nos últimos anos, as terras destinadas às pastagens aumentaram. O gráfico 6 apresenta a evolução das áreas em hectares destinadas à agricultura e às pastagens no município de Água Fria.

**Gráfico 6** - Evolução dos usos e cobertura do solo no município de Água Fria/BA.

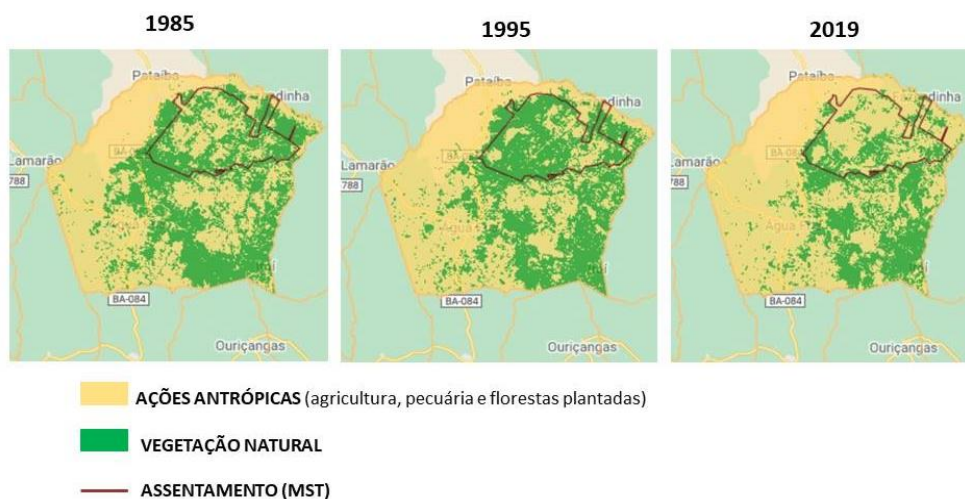
Fonte: Elaborado pelo próprio ator com dados do mapbiomas, 2021.

No gráfico 6, podemos observar o aumento das terras destinadas à produção de pastagens para o gado bovino no município ao longo das últimas décadas, o que reflete a importância dessa atividade para a economia local. O aumento das áreas destinadas à plantação de capim para o gado pode estar relacionado à redução das áreas de pastagens naturais disponíveis no tabuleiro, causada, também, pela implantação do assentamento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Menino Jesus<sup>7</sup>, aliado aos longos períodos de seca que reduziram a área destinada à agricultura. Os longos períodos de seca impediram os pequenos agricultores de cultivarem lavouras de longo prazo, como a mandioca, esses por sua vez, acabaram introduzindo o capim em seus lotes para alugar aos criadores de gado, outros acabaram vendendo suas terras, reduzindo significativamente as áreas destinadas à agricultura no município.

A redução da vegetação natural no município de Água Fria não é resultado apenas do avanço da pecuária e das pastagens, outros fatores como as atividades agrícolas e extrativistas realizadas nas áreas do assentamento Menino Jesus e as novas plantações de eucaliptos contribuíram significativamente para esse cenário. Na figura 17 podemos observar o avanço das ações antrópicas sobre a vegetação natural, principalmente na área correspondente ao território dos assentados.

<sup>7</sup> O Assentamento Menino Jesus é oriundo da ação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra e foi instituído pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2003. Surgiu a partir de um acampamento montado nas terras da antiga fábrica de celulose da Klabin S/A, fechada em 1986, na Fazenda Paracatu, localizada a 18 km da sede do município.

**Figura 17:** Avanço da ação antrópica sobre a vegetação natural no município de Água Fria/BA.



Fonte: MapBiomias, 2021.

Entre os anos de 1985 e 1995 presenciou-se um significativo aumento da vegetação natural principalmente na área do tabuleiro correspondente ao atual assentamento do MST. Esse dado se dá principalmente pelo fechamento da empresa de Celulose Klabin em 1986 que encerrou as atividades e possibilitou a recuperação da vegetação típica do agreste e das pastagens naturais, muito comuns nessa área. Com a implantação do assentamento pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), nas terras da antiga empresa, as ações antrópicas, se intensificaram na forma de pequenas lavouras, atividades de extração de madeira da mata nativa e de eucaliptos.

Por outro lado, os criadores de gado acabaram por buscar novas áreas fora do território do assentamento para soltar o gado ou para criar áreas de pastagens, contribuindo mais ainda para a redução da vegetação natural. Um cenário revelador de processos de utilização do solo que resultam numa degradação ambiental reduzindo a vegetação natural da área mais úmida do município, que podem resultar na redução da umidade e aumento dos períodos de seca nas áreas de prevalência da caatinga no município.

O fato é que a pecuária extensiva na forma como historicamente tem sido realizada, se revela como um fator de concentração da terra e da riqueza, gerando exclusão e desigualdades também históricas, de destruição da vegetação original da caatinga e dos tabuleiros e da redução das terras destinadas à agricultura no município.

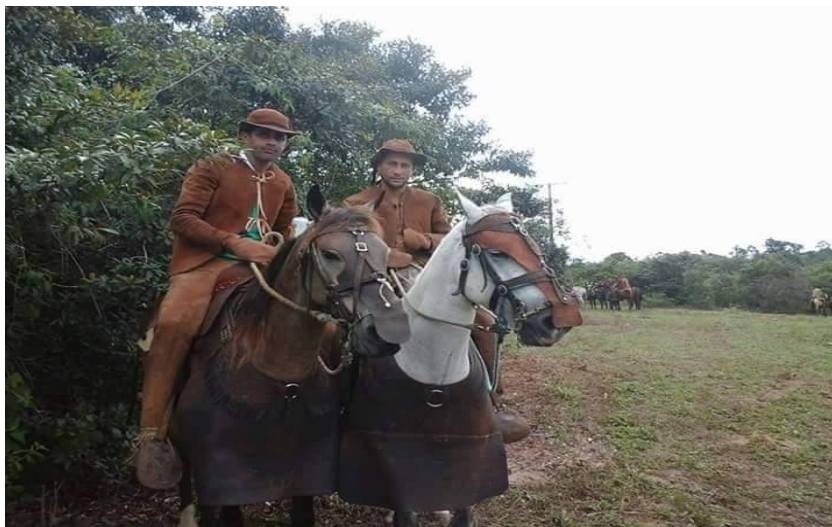
Talvez por esses motivos, não se construiu uma imagem positiva em relação à figura do fazendeiro, que por sua vez, sustentaram e legitimaram suas ações e construções identitárias e simbólicas relacionadas à figura do vaqueiro, principal elemento cultural dessa ruralidade. A construção e afirmação da identidade do vaqueiro estão associadas à imagem do homem sertanejo, trabalhador, bruto (visto aqui como qualidade positiva de masculinidade), símbolo de resistência do povo nordestino.

Atualmente a figura do vaqueiro não se diferencia claramente da figura do fazendeiro. O chapéu, o colete e a perneira de couro, juntamente com suas botas e esporas representam adereços de uma identidade valorizada nas músicas e festas tradicionais. No caso do povoado do Topo, a principal manifestação cultural relacionada a essa figura simbólica é a “Pega da novilha”, festejos realizados por fazendeiros do povoado que reúnem vaqueiros e populares de vários municípios.

A festa da pega da novilha dura o dia inteiro e tem como momento principal a busca por novilhas que são soltas propositalmente na caatinga. As novilhas são doadas como prêmio para o vaqueiro que conseguir resgatá-las, uma festividade que alia o momento de diversão e de mostrar suas habilidades no trabalho com o gado, com a oportunidade de ganhar uma novilha para o seus rebanhos.

Essas atividades acontecem sempre durante o dia, enquanto à noite bandas locais tomam a cena. Uma festa regada a muita música de vaquejada e bebidas alcoólicas. Neste momento os participantes, vaqueiros ou não, ostentam seus chapéus, botas, esporas, tacas entre outros adereços típicos do traje do vaqueiro tradicional (figura 18).

**Figura 18:** Vaqueiros em festa de pega da novilha no tabuleiro.



Fonte: fotos obtidas em redes sociais.

A figura do vaqueiro aparece como principal símbolo cultural e identitário para os fazendeiros e seus familiares. No entanto, percebe-se que a imagem deste personagem tão presente na história do rural, associada à imponência dos cavalos, dos trajes, das músicas, da fama de homem forte e garanhão não passa de uma romantização que esconde os percalços da vida dura e do trabalho árduo nas fazendas, que, como já vimos, o condena a dependência em relação ao patrão e à pobreza.

Essa romantização da figura do vaqueiro aparece bastante nas redes sociais, inclusive nos perfis dos moradores do povoado do Topo. Como podemos observar na figura 19, no Dia Nacional do Vaqueiro<sup>8</sup>, um filho de fazendeiro homenageia os vaqueiros que trabalharam ao longo da vida nas propriedades dos criadores de gado do povoado.

---

<sup>8</sup> O Dia Nacional do Vaqueiro é uma data comemorativa em homenagem ao vaqueiro como figura representativa da cultura brasileira, especialmente do sertão nordestino, instituída via projeto de lei em 2004, reserva o dia 29 de agosto como data comemorativa.

**Figura 19:** Homenagem ao Dia Nacional do Vaqueiro.



Fonte: Plataforma do Instagram.

A homenagem postada na plataforma do Instagram revela o sentimento de respeito e orgulho ao relacionar a figura do vaqueiro à figura do homem forte, trabalhador e símbolo da cultura viva do município e do sertão nordestino. Mas, por outro lado, a real história do vaqueiro é de certa forma explicitada na postagem do morador, ainda na figura 19, que diz, “cresci acompanhando a labuta diária dele, o cuidado com cada planta, com cada roça, com cada animal...”, neste trecho, a imagem de ostentação a qual está relacionada as representações acerca da figura do vaqueiro dá lugar à labuta, ao trabalho árduo à múltiplas funções assumidas por este “empregado” ou “agregado” das fazendas. Responsável não apenas pelo gado, mas como aparece na postagem, por cuidar da roça, das plantas e, como sugerem as reticências ao final da oração, quaisquer trabalhos que porventura aparecem nas propriedades.

A instituição de um dia Nacional do Vaqueiro em 2004 sugere uma valorização desse

trabalhador, símbolo do sertão nordestino, que não se revela no dia a dia das relações trabalhistas no povoado do topo. Vejamos o que nos informa um criador de gado ao falar do papel e da remuneração do vaqueiro em sua propriedade nos dias de hoje:

Olha... ele só olha o... os animais, na verdade. Ele vai lá uma hora pela manhã e uma hora pela tarde. **Ele virou horista**, na verdade. **Agora quando faz qualquer trabalho aí agora ele é remunerado.** [...] é... acompanhar o pessoal que tá fazendo uma cerca, acompanhar um pessoal que tá, que tá plantando milho, que tá fazendo silagem.[...] Aí o vaqueiro é horista. Faz um calculo... fez uma base, por exemplo, ele vai lá no pasto olha, de manhã vai no pasto olha, recebe por hora, [...]É... é... **uma hora pela manhã e uma hora pela tarde. A gente paga a seis reais a hora.** Isso quando é só hora, **mas quando tem qualquer outro trabalho aí... ele ganha diária** (criador de gado, morador do povoado do Topo).

Apesar de existirem casos no município de vaqueiros que recebem ainda o quarto, o trabalho do vaqueiro já aparece como trabalho remunerado, no entanto, pouco valorizado. Sem função, turnos ou carga horária de serviço definidos. O vaqueiro continua exercendo uma multifuncionalidade nas fazendas, assumindo diversos papéis, além da função principal de sua profissão que é cuidar do gado. No trabalho como horista ou diarista, na forma como acontece no espaço rural do município, não existe um vínculo empregatício entre trabalhador e patrão, o que resulta na perda ou ausência de direitos trabalhistas como a contribuição previdenciária, sindical, férias, folgas semanais dentre outros. Quando alcançam a idade de aposentaria, por exemplo, esses trabalhadores que levaram a vida inteira como vaqueiros cuidando do gado das fazendas, acabam por se aposentar como trabalhador rural, lavrador.

A valorização identitária da figura do vaqueiro nas músicas, festividades e na instituição de um Dia Nacional do Vaqueiro, não é refletida na garantia de direitos trabalhistas que os valorizem enquanto trabalhadores e sua função como uma profissão. Muitas vezes essa identidade é acionada como forma de “ocultar” a figura do fazendeiro, que não é tão popular e se revela como símbolo de detentor e concentrador de terra, de poder econômico e político (coronelismo), uma simbologia que os diferencia das classes mais pobres. Dessa forma, a imagem romantizada do vaqueiro, indistinta da figura do fazendeiro, se torna fundamental nesta relação para a manutenção da estrutura socioespacial do campo.

Até aqui apresentamos algumas das ruralidades tradicionais ligadas à atividade da pecuária e exercidas pelos fazendeiros ao longo da história dos povoados do Topo, da Serra e do Cerrado. Atividade esta que garantia a posse da terra e o domínio econômico e político aos fazendeiros, caracterizando a realidade socioespacial das áreas estudadas e garantindo a manutenção das desigualdades históricas entre as famílias dos criadores de gado e as famílias

dos pequenos agricultores locais.

Enquanto os fazendeiros exerceram uma ruralidade centrada na posse da terra e no poder econômico e político, do outro lado os pequenos agricultores exerceram outras tantas, historicamente baseadas na subserviência aos latifundiários locais e na pluriatividade para garantir a sobrevivência e o sustento das numerosas famílias.

O primeiro contraste das ruralidades dos camponeses em relação aos criadores de gado se dá, sobretudo, pelo tamanho das propriedades. Historicamente os fazendeiros detinham grandes e médias propriedades, enquanto os pequenos agricultores do povoado do Topo se utilizam de pequenas propriedades que na maioria das vezes não eram o suficiente para garantir o sustento das famílias.

Essa diferença no tamanho das propriedades entre agricultores e pecuaristas, como já vimos, está relacionada aos processos históricos de colonização do município de Água fria e às relações de trabalho baseadas no trabalho escravo e na produção de meia.

A maioria das terras que atualmente pertencem aos pequenos agricultores eram, no passado as terras próximas às fazendas de gado que eram oferecidas aos escravos, ex-escravos e mestiços como forma de garantir a mão de obra para as atividades nas fazendas. São cristalizações das relações de trabalho desiguais e excludentes implantadas no passado que se tornaram práticas comuns e persistem até os dias de hoje.

Nessas pequenas propriedades foram implantadas pequenas lavouras de feijão, milho e mandioca, principalmente. Desenvolveu-se uma agricultura de subsistência que tinha como características principais a utilização da mão de obra familiar, o trabalho coletivo e a pluriatividade, características que persistem até os dias atuais.

[...] tem propriedade, cerca de quatro tarefas de terra, do meu pai. É a propriedade que a gente tem e meu irmão comprou recentemente cinco tarefas de terra, com o dinheiro do trabalho dele [...] geralmente a gente produz feijão e milho principalmente, alguns anos atrás, mais ou menos a uns dez anos a gente produzia mandioca, só que a gente não produz mais por causa da mudança climática, aí não dá mais pra plantar mandioca lá na nossa propriedade. E a gente cultivava também hortaliças como couve, coentro cebolinha, isso apenas no inverno, no período de verão a gente não cultivava plantas essas coisas e mais recentemente, meu irmão fez um empréstimo no Banco do Nordeste e começou a criar ovelha (filho de pequeno agricultor, 24 anos).

As famílias assentadas nas terras oferecidas pelos fazendeiros cresciam e se multiplicavam, gerando não apenas uma mão de obra para as fazendas de gado, como também para as pequenas lavouras. Era comum no município a divisão do trabalho familiar onde o pai

se dividia entre o trabalho nas fazendas de gado ou nas lavouras dos latifundiários e a mulher e os filhos se dedicavam integralmente às lavouras da família. Os filhos representavam um “braço” a mais nas atividades das lavouras, ajudando na preparação da terra, no plantio, nas “limpas”<sup>9</sup> e na colheita.

Outra característica importante da ruralidade exercida pelos pequenos agricultores é o trabalho coletivo. Como muitas vezes o trabalho se dividia entre as atividades de meia nas fazendas, os agricultores se utilizavam da estratégia de mutirão para realizar atividades mais pesadas em suas propriedades, como o plantio, colheita e a raspa da mandioca, por exemplo. Essas estratégias consistiam em todos da comunidade se dedicarem ao trabalho na terra de uma família em um ou dois dias, realizando uma espécie de rodízio para o plantio ou para a bata do feijão, para a colheita ou raspagem da mandioca, dentre outras tarefas ligadas ao trabalho no campo (figura 20).

**Figura 20:** Bata de feijão no povoado do Topo.



Fonte: Rafael Carvalho, 2019.

Como podemos observar na figura 20, essa coletividade ainda é característica peculiar da pequena produção agrícola no povoado do Topo. Diferente das relações de trabalho nas fazendas, que excluía e gerava desigualdade, as relações de trabalho nas comunidades de pequenos agricultores eram baseadas na potencialização das relações familiares e de vizinhança, fundamentais para a existência dessa atividade, quase sempre voltada para a alimentação das famílias.

---

<sup>9</sup> Retirada das ervas daninhas que por ventura cresceram nas plantações.

Minhas experiências afetivas como filho de família pluriativa, muito ligada à agricultura, trazem memórias dessas atividades coletivas relacionadas aos momentos de muito trabalho, mas também de muita alegria, seja pelo momento de integração da comunidade ou pelo período de colheita que sempre é festejado no Sertão. As comunidades se movimentavam, começavam cedo a labuta e também a cantoria. Todos passavam o dia ali, trabalhavam, cantavam, faziam as refeições e ao final do dia se dirigiam para suas casas, cientes do compromisso de que no outro dia, logo cedo, estarem na terra do parente ou do vizinho, como fora acertado, para mais um dia de trabalho. Essas atividades ainda persistem no Povoado do Topo, mesmo que em menor número devido às dificuldades impostas pela seca e pela estrutura agrária local, como símbolo e característica da ruralidade exercida pelos pequenos agricultores.

Outra característica relacionada aos pequenos agricultores sempre foi a pluriatividade. Quase sempre se dividiam entre o trabalho nas pequenas lavouras e criações da família e o trabalho nas fazendas. Realizavam múltiplas atividades de acordo às necessidades do patrão como plantar, limpar as plantações, desmatar, produzir lenha e cercas, dentre tantas outras. Outra atividade importante historicamente eram as plantações de meia nas fazendas, quando os agricultores ofereciam aos patrões a mão de obra familiar para plantar, cuidar e colher em troca de uma percentagem pré-definida da produção.

Essa população negra e mestiça, muitas vezes agregada às terras do patrão, exerciam papéis de agricultores, funcionários das fazendas, meeiros, vaqueiros, dentre tantos outros, para garantir a sobrevivência e o sustento de suas famílias. Totalmente dependentes dos patrões, não recebiam salários, mas apenas percentagens da produção ou dos animais que nasciam, e acabavam mais vulneráveis às intempéries nesta relação com os fazendeiros. Podemos citar aqui os períodos de seca, quando a produção era reduzida ou totalmente perdida, acabavam por vender suas pequenas criações, seus rebanhos ou até suas terras e migrando para as grandes cidades do Sul e Sudeste do país.

Outro destino comum desses migrantes temporários até o início da década de 1990, segundo relatos da pesquisa de campo, era o recôncavo baiano<sup>10</sup> que absorvia grande parte desses agricultores como mão de obra para o corte da cana e trabalhos fabris, por exemplo. A pluriatividade do trabalhador rural, inclusive, se dividindo entre ambientes rurais e urbanos, sempre se fez presente como marca da pobreza sistêmica e da vulnerabilidade social e

---

<sup>10</sup> Região geográfica que abrange 19 municípios localizados nas áreas circundantes à Baía de Todos os Santos, historicamente caracterizada pelo cultivo da cana de açúcar, pela presença de indústrias e por ser um entreposto comercial entre a capital e o interior da Bahia.

econômica desses pequenos agricultores.

Distante da ostentação da identidade do vaqueiro, acionada principalmente por fazendeiros, os pequenos agricultores preservam seus hábitos, seus modos de vida, e o trabalho com a terra como elementos de sua identidade, acionando-os para defender a identidade de camponês e principalmente do sertanejo, em suas falas durante as entrevistas, bem como, divulgando conteúdos e elementos do seu dia a dia no campo nas plataformas das redes sociais.

O fogão à lenha (Figura 21) representa um item comum nas casas dos pequenos agricultores, símbolo da cultura camponesa tradicional e sua simplicidade. Muito valorizado atualmente por dar sabores característicos a uma culinária típica do rural, o fogão à lenha também é no município, atualmente, símbolo da pobreza generalizada no campo e também na cidade, como alternativa ou substituição do gás de cozinha no momento de alta inflação ao qual vivemos.

**Figura 21:** Fogão à lenha em cozinha de pequena agricultora aposentada.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Aparecem nas falas, postagens e posicionamentos dos pequenos agricultores visões romantizadas do rural ao qual fazem parte. É possível perceber posicionamentos desses sujeitos que muitas vezes se aproximam das visões idílicas de um rural próspero (pelo menos quando chove) e feliz (enquanto houver colheita), como a legenda da foto no perfil do

morador na figura 22.

**Figura 22:** Postagem de filho de agricultor em bata de feijão.



Fonte: plataforma do Instagram, 2021.

Além de considerar o trabalho na roça como uma atividade prazerosa, a postagem do filho de agricultor na plataforma do Instagram (figura 22) revela também a divulgação de elementos e conteúdos do rural num ambiente pensado e concebido no mundo urbano, o ambiente virtual. O que revela também a reafirmação da identidade de agricultor e do rural como possibilidade frente aos aparatos tecnológicos da urbanização e da globalização.

Reafirmação que aparece em falas também durante as entrevistas quando se trata da vida no campo,

Adoro! Ai é bom né. Tem o ar livre, e também, gosto bastante também e principalmente o tempo de chuva, né, que é o período de inverno, que aí onde a gente tem a oportunidade de ter nosso próprio sustento, aqui mesmo do campo. A gente planta, a gente colhe. Dessa colheita a gente pode criar animais tipo galinha e daí da galinha a gente tem nossa própria produção, nosso próprio consumo, entende?... É bom, eu gosto (agricultora e empregada doméstica do povoado do Topo, 31 anos)

Essa visão do espaço rural relacionado ao ar livre, ao ar puro, a vida sem agitação é

quase uma unanimidade entre os pequenos agricultores que revelavam também muito do sentimento de prazer e de felicidade em trabalhar com a terra, em produzir seu próprio alimento, sentimentos que não apareciam ao falar das atividades não agrícolas as quais realizavam para se sustentar ou completar a renda.

A vida e as moradias simples, muitas vezes impostas pela pobreza, o cultivo do feijão e do milho, as criações de galinha e o trabalho coletivo reforçam essas identidades, e aparecem na paisagem, na forma de falar, nos hábitos, enfim, nos modos de vida dessa população de pequenos agricultores pluriativos que sempre se dividiram entre o trabalho com a terra nas pequenas propriedades, nas lavouras de meia dos latifundiários locais, nos trabalhos temporários nas cidades do Recôncavo Baiano e do sul e sudeste do país, e nos tempos atuais nas mais diversas atividades não agrícolas, como serviços públicos, serviços domésticos e nas atividades comerciais locais.

O fato é que os pequenos agricultores, maioria da população, exerceram suas ruralidades enfrentando os problemas gerados por processos históricos e por uma estrutura desigual, excludente e concentradora da terra. Processos esses que os tornaram um grupo social empobrecido, excluído da posse da terra e dependente economicamente dos fazendeiros e da estrutura de suas fazendas.

Essa relação contraditória, desigual e excludente entre fazendeiros e pequenos agricultores marcaram significativamente a história e a configuração socioespacial do povoado Topo, promovendo ruralidades e territorialidades distintas. O conteúdo do Quadro 1 resume as principais características e antagonismos destas duas ruralidades.

**Quadro 1** – Características das ruralidades historicamente exercidas por fazendeiros e pequenos agricultores no povoado do Topo.

ASPECTOS REFLETIDOS	FAZENDEIROS	PEQUENOS AGRICULTORES
Características socioeconômicas	População majoritariamente branca, enriquecida pela posse da terra.	População majoritariamente negra, indígena e mestiça, desprovida da posse da terra.
Propriedades	Grandes e médias propriedades	Pequenas propriedades em terras desvalorizadas próximas às fazendas.
Tipos de produção	Agricultura para consumo familiar e comercialização, além da produção de leite e carne bovina, vendidos nas bancas e vendas locais e, também na feira da cidade.	Produção de subsistência para consumo familiar.
Estrutura das moradias	Moradias isoladas com varandados, armazéns, casas de farinha e currais compondo a propriedade.	Casebres simples sem varandados e geralmente próximos a outros da mesma família.
Relações de trabalho	Baseadas na utilização de meeiros e vaqueiros para cuidar das plantações e do gado.	Trabalho coletivo (mutirão) para plantar, colher e beneficiar (fumo, mandioca, milho e feijão).
Características culturais e identitárias	Festividades e elementos relacionados à romantização da figura do vaqueiro.	Identidades baseadas na força do trabalho do campo e na figura do camponês tradicional

Fonte: Elaborada pelo autor.

Apesar de se apresentarem historicamente contraditórias e por vezes conflituosas, estas ruralidades tradicionais sempre coexistiram e de forma imbricadas se tornaram parte da realidade socioespacial do povoado. Essa imbricação pode-se ser caracterizada pelas relações de dependência, de compadrios e de vizinhança intrínsecas ao cotidiano. Por outro lado, mesmo velado, o conflito entre os dois grupos sociais se manifesta na atuação dos fazendeiros que expande suas terras sobre as terras dos pequenos agricultores, nas entrevistas, nas conversas e piadas do cotidiano que revelam a compreensão dos moradores sobre as desigualdades econômicas e políticas entre fazendeiros e pequenos agricultores.

A dependência dos pequenos agricultores em relação aos fazendeiros marca as relações entre esses dois grupos, resultando em desigualdades históricas sim, no entanto, vem

acompanhada de sentimentos de gratidão, seja por possibilitar a posse de um pequeno lote de terra ou pelas múltiplas colaborações da convivência e rotina de trabalho. A estrutura da fazenda e o poder econômico e político dos fazendeiros os tornava alguém que estava sempre à disposição para ajudar de alguma maneira as famílias mais pobres. Seja em casos de problemas de saúde, dificuldades financeiras ou simplesmente cedendo espaços como a casa de farinha, ferramentas e máquinas como arados e tratores, como relata um morador do povoado e filho de um antigo fazendeiro local.

[...] a questão da... a casa de farinha o pessoal dava um... era... era um quarto (1/4)[...] Um saco de oitenta litros você dava vinte [...] Pelo uso da casa de farinha.[...] O pessoal da comunidade toda fazia farinha. Dependia disso. Inclusive assim, é... a raspa de mandioca era trabalho, era coletivo. Só que por outro lado o pessoal tirava a goma pra fazer beiju à noite. E [...] aí tinha os torradores que geralmente era por conta do pessoal, do próprio dono. Esse [quarto] era pelo uso da casa de farinha mesmo [...] o espaço e as ferramentas, os equipamento, né.

Percebe-se aqui o envolvimento de toda a comunidade no trabalho coletivo, realizado na propriedade do fazendeiro, este detentor de um maior poder aquisitivo e possuidor da casa de farinha, um elemento pelo qual toda a comunidade dependia. Mesmo com a obrigação de pagar um quarto do que produzissem ao proprietário, os pequenos agricultores realizavam essas tarefas de forma coletiva e consensual, criando uma atmosfera de relativa cooperação entre pequenos agricultores e fazendeiros.

Outro elemento inerente a essa relação próxima entre fazendeiros e pequenos agricultores são as relações de compadrio, que se tornaram um elemento de forte ligação de parentesco entre padrinho, afilhado e seus compadres. Sempre foi comum no município, assim como no povoado, que alguns fazendeiros e suas esposas apadrinhassem, ou seja, batizassem dezenas de crianças na comunidade, garantindo assim o respeito e a imagem de figura importante no povoado.

[...] o batismo era o momento em que uma pessoa virava um ser espiritual e ganhava uma nova família. E esta família nova, encabeçada pelos padrinhos, seria a fiadora da fé da pessoa batizada. Enquanto a família biológica tinha a função de criar e educar a criança, esta nova família tinha uma função considerada mais enaltecida e importante: a educação espiritual do batizando. Não obstante, esta segunda família também tinha uma função social, dada não pela Igreja, mas pela comunidade e pela tradição (RAMOS, 2004, p. 11).

Essas relações se tornaram uma forma de viver em sociedade durante séculos no

Brasil e representavam não apenas o poder econômico e político das famílias abastadas, mas também o interesse das famílias dos apadrinhados que enxergavam nessa relação a possibilidade de estarem próximos e ligados às famílias de maior poder aquisitivo, consideradas importantes, que poderiam vir a representar um apoio, uma ajuda ou um refúgio em eventuais situações adversas.

Como situações adversas subtendem-se dificuldades financeiras, brigas e conflitos entre familiares e vizinhos, doenças ou morte de familiares, por exemplo. Vale ressaltar que na ausência ou perda dos pais, os padrinhos assumem o papel destes, não deixando os afilhados desamparados.

Pude perceber a importância da figura dos fazendeiros e das relações de compadrio na pesquisa de campo, pelo fato de ser neto de um antigo fazendeiro de um povoado vizinho, Fazenda Nova. Era muito comum ao chegar às casas das pessoas durante a pesquisa que perguntassem sobre minha origem familiar, quase que com um ar de desconfiança. No entanto, ao falar que eu era neto de André Custódio a situação se invertia e surgiam aí longos momentos dedicados à histórias antigas e informações sobre parentes, além de apresentações de novos tios e primos, até então de parentescos desconhecidos.

Sendo assim, essas relações entre esses dois grupos sociais se apresentam imbricadas e inseridas no cerne das relações sociais e históricas no povoado do Topo. No entanto, apesar de a percepção dos pequenos agricultores quanto às desigualdades geradas nesse processo não se revelar de forma direta, durante as entrevistas, observações e conversas livres, muitas vezes esse conflito velado (fazendeiros versus pequenos agricultores e meeiros) aparecia em falas, piadas e até em manifestações culturais como a Jegalvada (passeio de jegue) realizado no povoado.

Todo o respeito encontrado no povoado em relação aos fazendeiros durante a pesquisa é um fato. Entretanto, algumas vezes sentimentos de austeridade e até de revolta por parte dos agricultores em relação aos fazendeiros se manifestavam em forma de falas e piadas nos momentos de maior espontaneidade. Em um determinado momento, quando eu aguardava o transporte que me conduziria de volta pra casa, depois de uma entrevista para a pesquisa na casa de um morador, passamos a conversar sobre a comunidade e os problemas que ali existiam, quando outro morador, que também é agricultor, nos contou em forma de piada que: “Os fazendeiros são assim, quando tá tudo seco e a pessoa pergunta como tá o gado, ele responde – tá entregue a Deus, só Ele mesmo pra salvar. Depois que chove, que o pasto fica verde, nem se lembra de Deus pra agradecer – tão tudo gordo lá”.

Nessa fala o morador, que não fazia parte da pesquisa e estava apenas a participar da

conversa, deixa transparecer a sua visão sobre os fazendeiros e os legitima como um grupo social detentor de posses (fazenda e rebanhos) e os associa a características negativas como a ingratidão e a falta de fé.

Outro momento, entre tantos, em que esse conflito aparece de forma velada é justamente na entrevista de um pequeno agricultor aposentado ao falar sobre o problema do desmatamento no povoado: “[...] A vegetação, por exemplo, não é mais a antiga. Acabou, acabou, antigamente era, tinha as caatinga, hoje **eles** acabaram, **agora é tudo pastagem**. [...] Problema grande. Porque com isso, em consequência disso aí que nós tamo sentindo grandes períodos de seca aqui e por consequência disso aí”.

Pode-se Abstrair desta fala do pequeno agricultor que além deste já perceber o desmatamento como um problema ambiental presente no povoado, com consequências importantes para o regime de chuvas, ele também relaciona o aumento das pastagens a “**eles**” uma ideia de alteridade, se isentando de alguma maneira da participação no processo do desmatamento da caatinga. Além disso, ao afirmar que “**agora é tudo pastagem**” deixa subtendido que a atividade realizada principalmente por fazendeiros é a responsável pelo problema ambiental em questão.

De forma não tão velada, a realização de uma atividade cultural organizada por filhos de agricultores do povoado representa uma forma de elucidar e satirizar a relação desigual entre fazendeiros e agricultores, a Jegalvada. Como muitos agricultores e filhos de agricultores não possuem belos cavalos para participar das cavalgadas organizadas pelos fazendeiros locais, um grupo de jovens resolveu criar a jegalvada, um passeio montados em jumentos, aos moldes das tão famosas cavalgadas realizadas na comunidade.

O jumento é um animal relativamente desvalorizado e utilizado pelos agricultores e trabalhadores rurais mais pobres para ajudar nas tarefas do dia a dia, como no transporte de pessoas, mercadorias e água, por exemplo, ou para puxar carroças (Figura 23).

**Figura 23:** Jumentos utilizados para puxar carroça por agricultor no povoado do Topo.



Fonte: Rafael Carvalho, 2017.

A atitude de movimentar a comunidade em função de uma atividade voltada para exaltar o papel do jumento na vida das famílias mais pobres e possibilitar a participação destas pessoas num momento de festividade revela a consciência das disparidades econômicas presentes no povoado, assim como um momento de resistência desse grupo e de afirmação de sua identidade.

Nas figuras 24 e 25 podemos observar os dois momentos festivos do povoado, a cavalgada organizada por fazendeiros e a jegalvada organizada por filhos de agricultores. Todo o *glamour* dos belos cavalos do traje de vaqueiro é substituído pela sátira e pelo humor próprio da montaria de jumentos em momentos festivos.

**Figura 24:** Cavalgada organizada por fazendeiros do povoado da Serra.



Fonte: Rafael Carvalho, 2017.

**Figura 25:** Passeio de jegue no Povoado do Topo, conhecido como Jegalvada.



Fonte: Rafael Carvalho, 2013

Paradoxalmente é nesta relação de convivência e coexistência que historicamente fazendeiros e pequenos agricultores exerceram suas ruralidades socialmente, economicamente, politicamente e culturalmente distintas, contraditórias, conflituosas e desiguais. Ao mesmo tempo, imbricadas e, por vezes, indissociáveis fizeram parte da historicidade e da realidade sociespacial do povoado do Topo.

Essas duas ruralidades tradicionais atuaram no sentido de produzir um espaço rural pautado no conflito e nas relações de trabalho desiguais e excludentes que se distancia dos bucolismos e visões idílicas, estereotipadas e romantizadas do rural. Rural esse que se

relaciona com elementos do urbano, se ressignifica e se refaz, produzindo novas ruralidades (Carneiro, 1998).

Na próxima seção analisaremos o surgimento de novas ruralidades no povoado do Topo, e as possíveis ligações destas com as ruralidades tradicionais as quais descrevemos.

#### **4.2 NOVAS RURALIDADES NO POVOADO TOPO, ÁGUA FRIA/BA: RESSIGNIFICAÇÕES DE DESIGUALDADES HISTÓRICAS.**

A presença de elementos do urbano no espaço rural do povoado do Topo, principalmente os relacionados às novas TIC's, promove novas experiências, novas visões e novas possibilidades de interações dos sujeitos com o espaço, ressignificando-o, e conseqüentemente, modificando-o, produzindo assim territorialidades/territórios múltiplos.

Podemos dizer que essas novas interações podem resultar em novas ruralidades, aos moldes das propostas por Carneiro (2008). Para a autora, dois fenômenos nos ajudam a pensar a ruralidade hoje no Brasil, a pluriatividade dos agricultores e a busca por lazer e meios alternativos de vida no campo, por pessoas das cidades, fenômenos que respectivamente contribuem para o surgimento da figura do camponês em meio período, que se divide entre atividades agrícolas, familiares ou não, mas, também, em atividades não agrícolas, muitas vezes relacionadas à ideia do campo como paisagem, como natureza, transformando em produto.

Durante as observações e entrevistas realizadas na pesquisa de campo, foi possível identificar duas atividades as quais classificamos aqui como novas ruralidades, justamente por estarem ligadas a esses dois fenômenos, o “Cactário.com” (pequena empresa cuja atividade é o plantio e comercialização de cactos e suculentas) e o “Recanto Rumo” (antiga casa de fazenda de gado transformada em bar e restaurante rústico), além do papel das aposentadorias rurais na configuração do atual espaço rural do povoado. Nesta seção buscaremos apresentá-las de forma a explicitar as características comuns entre elas, aquelas que as diferenciam, bem como a relação destas com as ruralidades tradicionais do povoado do Topo.

O Cactário.com pode ser considerado, de acordo com entrevista realizada com o proprietário Rafael Carvalho da Silva, como uma atividade de empreendedorismo, voltada para o cultivo e comercialização de cactos, suculentas e plantas exóticas. Atividade essa que envolve elementos do urbano como a internet e as redes sociais (para auxiliar no cultivo, na divulgação e na comercialização dos seus produtos) aliados ao conhecimento e prática do trabalho com a terra. Uma atividade que tem se destacado pela singularidade que representa,

num povoado onde historicamente prevaleceram pecuária e a agricultura de subsistência, mas também por representar uma nova ruralidade no povoado.

Consideraremos o Cactário.com como uma nova ruralidade não apenas pela singularidade, mas por atender a uma demanda que é urbana, mas que, também muito ligada à ideia de rural natureza.

Segundo o proprietário, o *insight* para o início dessa atividade aconteceu depois de receber um cacto como presente, surgindo daí a ideia de tentar produzir mudas para presente na pequena propriedade da família, o que o impulsionou a estudar sobre a atividade, começar a plantar e se tornar produtor e vendedor de cactos. O proprietário do cactário.com, desde o início da entrevista a qual nos concedeu, destacou o papel da internet nesse processo.

A internet pra mim é um... é um marco relevante, porque antes dela a realidade era uma e depois, é, dela mudou-se muitas coisas. Então assim, a internet me ajudou muito. A internet me ajudou muito, principalmente na comercialização, é... na disseminação dos conteúdos produzidos aqui, como eu cultivo plantas, eu tenho um canal explicando como cultivar, então todo o Brasil eu posso tá... tá mostrando o que eu tenho. A internet é de extrema relevância. Talvez se não fosse a internet eu não estaria com esse negócio (Rafael Carvalho da Silva, proprietário do cactário).

A fala do proprietário revela não apenas a origem urbana da demanda pelos produtos do cactário.com como a importância da internet para a obtenção dos conhecimentos necessários para a implantação da atividade.

Atualmente a atividade de produção e comercialização de cactos e suculentas se solidificou como principal fonte de renda para proprietário, que inclusive é o filho de uma agricultora e de um vaqueiro, donos de uma pequena propriedade na qual este realiza a nova atividade.

Além do cultivo e comercialização, o Cactário.com envolve a produção e a divulgação de conteúdos relacionados ao tema na *internet* e a divulgação da marca do cactário e mercadorias em redes sociais, conferindo centralidade ao uso das ferramentas e plataformas da internet para subsidiar todo o processo de produção.

O espaço físico do cactário.com (Figura 26) se tornou uma pequena área de lazer para visitantes e clientes locais e até de outros municípios. Além de cactos e suculentas são vendidos diversos tipos de plantas, substratos para cada tipo específico, húmus de minhoca e assessoria on-line para os clientes no cuidado com as plantas.

**Figura 26:** Espaço Físico do Cactário.com.



Fonte: Rafael Carvalho, 2020.

Um canal na plataforma do YouTube foi criado com a ideia de divulgar conteúdos relacionados ao cultivo dos cactos e das suculentas, denominado de “Roceiro Arretado” que acabou se tornando também uma das fontes de renda para o proprietário. O canal foi fundamental para alcançar um número maior de potenciais clientes, tornar-se conhecido num ramo que cresce cada vez mais, segundo o próprio, e para gerar renda através das visualizações dos vídeos postados (monetização).

[...] o canal é Roceiro Arretado, ele é relevante porque é também uma fonte de renda, eu não disse, mas é uma fonte de renda e eu acabo tendo experiências com muitas pessoas conseguindo parcerias, aprendendo mais e aprendendo com os outros. Então o canal não é só uma fonte de renda, mas um canal de... de produção de conhecimento a respeito das planta[...] inscritos eu tenho quatorze mil e oitocentos é... inscritos. Então isso aí é muito relevante pra mim, já está chegando a aproximadamente quinze mil, quatorze mil e oitocentos e uma fração (Rafael Carvalho da Silva, proprietário do cactário).

As redes sociais possibilitaram ao cactário alcançar uma clientela que vai além do povoado e até do município, bem como o contato e a troca de experiências com pessoas de diversas partes do país. Feito até pouco tempo improvável, uma atividade realizada numa área rural do sertão da Bahia alcançar um público tão diverso, seja de clientes ou de seguidores nas plataformas das redes sociais, e segundo o proprietário, possibilitada pelo acesso e utilização das novas TIC's.

É uma atividade que eu fui pioneiro, pra ser sincero. E assim, é que não é tão comum aqui pra região que a gente mora, num município agrícola. E ao contrario de eu tá seguindo a mesma linha de todo mundo plantando milho feijão, mandioca, eu decidi... é... cultivar plantas exóticas de todas as partes do mundo. Aí eu sempre fui comprando e tendo aquisição dessas mudas e produzindo, que, na verdade eu sou produtor [...] Na realidade eu sou microempreendedor, trabalho com venda de plantas exóticas, também trabalho com como fotógrafo, designer, videomaker, e sou youtuber (Rafael Carvalho da Silva, proprietário do cactário.com).

O proprietário do cactário pode ser enquadrado no que chamamos de trabalhador pluriativo. Mesmo destacando que não trabalha mais com a agricultura tradicional do povoado, se dedicando mais ao trabalho no cactário, que não se resume apenas em cultivar as plantas, mas incorpora a criação, edição e divulgação de conteúdos. Além disso, realiza outras atividades para complemento de renda como a fotografia e trabalhos como design gráfico.

Segundo Schneider (2013), a pluriatividade é considerada como uma prática social alternativa e/ou complementar à agricultura para garantir a reprodução social das famílias de agricultores, ou seja, é uma nova estratégia da reprodução social das unidades familiares agrícolas. O autor reconhece três significados para a pluriatividade: (i) estratégia pura e simples de reprodução da família e da unidade doméstica; (ii) mecanismo destinado à modernização e ao reforço à unidade de produção; ou, (iii) também, a conjugação dos dois significados anteriores.

Carneiro (2002) destaca que o surgimento da pluriatividade decorre da crise de reprodução das unidades agrícolas familiares, sendo promovida pelos jovens (filhos dos agricultores), ajudando na manutenção da unidade familiar.

A pluriatividade seria um mecanismo que atuaria no sentido de favorecer a manutenção dos jovens e das famílias rurais em suas localidades de origem, ao passo que a centralidade na atividade exclusivamente agrícola exerceria uma pressão contrária, expulsando os jovens para outras atividades em localidades mais distantes, desvinculando seus projetos individuais da estratégia de reprodução social da unidade familiar originária (CARNEIRO, 2002, p. 181).

Filho de agricultores meeiros e morando nas terras que couberam à família por herança, o proprietário do Cactário.com, por meio do acesso às Tecnologias da Informação e da Comunicação e da criatividade, passou a realizar uma atividade econômica que se afasta daquelas tradicionalmente realizadas por sua família e pela comunidade e, também, das características históricas do rural tradicional. No entanto, a forte ligação com a terra, os conhecimentos prévios da lida no campo e a identidade de trabalhador da roça, defendida e acionada por ele na divulgação do seu trabalho, reforça os laços com a terra e com o rural.

Sobre essa reaproximação e reafirmação do rural, Carneiro (1998) defende que

[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social (CARNEIRO, 1998, p.58).

No caso do *cactário.com*, observa-se uma relação muito íntima entre elementos do urbano e também do rural. Uma atividade que tem sua origem nas ideias e interesses que representam uma demanda urbana, relacionada às ideias de rural como natureza, mas que, por outro lado, acontece no campo e paralelamente reforça as identidades de roceiro e de sertanejo a partir de símbolos atrelados ao rural.

A imagem da logomarca do *Cactário.com* divulgada nas redes sociais, no canal do *YouTube* e outros canais de divulgação, carrega em si mesma essa relação do urbano e do rural. Como podemos ver na figura 27, a imagem da logomarca do *Cactário.com* divulgada nos perfis das redes sociais se mostra carregada de símbolos que refletem os elementos do urbano e do rural que compõem essa atividade.

**Figura 27: Logomarca do Cactário.com.**



Fonte: perfil do *cactário.com* na plataforma do Instagram.

Ao analisar a logomarca do Cactário.com, destacaremos o elemento “.com”, representando a relação íntima daquela atividade com a rede mundial de computadores. Parece uma tentativa de afastar a ideia de rural atrasado, ao mesmo tempo em que tenciona os clientes e ainda não clientes a realizar uma busca nas redes sobre o cactário. Em contrapartida, a imagem do cacto (mandacaru) vai além do produto que é comercializado, remetendo à paisagem típica do sertão e suas representações, transparecendo sentimentos de ligação e afetividade em relação ao espaço, relações de topofilia (TUAN, 2012).

Sendo assim, o cultivo e a comercialização de cactos e suculentas pelo Cactário.com se destaca como uma nova atividade no campo não necessariamente ligada às atividades agrícolas tradicionais, que se sustenta na identidade do rural e do sertanejo e se utiliza de estratégias e ferramentas do urbano para produzir, divulgar e comercializar seus produtos. Um particular exemplo da imbricação entre elementos do urbano e do rural, característica do espaço híbrido ao qual defendemos neste trabalho.

Outra atividade que destacamos aqui como uma nova ruralidade, fruto de ideias e interesses urbanos, porém associada diretamente ao rural tradicional, é o bar e restaurante rural Recanto Fazenda Rumo.

Localizado no povoado da Serra, a 4 km do povoado do Topo, o Recanto Fazenda Rumo é uma antiga fazenda de gado, portanto, uma forma que expressa o tradicional rural, que foi atribuída uma nova função, que pode ser caracterizada como nova ruralidade. A fazenda, cujo antigo proprietário veio a falecer em 2019, foi transformada por alguns de seus filhos e herdeiros em um bar e restaurante, com características e elementos do rural utilizados como atrativo para a população urbana.

A ideia de transformar a antiga fazenda da família em bar e restaurante, além das atividades agrícolas praticadas tradicionalmente, foi de uma das filhas do antigo proprietário que, pensando em preservar a memória afetiva do lugar onde vivera grande parte de sua vida, decidiu comprar parte das terras que cabia aos outros irmãos por herança e investir na nova atividade.

Quando meu pai faleceu eu fiquei naquela maior agonia, com a maior vontade de não deixar destruir aquele local. Eu sabia que era um local que ele sempre amava, que era tudo pra ele, aí a minha maior vontade era essa, não deixar destruir aquele lugar. Aí só que, sabe o que é né, que seria de muitos herdeiros eu não sabia nem como fazer, mas de repente, eu acho que na semana mesmo que ele fale... que tava pra dividir a herança, que na semana, aí foi que surgiu um financiamento pra mim. Aí desse financiamento eu não pensei duas vezes, me joguei e comprei algumas partes dos herdeiros do terreno (Proprietária do restaurante Recanto Fazenda

Rumo).

Inicialmente, com o desejo de preservar a memória afetiva da família e do lugar em que vivera grande parte de sua vida, a proprietária filha e neta de fazendeiros do povoado da Serra, pensou em reformar a antiga casa da família onde o seu pai – conhecido nas redondezas como Misté – morou com sua esposa e criou seus treze filhos na intenção de construir um espaço onde pudesse se reunir com os familiares nos finais de semana.

Aí veio aquilo na cabeça que eu tinha que reformar, aí eu peguei, não contei conversa, investi muito na casa pra deixar bonitinha, mas inicialmente a minha vontade era só pra, para os finais de semana, tá indo lá, matar a saudade, Vê aquilo aí, sabe, é como se eu tivesse cumprindo uma missão que ele deixou pra mim: não destruir as coisas que ele mais amava (emoção ao falar). O carro dele e a Pampa [...] depois da casa toda pronta, era apenas pra os finais de semana, aí foi que o povo ficou falando – Rapaz, aí dá uma área de lazer - mas, não era meu plano, mas depois a gente fica pensando, a gente investiu, se precisa pagar alguma coisa né. Aí que veio a ideia de, aí veio essa ideia de fazer alguma coisa diferente. Botar assim tipo uma coisa familiar, um barzinho, um restaurante, algo diferente, pra gente comer uma coisa fora, tomar uma cerveja, uma coisa, uma arezinha de lazer. Aí foi que veio a ideia depois de pronto e acabou... tá dando certo, o povo tá gostando.

Como relatou a proprietária do restaurante, a ideia de preservar a memória familiar deu espaço a um empreendimento novo na região que incorpora à antiga fazenda de gado uma multifuncionalidade, visto que as atividades tradicionais da pecuária ainda são realizadas no local.

Sempre aos domingos, o bar e restaurante Recanto Fazenda Rumo (figura 28) oferece um ambiente tipicamente rural, de fazenda, aos clientes. Além do ambiente característico do rural, está disponível no menu do restaurante um cardápio carregado de pratos e aperitivos típicos, servidos por garçons e/ou garçonetes devidamente uniformizados com camisas do restaurante, calças jeans, cintos e botas de vaqueiros.

**Figura 28:** Antiga fazenda onde atualmente funciona restaurante Recanto fazenda Rumo.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Pode-se observar que a forma da casa foi mantida intacta e restaurada, preservando a arquitetura comum das fazendas locais, o que produz um ambiente de bucolismo e de romantização do rural. Esse ambiente bucólico se sustenta na manutenção da paisagem e da arquitetura rural, da identidade do vaqueiro e das atividades agrícolas ainda realizadas na fazenda e promovem a “[...] ideia permanente e atemporal da tranquilidade da vida campestre” (WILLIAMS, p. 35, 1989).

Para Williams (1989), as visões bucólicas, na literatura inglesa, que exaltava a simplicidade, a inocência do bom pastor e a tranquilidade da vida no campo como símbolos de um rural atemporal e isolado da realidade, omitia o trabalho árduo da vida no campo e seus conflitos, invisibilizava uma série de trabalhadores que se dedicavam às lavouras, às criações e à mansão senhoril. No nosso caso, todo o trabalho árduo das fazendas de gado, a vida dura dos vaqueiros, dos pequenos agricultores e até dos próprios fazendeiros não aparecem nesse processo seletivo de construção e propagação de símbolos que compõem a representação do rural como produto ou mercadoria.

Essa nova representação do rural é exaltada inclusive nas redes sociais que são os meios fundamentais para a divulgação de propagandas sobre o restaurante, estratégia que o

tornou conhecido nos povoados e cidades próximas. Além de possuir perfis nas plataformas do *Facebook* e do *Instagram* para apresentação de toda a estrutura e serviços do restaurante, os *feeds*, *status* e *stories* das páginas também são constantemente alimentados com fotos dos frequentadores (Figura 29).

**Figura 29:** Perfil do restaurante Recanto Fazenda Rumo na plataforma do Instagram



Fonte: Plataforma do Instagram, 2021.

Constrói-se assim uma relação de proximidade com o cliente baseada na interação pelas redes sociais. O cuidado com a imagem do restaurante nestas redes faz parte das estratégias de propaganda e conquista de novos clientes, bem como de torná-los frequentadores assíduos e reprodutores constantes dos conteúdos e da imagem do restaurante.

Mesmo com tanta interação nas redes sociais, a identidade e a imagem do rural fazem-se presentes todo o tempo. A logomarca do restaurante (Figura 30) em si já carrega essa imagem do rural e do sertão que é reforçada com o acionamento da identidade do vaqueiro,

tanto nos trajes dos funcionários como nos eventos promovidos pelo restaurante.

**Figura 30:** Logomarca do restaurante Recanto fazenda Rumo.



Fonte: Perfil do restaurante no Instagram, 2021

A logomarca do Recanto Fazenda Rumo traz a representação do espaço da fazenda ao destacar a antiga casa e a vegetação típica do sertão, representada pela imagem do mandacaru e reproduz o ambiente rural e sertanejo como identidades do restaurante, estão envolvidos nestas representações sentimentos de pertencimento, de afetividade e identitários dos donos do estabelecimento com lugar.

Já o cartaz elaborado para divulgar o evento de inauguração do restaurante (figura 31) traz a figura do vaqueiro em uma festividade relacionada a esta identidade tão acionada nos dias de hoje.

**Figura 31:** Cartaz de divulgação do evento de inauguração do restaurante Recanto Fazenda Rumo



Fonte: Perfil do restaurante no Instagram, 2021.

Estas representações e a nova função destinada à antiga fazenda promove também a comercialização destes elementos identitários, da imagem do rural e do sertão, transformando-os em mercadoria. O rural aqui aparece muito e simplesmente como um refúgio da vida conturbada na cidade, associado à ideia de natureza e de paisagem (como sinônimo de beleza). Um simulacro, sustentado na romantização da vida no campo e da figura do vaqueiro.

Essas duas atividades apresentadas, o cactario.com e o Recanto Fazenda Rumo, representam novas ruralidades no rural do município de Água Fria. Destacam-se como novas atividades no campo, não necessariamente ligadas às atividades agrícolas tradicionais, mas que se sustentam na identidade do rural e do sertanejo e se utilizam de estratégias e ferramentas do urbano para produzir, divulgar e comercializar seus produtos, que vão além de plantas ou pratos típicos, mas que oferecem elementos do rural como a paisagem, a natureza e o ambiente rural como mercadoria.

O que se percebe é que estas duas novas ruralidades se encontram intimamente ligadas às duas ruralidades destacadas na seção 4.1 deste capítulo. O proprietário do Cactário.com,

por exemplo, enfrenta as mesmas dificuldades que seus pais e a agricultura tradicional sempre enfrentaram no município, isto é, a posse de pequenas quantidades de terras e a dificuldade para obter financiamento e formação para tornar suas atividades autossustentáveis e viáveis.

Do outro lado, o empreendimento do restaurante Recanto Fazenda Rumo está diretamente ligado às ruralidades exercidas pelos fazendeiros locais. As facilidades de crédito garantidas pelo capital familiar acumulado, visto que a proprietária afirma ter recebido um telefonema do banco informando-a da possibilidade de um financiamento para comprar as terras, reformar a casa e iniciar suas atividades, permitindo arriscar mais e conferir mais segurança ao novo empreendimento. Além disso, as terras da família permaneceram nas mãos dos herdeiros, possibilitando a continuação das atividades tradicionais que sempre fora realizadas ali, como a principal fonte de renda inclusive, e como garantia caso o novo empreendimento não obtenha sucesso.

Desse modo, não é possível afirmar se a presença dessas novas ruralidades se tornará a tônica da economia local, tampouco se contribuirão de alguma maneira para a superação das desigualdades históricas na realidade local, em relação à concentração da terra e da renda, mas representam variáveis empíricas relevantes para a compreensão e conformação de espaços híbridos de conteúdos do urbano e do rural.

Classificaremos também como manifestação das novas ruralidades no povoado do Topo as pensões e aposentadorias rurais, assim como o programa de transferência de renda do governo federal, o Bolsa Família. No Quadro 2, apresentamos os valores e o quantitativo de alguns benefícios federais destinados ao no município Água Fria, inclusive do Auxílio Emergencial referente à Covid19.

**Quadro 2** – Benefícios federais destinados ao município de Água Fria/BA – 2020.

<b>PROGRAMA</b>	<b>VALOR TOTAL</b>	<b>QUANTIDADE DE BENEFICIADOS</b>
Auxílio Emergencial	R\$ 46.234.268,00	6.544
Bolsa Família	R\$ 7.701.981,00	2.841 (famílias)
Garantia-Safra	R\$ 1.365.780,00	1.602
BPC (LOAS)	R\$ 3.802.017,00	329
Aposentadorias rurais	R\$ 53.973.250,00	3.973*

Fonte: Portal da transparência (2021).

\*indicação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Água Fria.

Analisando o Quadro 2 podemos observar que o Auxílio Emergencial, apesar de seu

caráter extraordinário, por ser um benefício concedido em virtude da pandemia de Covid19, injetou mais de 46 milhões de reais na economia do município em 2020, alcançando diretamente mais de um terço da população. Esses dados revelam um índice de carência elevado no município, justamente por ser um benefício concedido apenas para aqueles que não possuíam renda durante a pandemia. No entanto, destacam-se como benefícios permanentes que podem interferir de forma direta e constante na realidade do município, as aposentadorias rurais que representam o maior valor em reais e no número de beneficiados, injetando na economia mais de cinquenta milhões de reais na economia deste. Em seguida aparece o Bolsa Família do Governo Federal, através desse programa quase oito milhões de reais foram injetados no município. Por fim, vem o Benefício de Prestação Continuada (BPC) representando um valor que se aproxima dos quatro milhões de reais anuais. Esses benefícios são importantíssimos para a economia do município, caracterizado pela pouca dinâmica econômica e pela pobreza de sua população, sendo, muitas vezes, a única fonte de renda das famílias tanto no campo quanto na cidade.

Durante as visitas para aplicação das entrevistas e dos questionários foi possível identificar um número relevante de famílias nas quais os provedores são idosos aposentados. De antemão poderíamos concluir que se trata de mais um fator que afasta os moradores das atividades agrícolas e promovedor de modos de vida urbanos, principalmente no que se refere ao consumo. Por outro lado, o que se verificou, também, foi a presença de pequenas plantações, criações de aves ou atividades relacionadas à pecuária bovina, nas terras desses aposentados, como podemos observar na figura 40.

**Figura 32:** Pequenas plantações em quintal de aposentada no povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Essas atividades agrícolas, pequenas plantações de milho, feijão, banana e outras

árvores frutíferas, muitas vezes realizadas pelos próprios aposentados, refutam a ideia de afastamento das atividades agrícolas como consequência das aposentadorias rurais.

Mas não podemos deixar de destacar que as aposentadorias rurais, juntamente como o Programa Bolsa Família, muitas vezes são a única fonte de renda dessas famílias, principalmente quando se trata das famílias dos pequenos agricultores. As aposentadorias rurais garantem uma renda estável, contribui para o aumento do consumo de produtos típicos do urbano, como aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, e suprem a ausência das atividades de meia e produções agrícolas do passado que garantiam grande parte da alimentação dessas famílias.

Essas famílias muitas vezes são formadas por um ou dois idosos que moram com filhos mais novos ou netos, enquanto aqueles em idade ativa vivem em cidades do Centro-Sul do país, um indicativo de que enquanto fatores como a seca, a falta de terra suficiente para produzir renda e o desemprego aparecem como causas da migração dos jovens do povoado, os programas de distribuição de renda e, principalmente as aposentadorias rurais, por outro lado, possibilitam a permanência de parte dos moradores no povoado e a reprodução de hábitos e do modo de vida rurais.

No próximo capítulo realizaremos uma caracterização e análise das urbanidades encontradas no povoado do Topo e a interferência destas na configuração socioespacial dos povoados envolvidos na pesquisa. Buscaremos entender qual o impacto dos elementos e conteúdos do urbano na espacialização, nos hábitos, nos modos de vida e nas visões de mundo dos moradores do povoado e como ocorre a relação destas urbanidades com as ruralidades já apresentadas neste capítulo.

## **5 URBANIDADES NO RURAL: MANIFESTAÇÕES DE CONTEÚDOS URBANOS NO POVOADO DO TOPO, ÁGUA FRIA (BA)**

Falar de urbanidades no rural é falar de formas e conteúdos do mundo urbano que transcendem os espaços físicos das cidades e invadem de forma direta ou indireta o espaço do campo. Essa concepção nos transita quase que forçadamente às proposições do filósofo Henri Lefebvre na década de 1970. No entanto, considerá-las não significa reafirmar ou concordar com a tipologia proposta pelo francês, que culminaria na corrosão total das estruturas agrárias e dos modos de vida rurais, de tal maneira a presenciarmos em algum momento histórico a promoção de uma sociedade urbana que atingiria a totalidade do planeta, muito menos com a crença de que presenciariamos o fim do rural que se derivou de tais formulações.

Reconhecer a presença do urbano no espaço rural significa considerar as formas e conteúdos do urbano que se fazem presente no campo, na forma de elementos que promovem os modos de vida e a racionalidade urbana, mas também que coexistem, interagem e se imbricam com as formas e conteúdos do campo e do rural, gerando novas relações, novos processos identitários e territoriais. Neste capítulo buscaremos identificar as urbanidades presentes no povoado do Topo e de que forma estas impactam nos hábitos, nos costumes e modos de vida dos moradores.

As urbanidades consistem-se, empiricamente, em atividades urbanas relacionadas à indústria, ao comércio ou ao turismo (instaladas ou realizadas no campo). Elas podem ser caracterizadas também pela multifuncionalidade da terra e pela pluriatividade exercida pelos trabalhadores rurais, que se dividem em atividades agrícolas e não agrícolas. Importante considerar também o acesso aos meios de transporte, como o automóvel particular e motocicletas, assim com aos meios de comunicação, como o rádio e a Televisão e às novas TIC's (computadores, celulares e internet, por exemplo,) que de alguma forma promovem a cultura, os hábitos e modos de vida urbanos. Nesse sentido as “urbanidades no rural seriam todas as manifestações materiais e imateriais com caráter inovador em áreas consideradas rurais, sem que, por isso, fossem identificadas tais áreas como urbanas” (RUA, 2007, p.272).

É considerando estas manifestações materiais e imateriais citadas por Rua (2017) que estrutura-se o presente capítulo. Primeiro, analisaremos no tópico 5.1 os elementos do urbano materializados no povoado do Topo, destacando a relevância destes para a configuração socioespacial e para a promoção de conteúdos do urbano no rural, para depois, no tópico 5.2, darmos enfoque aos elementos imateriais, ligados principalmente aos meios de comunicação e às novas TIC's, para assim tentarmos compreender às possíveis mudanças nos hábitos,

costumes e modos de vida dos moradores.

Dessa forma, acredita-se que abarcaremos de maneira mais aproximada os processos, as relações sociais e identitárias, além das territorialidades promovidas pelos moradores do povoado Topo a partir do contato com esses elementos do urbano, elucidando assim a hibridez resultante da presença de urbanidades, coexistindo com ruralidades tradicionais e novas ruralidades, no povoado do Topo.

### 5.1 MANIFESTAÇÕES MATERIAIS DAS URBANIDADES: AS FORMAS URBANAS E SUAS INTERFERÊNCIAS NO ESPAÇO RURAL DO POVOADO DO TOPO

O acesso à infraestrutura urbana (energia elétrica, água encanada, saneamento básico e pavimentação), sem dúvida, está entre os principais anseios da população rural e, conseqüentemente, sua implantação está entre os principais objetivos dos projetos de “urbanização” de áreas rurais no país.

A partir da década de 1990 e principalmente da primeira década dos anos 2000, presenciamos um grande avanço das políticas desse setor no Brasil. O programa Luz Para Todos<sup>11</sup>, por exemplo, se tornou símbolo desse processo, aliando os anseios das populações aos interesses políticos locais. No entanto, a universalização do acesso e uso de energia, proposta pelo Ministério das Minas e Energias, demorou a chegar a alguns povoados do município, como é o caso dos povoados da Serra e do Cerrado, que apenas no ano 2013 tiveram acesso à energia elétrica, fato este que contribuiu para processos de migração de suas populações com conseqüências importantes para a configuração econômica, social e espacial destes povoados, como também do povoado Topo.

Entretanto, os processos de migração que aconteceram nesses povoados se deram de formas distintas e com conseqüências de certa forma antagônicas. Constituídos por populações como características étnicas, econômicas e sociais distintas, os povoados da Serra e do Cerrado enfrentavam no final da década de 1990 as dificuldades geradas pela falta de energia elétrica e água encanada, pela dificuldade de transporte para as áreas urbanas e no acesso à educação e saúde, além de enfrentarem períodos longos de seca que, por vezes, dificultavam a produção da pecuária e impossibilitavam a agricultura.

A condição econômica das populações dos dois povoados foi justamente o que

---

<sup>11</sup> Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica – Luz para Todos (LPT), instituído pelo Decreto nº 4.873 em 11 de novembro de 2003.

proporcionou a diferenciação dos processos de migração ocorridos nos dois povoados. O povoado da Serra, constituído principalmente por fazendas de gado e por uma população majoritariamente branca, presenciou uma grande redução de sua população e um relativo declínio da dinâmica econômica, revelados nas entrevistas e constatados nas visitas realizadas ao local. As diversas casas de fazendas abandonadas e as ruínas da antiga escola primária (figuras 32 e 33, respectivamente) são marcas deixadas pela migração da população local para o povoado do Topo e para cidades como Água Fria e Feira de Santana.

**Figura 33:** Casa de fazenda abandonada no povoado da Serra.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

**Figura 34:** Ruínas da antiga escola primária no povoado da Serra.



Fonte: Rafael Carvalho, 2021.

A redução da população no povoado da Serra ocorreu principalmente no início dos anos 2000. Muitos dos filhos dos fazendeiros locais migraram para cidades como Água Fria, Iará, Serrinha e Feira de Santana, tensionados pelas dificuldades de acesso à água e ausência de energia elétrica, mas também, em busca de continuação dos estudos, formação profissional e empregos urbanos. As dificuldades de transporte para ter acesso à saúde e estudar também contribuiu bastante para migração de famílias inteiras que deixavam suas propriedades para residirem em cidades próximas ou no Povoado do Topo, que possuía uma infraestrutura maior com acesso à energia elétrica e à água encanada, além de estar localizado às margens da estrada que liga o distrito de Pataíba à sede do município de Água Fria, a BA 084.

As famílias que migravam do povoado da Serra abandonavam suas moradias, no entanto permaneciam com a posse das propriedades e mantinham as atividades que outrora eram realizadas, com exceção da agricultura. Sem a presença da família para alimentar, a pecuária foi mantida como atividade única das propriedades e as áreas antes destinadas à agricultura foram transformadas em pastos, reduzindo bastante as produções de leite que no passado faziam parte do dia a dia dessas fazendas.

Paralelamente a isso, o povoado do Cerrado, constituído por uma população negra e mestiça que se dedicavam principalmente à agricultura em suas pequenas propriedades e aos trabalhos como meeiros nas fazendas da Serra, apresentou um processo migratório mais consistente que resultou inclusive na dissolução desse pequeno povoado.

Segundo um antigo morador do povoado do Cerrado, que atualmente reside no povoado do Topo, até o final da década de 1990, o povoado era formado por pequenas propriedades constituídas quase sempre por pequenos casebres rodeados por pequenas plantações e árvores frutíferas. Ali eles conseguiam produzir em família e coletivamente, além de trabalharem como meeiros nas fazendas vizinhas,

[...] lá embaixo, ali no Cerrado, que aqui não é mais caatinga, mas lá embaixo é caatinga. Então lá nós chegamos a plantar banana lá e cana, ninguém nunca precisou molhar... mandioca também, plantava demais lá também. Hoje quase nem se planta porque a chuva não é constante para mandioca. Nós estamos com um tempo agora que a gente só pode plantar cultura rápida, a mandioca ela é cultura para um ano, o milho e feijão, é o que? pra três meses. Então, tem que aproveitar isso, o período de chuva vem de três meses daí a pouco seca e passa mais três meses sem chover, aí a mandioca não resiste.[...] não tem mais colheita como antes não. Não, é bem menos agora... é em torno de 10% para aquelas épocas, as décadas de 60, 70 (antigo morador do Cerrado, 76 anos).

As dificuldades impostas pela falta de energia elétrica e, sobretudo, água encanada se

apresentam como principais fatores para a migração dessa população, no entanto, deve-se considerar os longos períodos de seca que dificultaram a agricultura de subsistência que ali acontecia e, de certa forma, reduziu a produção de meia com fazendeiros, fato que afetou diretamente a alimentação dessas famílias, empobrecendo-as ainda mais. Na figura 34, podemos observar uma das poucas casas que ainda se mantem de pé, ainda assim inabitada, na área onde existia o povoado do Cerrado.

**Figura 35:** Casebre abandonado na área do antigo povoado Cerrado.



Fonte: Arquivos pessoais do morador.

Por se localizarem numa área de baixada e rodeada por fazendas de gado, as dificuldades de transporte em casos de saúde e para estudar também eram uma realidade. Estas dificuldades eram acentuadas pelo solo argiloso que praticamente impedia a circulação nos períodos chuvosos. Com esses e outros problemas, essas famílias acabaram por migrar para outras áreas como a cidade de Água Fria, o distrito de Pataíba e, principalmente, para o povoado do Topo, restando apenas ruínas e algumas casas abandonadas no local (figuras 34 e 35).

**Figura 36:** Ruínas de casebre de pequenos agricultores no antigo povoado do Cerrado.



Fonte: Rafael Carvalho, 2021.

Ao contrário do povoado da Serra, onde as terras das fazendas permaneciam em propriedade das famílias, no povoado do Cerrado, a maioria das pequenas propriedades dos agricultores foi vendida e incorporada às fazendas vizinhas. Esta é na verdade a principal diferença entre os processos migratórios que ocorreram nos dois povoados, visto que as famílias dos fazendeiros mantiveram suas propriedades, enquanto os pequenos agricultores além de abandonarem o local onde sempre viveram, perderam suas propriedades, vendendo-as a preços muito baixos. A fala de um antigo morador do povoado do Cerrado que migrou para o povoado Topo caracteriza bem esse processo,

Olha, pra gente ter uma ideia, o Cerrado de vinte anos pra cá foram demolido aproximadamente quarenta e uma casa. Foi demolido praticamente tudo, demoliram tudo mesmo, só mesmo a casa onde a gente morava, só. [...] quase todo mundo, a maioria das pessoas tinha seu pedacinho de terra pra trabalhar e os que não tinha trabalhava de meia. Mas quase todo mundo tinha um pedacinho de terra. Depois chega os... como quase todas as comunidades é, se acaba né, chega os fazendeiros vão comprando aquelas terra, vão comprando e vão anexano, anexano e daí a pouco se forma uma simples propriedade né (risos). O lugar que seria uma grande comunidade como era o cerrado passa a ser uma simples propriedade (Antigo morador do povoado do Cerrado, 76 anos).

O relato do antigo morador do povoado do Cerrado explica o processo de migração da população e o destino dado às pequenas propriedades revelando dessa forma o processo de incorporação das terras dos pequenos agricultores às terras dos fazendeiros locais, contribuindo para a intensificação da concentração da terra no município. Em outro momento da entrevista ele fala sobre os locais de destino nos quais essas famílias migrantes se

assentaram,

Antes de chegar a luz, que ninguém nem imaginava, nunca se imaginou que fosse chegar a luz lá o pessoa já saia muito. Mas não era nem por questão da luz, saía por causa da seca, né, que as pessoas às vezes ficava sem ganhar dinheiro, né aquele negócio todo, os fazendeiros não tinha como pagar pra todo mundo trabalhar, que não tinha também onde trabalhar, o que fazer tanto assim, e o pessoa ia saindo. Agora depois de 85 pra cá foi que começou a, a luz começou a fazer diferença, né. Isso já de 85 pra cá. [o pessoal] Migrava praqui, exatamente. Tanto o pessoal do Cerrado como o pessoal da Serra que vei de lá, quase todos pra Água Fria e o do Cerrado veio mais praqui (Antigo morador do povoado do Cerrado, 76 anos).

O fato é que o destino de grande parte das famílias de alguns fazendeiros, mas principalmente as famílias dos pequenos agricultores, migraram para o Povoado do Topo, aumentando numericamente sua população e reconfigurando as relações socioespaciais deste. Os pequenos agricultores compraram pequenos lotes de terra ou se instalaram em terras de parentes que já haviam se instalados anteriormente no povoado, reproduzindo seu modo de vida, agora em terras mais elevadas, menos férteis, mais secas e menores, dificultando ainda mais a produção agrícola.

Com isso o povoado do Topo apresenta, já no início da década de 2000, um aumento da população provocado pela presença da infraestrutura urbana como o fornecimento de energia elétrica, água encanada (figura 36), estradas melhores e transporte para as cidades com linha de ônibus duas vezes por dia, elementos que atraíram moradores dos povoados da Serra e do Cerrado, alterando a dinâmica local de forma significativa.

**Figura 37:** Caixa d'água do sistema de fornecimento de Água do povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Esses elementos urbanos no contexto rural aos quais denominamos de urbanidades foram responsáveis, aliados a questões socioeconômicas locais e também climáticas, por atrair essa população dos outros povoados, tendo como consequência o aumento do número de moradores no povoado do Topo. Conseqüentemente, justificaram-se as demandas e implantação de outros serviços como a telefonia pública e escola primária e até a pavimentação de uma pequena praça no povoado, onde se localizam a igreja católica, o único mercadinho e os demais estabelecimentos comerciais, por exemplo ( figuras 37 e 38).

**Figura 38:** Torre de telefonia e telefones públicos no povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

**Figura 39:** Escola primária no povoado do Topo.



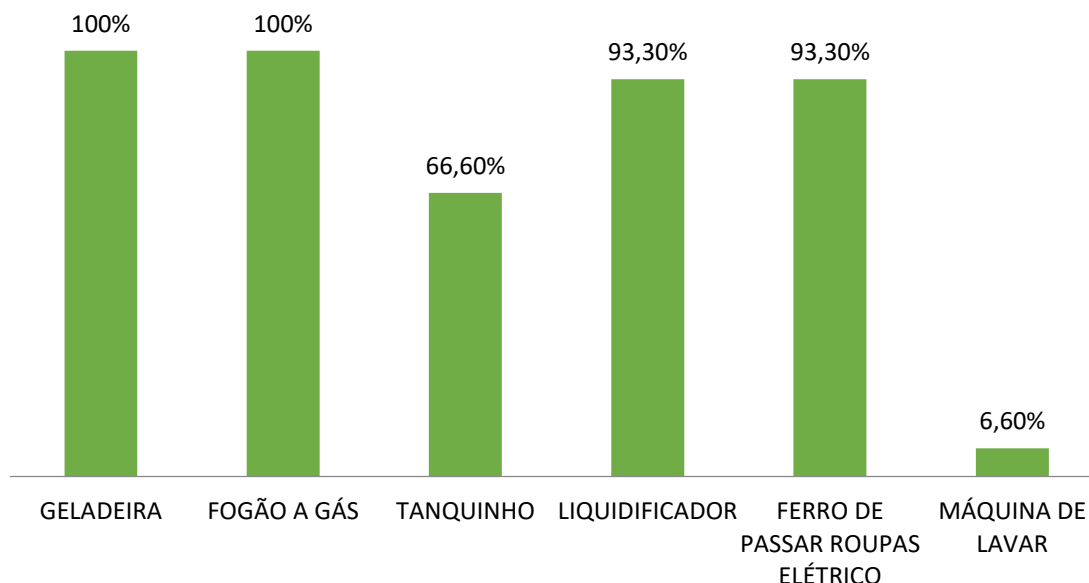
Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Esses movimentos migratórios das populações dos povoados da Serra e do Cerrado para o povoado do Topo, na forma como foram relatados nas entrevistas, acentuaram as desigualdades entre aqueles que detêm a propriedade das terras e os pequenos agricultores. À

medida que os fazendeiros incorporaram novas terras às suas propriedades, os pequenos agricultores se desfizeram de terras maiores e mais produtivas no povoado do Cerrado para se assentarem em pequenos lotes de solos poucos férteis no povoado Topo.

A chegada da energia elétrica no povoado do Topo, ainda na década 1980, e do sistema de abastecimento de água, em meados da década de 1990, além de atrair os moradores dos povoados da Serra e do Cerrado, possibilitou também o acesso e incorporação de objetos do urbano nas casas e na rotina dos moradores, vale destacar os eletrodomésticos como geladeira, ferro de passar roupas elétrico, liquidificador, por exemplo. Cada elemento desses, inserido na rotina diária dos moradores, pode contribuir para a adoção de modos de vida mais urbanos, “facilitar” a rotina ao incorporar rapidez às tarefas domésticas e gerar, por outro lado, o ócio necessário para produzir e demandar momentos de descanso e de lazer. O gráfico 7 nos mostra a forte presença desses eletrodomésticos nas casas dos moradores do povoado do Topo.

Gráfico 7 – Presença de eletrodomésticos nas moradias do povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

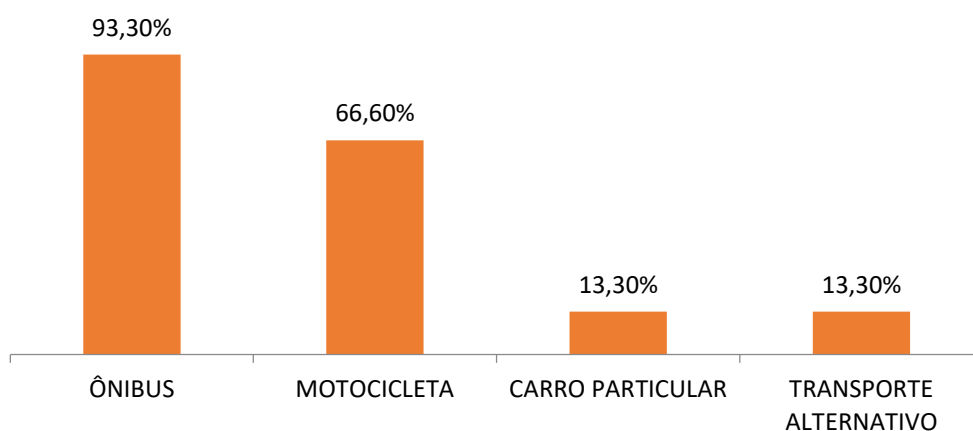
Percebe-se a forte presença dos eletrodomésticos nas casas do povoado, o que sugere uma melhoria na qualidade de vida dessa população que passa a realizar tarefas do dia a dia com mais agilidade e menos esforço físico. Além de oferecer a comodidade e o conforto, pregado como características do modo de vida urbano, esses elementos conferem um novo

ritmo ao modo de vida no campo, podendo inclusive contribuir para a existência de tempo vago na rotina, principalmente das mulheres, que podem ser preenchido por trabalho fora da residência ou da propriedade rural, podendo se dedicar aos estudos ou simplesmente, as atividades relacionadas ao lazer ou atividades físicas, por exemplo. Atividades estas muito comuns na vida urbana, mas que, no entanto, eram praticamente impossíveis na pesada rotina diária dos trabalhos agrícolas e domésticos.

Outro elemento do urbano muito presente nos povoados rurais atualmente são as motocicletas, meio de transporte que se popularizou muito pelo baixo preço de compra, financiamento, manutenção e melhor custo-benefício. No povoado do Topo as motocicletas fazem-se presentes na paisagem e assumem papéis diversos na rotina dos moradores, utilizados para facilitar a locomoção no povoado e para as cidades próximas, locomoção para os locais de trabalho, tanto no campo quanto na cidade, substituição do trabalho animal e até para lazer, além de se tornar símbolo de liberdade para os mais jovens.

As estradas de terra do município associadas ao baixo custo de manutenção e de consumo de combustível, tornaram as motocicletas o meio de transporte mais utilizado para as atividades diárias dos moradores. Essa situação se acentuou agora no momento de pandemia da Covid19, se tornando nos momentos de medidas mais restritivas do isolamento social o único meio de transporte possível para se obter acesso aos serviços oferecidos nas cidades. Segundo dados da pesquisa de campo, a motocicleta é utilizada por mais de dois terços das pessoas entrevistadas para se locomover até as cidades próximas (Gráfico 8).

**Gráfico 8** – Principais meios de transporte utilizados pela população do povoado Topo para ir à cidade.



Fonte: pesquisa de campo, 2021.

Além da grande utilização das motocicletas, revelada pela pesquisa de campo e

apresentada no gráfico 8, é muito comum seu uso substituindo a utilização de animais para transporte de mercadorias, comercializar produtos agrícolas e transportar o gado pelas estradas e corredores do povoado. Assim, a motocicleta é incorporada na rotina do povoado, inclusive nas atividades agrícolas, adquirindo funções que vão além de simples meio de transporte.

Dentre essas múltiplas funções adquiridas pelas motocicletas, vale destacar a simbologia que ela introduz no imaginário da população mais jovem, principalmente entre os adolescentes que se exibem em manobras perigosas nas redes sociais (figura 39) e dão novos sentidos à motocicleta como elemento do urbano no mundo rural.

**Figura 40:** Adolescente em manobra perigosa com motocicleta no povoado do Topo.



Fonte: Rede social de jovem morador do povoado do Topo

A motocicleta deixa de ser um mero meio de transporte para se tornar símbolo de liberdade e sonho de consumo, sobretudo entre os adolescentes. Em conversa informal com um jovem morador do povoado que trabalha como barbeiro no distrito de Pataíba foi possível perceber esse sentimento quando o mesmo relatou o fato de que “empinar” a motocicleta, manobra apresentada na figura 39, no caminho do trabalho para casa ou nos encontros de motocicletas aos quais participava, davam uma sensação de liberdade que o ajudava a relaxar e diminuir os estresses do trabalho e da vida.

Então destacamos aqui as motocicletas como objeto e símbolo do urbano no rural,

implicando em novas práticas, ao serem incorporadas no dia a dia das atividades agrícolas e novas representações simbólicas, associadas aos interesses e desejos de consumo da população mais jovem. Uma urbanidade que está fortemente presente no rural do povoado do Topo que ao coexistir com elementos deste adquire múltiplas funções, que vão além de simples meio de transporte.

Portanto, elencamos aqui alguns elementos que se fazem presentes no espaço rural do povoado do Topo caracterizados como formas e objetos do urbano, ligados à infraestrutura e serviços públicos, transportes e renda que, de alguma maneira, interferem nos hábitos, costumes e modos de vida dos moradores locais, incorporando em suas rotinas novas dinâmicas e hábitos que os aproximam do mundo urbano. No próximo tópico deste capítulo, daremos destaque aos meios de comunicação e as novas TICs como elementos do urbano e seus papéis na disseminação de conteúdos do urbano no mundo rural e contraditoriamente na ressignificação e reafirmação das localidades e das ruralidades.

## 5.2 AS MANIFESTAÇÕES IMATERIAIS DAS URBANIDADES: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS NOVAS TICS COMO CONTEÚDOS URBANOS NO POVOADO DO TOPO, ÁGUA FRIA (BA)

Os meios de comunicação merecem destaque quando se trata de urbanidades no rural, além de formas do urbano presente no campo, são responsáveis diretos pelo contato dos moradores desse espaço com o mundo e a cultura urbana. Primeiramente o rádio assume esse papel, que foi “transferido” para a Televisão e, atualmente, vivenciamos os computadores, os *smatphones* e a internet como símbolos da disseminação de conteúdos imateriais do urbano no mundo rural.

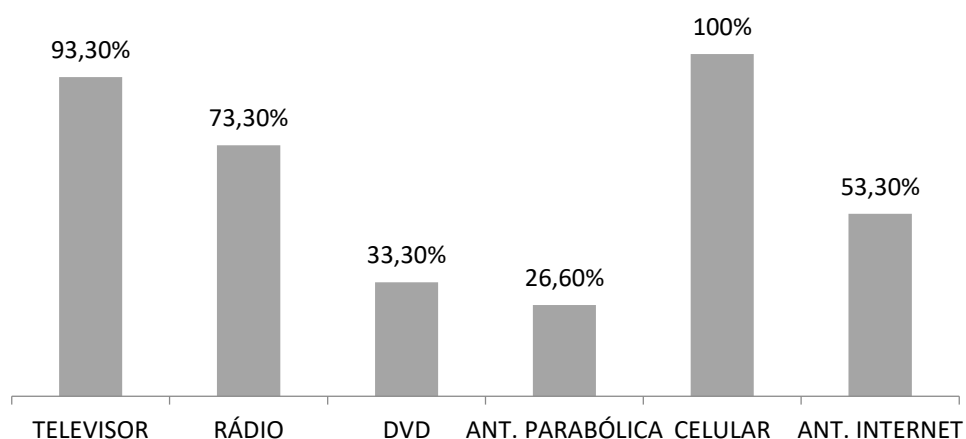
O rádio, como elemento do urbano, há muito se faz presente no rural brasileiro, sem, contudo, ser responsável por transformações bruscas na realidade do campo, inclusive se apresenta como o meio de comunicação que mais se adaptou às realidades regionais e locais, quase sempre oferecendo programações adaptadas às culturas, costumes e valores regionais. No povoado do Topo ainda se é possível ouvir as emissoras locais, principalmente as de frequência AM, ricas em regionalismos, religiosidade e culturas locais e rurais. Todos os dias às dezoito horas, por exemplo, é possível ouvir, sem muita definição de onde vem, o som das Ave-marias ou Santos Ofícios, orações católicas que se tornaram marcas das programações das rádios na região.

Enquanto as rádios locais sempre incluíram em suas programações conteúdos regionais, locais e rurais, a televisão, pelo contrário, sempre esteve relacionada à propagação de hábitos, costumes e valores referentes à cultura urbana refletindo quase sempre o “distante”, devido à concentração da produção televisiva nas grandes metrópoles nacionais, como São Paulo e Rio de Janeiro. No mundo rural, a televisão se popularizou e tornou-se disseminadora de conteúdos do urbano. Como uma via de mão única, dissemina os elementos da cultura urbana nos espaços rurais, sem filtro, com poucas ligações ou adaptações da programação às culturas regionais e locais.

A televisão é na verdade um dos meios pelos quais mais se difundiram as urbanidades, corroborando com a ideia de urbanização proposta por Lefebvre (1999). Responsáveis por inserir e normatizar comportamentos urbanos nas mais diversas sociedades, muitas vezes chamada de “janela para o mundo”, podemos entender aqui como “janela para o mundo urbano”, por promover conteúdos, o *marketing*, a moda e valores que introduzem no mundo rural novas visões de mundo, novos hábitos e comportamentos e novas formas de consumo atrelado ao mundo urbano.

De acordo à pesquisa de campo, a Televisão é um dos aparelhos eletrônicos mais presentes nas casas dos moradores do povoado do Topo, o que revela o seu papel importante na disseminação de conteúdos do urbano. O gráfico 9 reforça a tese de influência da televisão na vida dos moradores, por se fazer presente quase que na totalidade dos domicílios investigados (93,3%), no entanto o celular (100%) e a internet (53,3%) já se destacam como aparelhos amplamente presentes nas moradias do povoado, elementos estes que revelam a presença expressiva das novas tecnologias da comunicação e da informação, impactando e alterando os modos de vida e de contatos. Entretanto, não pode ser desconsiderada a importância do rádio que continua ocupando uma posição de destaque no universo rural, cujos números de usuários atingem 73,30% da população pesquisada.

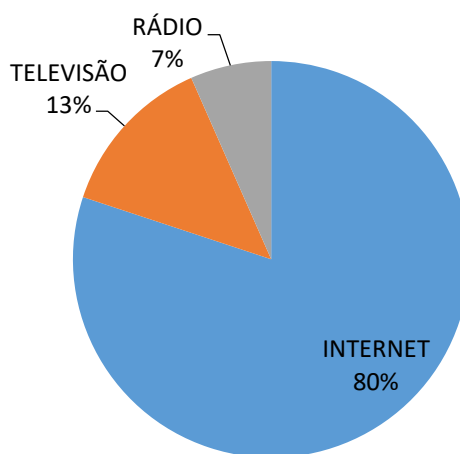
**Gráfico 9** – Principais aparelhos eletrônicos presentes nas moradias do povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

No gráfico 10, podemos observar que para 80% dos participantes da pesquisa, a *internet* já é o principal meio de comunicação mais utilizado, revelando a velocidade com que esses novos elementos relacionados às novas TICs se popularizaram, inclusive nas áreas rurais.

**Gráfico 10** - Principais aparelhos eletrônicos presentes nas moradias do povoado do Topo.



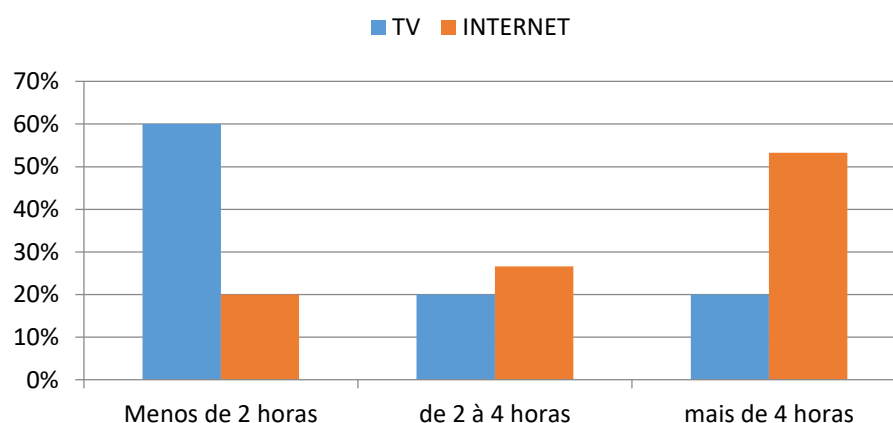
Fonte: pesquisa de campo, 2021.

O gráfico revela a popularização desses novos elementos, relacionados às novas TIC's, de forma acentuada no povoado. Os aparelhos celulares e o acesso à internet incorporam novas situações e novos elementos importantes no contexto do rural,

simbolizando a presença consolidada das urbanidades.

A televisão ainda é um elemento representativo no processo de disseminação de conteúdos urbanos no povoado. Ainda promove hábitos, costumes e valores do mundo urbano, incentiva e produz o consumo, cria e propaga modas e valores, ou seja, toda uma cultura urbana que alterou significativamente os hábitos, os costumes e os valores do rural tradicional, no entanto, vem perdendo espaço para os aparelhos de *smartphones* e para a internet nas casas e na rotina dos moradores. O gráfico 11 já reflete essa mudança de comportamento ao mostrar o tempo médio diário de uso da televisão e da internet no povoado.

**Gráfico 11** – Tempo de uso diário da TV e da Internet no Povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

No gráfico 11, podemos constatar que dois terços daqueles que responderam ao questionário aplicado na pesquisa de campo dedicam menos de duas horas do seu dia para assistir televisão e apenas 20% passam mais de quatro horas em frente ao televisor. Por outro lado, mais da metade destes utilizam a internet por mais de quatro horas diárias. Esses dados nos leva a crer numa mudança de comportamento relacionada ao uso dos meios de comunicação e a consequente incorporação de novos hábitos no dia a dia dos moradores.

Quase que a totalidade dos entrevistados realiza esse acesso por meio dos celulares, item quase sempre presente durante as entrevistas, observações e aplicação dos questionários, revelando ser este um item largamente incorporado na rotina dos moradores. Consequentemente a forte presença dos celulares e da internet acrescentam novas perspectivas às relações rural-urbano no povoado do Topo. Símbolos do estágio mais avançado da globalização, os *smartphones* e a internet tem se espalhado e se popularizado nas áreas mais

longínquas em relação aos grandes centros urbanos, sem dúvida presenciemos o estágio mais avançado da urbanização prevista por Lefebvre (1999). Como objetos do urbano e promovedores de conteúdos deste, os celulares, a internet, os aplicativos e redes sociais invadem o mundo rural e se incorpora na rotina dos moradores do campo (como já destacamos no capítulo 4 deste trabalho). No entanto, diferentemente do rádio, e principalmente da televisão, estes novos elementos se apresentam como uma via de mão dupla, onde, ao mesmo tempo em que se divulga se promove e se incorpora a cultura urbana no campo, possibilita também a disseminação de conteúdos relacionados ao mundo rural inclusive no urbano. A internet e as redes sociais, por exemplo, estão intimamente ligadas às origens das novas ruralidades, destacadas no capítulo 4, e são também os meios pelos quais são divulgadas as marcas e os serviços oferecidos, tanto no Cactário.com como no bar e restaurante Recanto Fazenda Rumo.

Além disso, o dia a dia da vida no campo passa a integrar o meio virtual, quando moradores passam a expor suas rotinas de trabalho com a terra, as manifestações e festividades do rural ou simplesmente as paisagens características deste rural e do semiárido, como podemos verificar na figura 41.

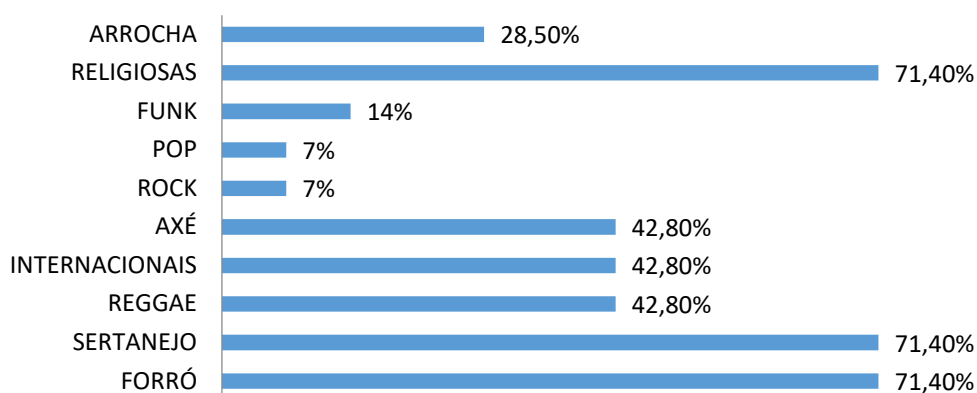
**Figura 41:** Postagem de moradora do povoado do Topo em atividade típica do rural.



Fonte: Fonte: plataforma do Instagram, 2021.

Outro fator que acrescenta uma complexidade na compreensão do papel da internet, dos aplicativos de músicas e vídeos ou redes sociais é a possibilidade de escolha de qual conteúdo acessar de acordo aos interesses e necessidades de cada indivíduo. Portanto, o contato com elementos do urbano e do rural, por meio dos celulares e internet, apesar das influências do marketing e da mídia urbana, será tendenciado de acordo às subjetividades interesses e experiências dos indivíduos.

Na pesquisa de campo, tanto através das observações quanto por meio dos questionários aplicados, foi possível identificar os ritmos musicais mais ouvidos pelos moradores e suas influências. O gráfico 12 nos mostra os ritmos musicais preferidos e mais ouvidos no povoado e nos possibilita identificar as influências e ligações com o urbano, com o rural, com o global, com o regional e com o local.

**Gráfico 12** – Ritmos musicais mais ouvidos no povoado do Topo.

Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

O forró e o sertanejo, ritmos musicais intimamente ligados ao rural, aparecem como aqueles mais citados na opinião dos participantes da pesquisa, o que revela a força e a reafirmação das identidades e da dimensão imaterial do rural. O forró mais diretamente ligado à cultura nordestina e rural se destaca frente aos demais, suas músicas são símbolos do modo de vida, das dificuldades impostas pela seca e da cultura do sertão. Já a música sertaneja aparece como elemento da cultura de massa difundida em todo o país pela indústria musical e pela mídia, carregando elementos do rural, associados ao consumismo e estilo de vida urbano e também é marcada pela romantização da vida no campo. A música sertaneja se sustenta também nas identidades do rural e acaba por levar conteúdos desse mundo para as cidades, como afirma Carneiro (1998) ao destacar as ruralidades presentes no urbano.

É possível observar também a influência cultural do recôncavo baiano nos ritmos musicais. A música reggae e também a arrocha estão dentre os ritmos musicais mais ouvidos pelos moradores do povoado pode estar diretamente ligada à pluriatividade exercida pelos pequenos agricultores e vaqueiros que no passado migravam para aquela região em busca de empregos no corte de cana e nas indústrias em períodos de seca extrema. Não por coincidência, aqueles que citaram o ritmo musical oriundo da Jamaica eram negros agricultores ou filhos de agricultores, grupo que provavelmente teve mais contato e identificação com o ritmo musical muito presente no recôncavo baiano.

A religiosidade, característica muito forte nas comunidades rurais, se destaca quando se trata dos ritmos musicais, representada pelas músicas religiosas que foram citadas por mais de 70% dos participantes da pesquisa. Católicos e evangélicos passam a ter acesso maior às

músicas religiosas por meio dos celulares e da internet, dessa forma aliam as tecnologias atuais da comunicação aos seus valores religiosos, fortalecendo-os e mantendo a religiosidade como aspecto imaterial importante da cultura do rural.

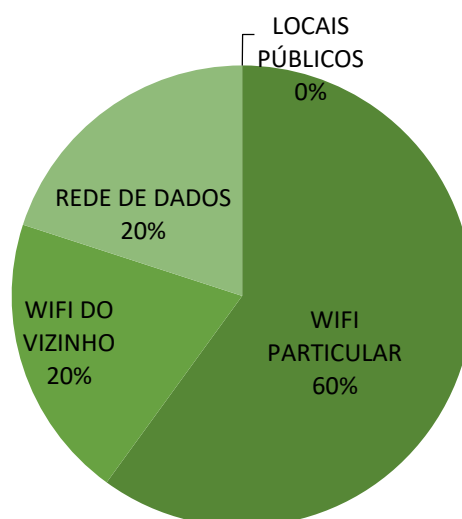
Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Ou, como afirma M. A. de Souza (1995, p. 65), "todos os lugares são virtualmente mundiais". Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade (SANTOS, 2006, p. 261).

Uma maior globalidade, que consideraremos também com uma maior urbanidade, no caso das novas TICs, significa inserir e dominar de tal forma esses objetos técnicos a ponto de poder exercer suas subjetividades, suas individualidades, suas identidades nos mais diversos espaços, inclusive os virtuais. A presença dos computadores, dos celulares e da internet no povoado do Topo, não representa nem se dirige para uma homogeneização dos hábitos, costumes e modos de vida rurais, muito menos para dissolução total das estruturas agrárias, mas sim para uma maior interação entre conteúdos do urbano e do rural em processos de coexistência, de ressignificações e de imbricação num espaço produzido por processos de exclusão e desigualização.

As desigualdades no acesso a essas tecnologias por si só já é um fator que dificulta o processo de homogeneização ou que gera processos diversos de homogeneização. A sociedade estratificada e desigual gerará acessos também desiguais aos modelos dos *smartphones*, à qualidade e às formas de acesso à internet.

De acordo com o Gráfico 13, a principal forma de acesso à internet se dá por meio de *wifi* particular, no entanto, essa realidade não se revela para todos, pois, 20% dos participantes da pesquisa informou ter acesso à *internet* via dados móveis, ou seja, pela operadora do celular, e que enfrentavam dificuldades para realizar algumas atividades online como assistir a vídeos, estudar e se comunicar, seja por instabilidades, por sinal fraco, ou pelo alto valor dos pacotes oferecidos pelas operadoras.

**Gráfico 13** – Tipos de acesso à internet no povoado do Topo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Outros 20% não possui acesso nem a *wifi* particular nem aos pacotes das operadoras e se utilizam do *wifi* de vizinhos para acessar a *internet*. Todos esses que revelaram depender dos vizinhos para ter acesso à *internet* pertencem a famílias de pequenos agricultores, corroborando com as adversas condições socioeconômicas às quais historicamente vivenciou esse grupo social. O retrato dessa situação é que 40% dos moradores, segundo a pesquisa de campo, não tem acesso a uma *internet* de qualidade.

Chama atenção também a inexistência de espaços públicos no povoado para garantir o acesso daqueles que não dispõem de condições financeiras para utilizar *internet*, seja por provedores locais ou por meio das operadoras de telefonia celular. Esse desigual acesso à *internet* acentua as desigualdades históricas que se estabeleceram no povoado e dificulta a inserção dos menos favorecidos à sociedade global e tecnológica na qual vivemos, principalmente se considerarmos o momento de pandemia da Covid-19 em que o ensino e o trabalho remotos se tornaram fundamentais.

Atualmente, as novas TICs intensificam a disseminação de conteúdos do urbano, sobretudo em relação aos novos hábitos de consumo, novos comportamentos, novas formas de se informar e interpretar o mundo, por outro lado, promove também a propagação de conteúdos e conhecimentos não apenas relacionados ao campo e ao rural, mas também produzidos nesses espaços. Ocorrem aí, inclusive, processos de ressignificação e reafirmação identitários e territoriais ligados ao mundo rural, mas com ferramentas de origens urbanas, numa interação de conteúdos do urbano e do rural concretizando a hibridez característica das novas relações entre o campo e a cidade.

No Quadro 3, apresentamos um resumo das urbanidades encontradas durante a pesquisa de campo e suas interferências na configuração socioespacial do povoado do Topo e nos hábitos, costumes e modos de vida dos moradores.

**Quadro 3** – Síntese das características e interferências dos conteúdos urbanos no povoado do Topo

URBANIDADES	CARACTERÍSTICAS	INTERFERÊNCIAS
A Infraestrutura urbana	Energia elétrica, água encanada e BA-084.	Contribuiu para a migração das populações da serra e principalmente do Cerrado para o povoado do Topo.
Os eletrodomésticos	Geladeira, fogão e tanquinho de lavar roupas estão entre os eletrodomésticos mais presentes nas moradias do povoado do Topo.	Incorpora agilidade e rapidez nas rotinas domésticas, promovendo modos de vida e hábitos mais urbanos.
Motocicletas	Popularizaram-se no povoado devido ao baixo custo benefício e péssimas condições das estradas de terra.	Substituem os animais no transporte de pessoas e mercadorias, nas tarefas e atividades agrícolas e tornaram-se símbolo de liberdade e sonho de consumo entre os mais jovens.
O rádio	Meio de comunicação mais antigo no dia a dia do campo, vem perdendo espaço para novos meios de comunicação como a TV e a <i>internet</i> .	Não promoveu grandes mudanças nos hábitos dos moradores do povoado. As programações das rádios são adaptadas às características culturais e econômicas da região e do rural.
A televisão	Presente quase que na totalidade das casas é um dos maiores símbolos da disseminação dos conteúdos urbanos no espaço rural.	Promove conteúdos, marketings, moda, valores que introduzem no mundo rural novas visões de mundo, novos hábitos e comportamentos e novas formas de consumo atrelado ao mundo urbano.
Os celulares e a internet	Popularizaram-se no povoado do Topo, superando em presença e uso o rádio e a Tv.	Promovem conteúdos urbanos, mas também conteúdos do rural. O acesso desigual aos celulares e à internet acentua as desigualdades históricas entre as famílias de fazendeiros e as famílias dos pequenos agricultores.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Estas urbanidades disseminadas no espaço rural do povoado do Topo confere a este espaço um caráter de hibridez nunca presenciado. É cada vez mais difícil não apenas definir

os limites entre os espaços do campo e da cidade ou definir o que é rural e o que é urbano, mas principalmente compreender o caminho ao qual se destina a realidade ou as realidades promovidas pela interação cada vez maior entre esses espaços e seus conteúdos.

O que presenciamos é a conformação de espaços híbridos produzidos por processos econômicos, sociais, identitários, culturais e territoriais ora definidos pela presença de elementos e conteúdos do urbano, ora por processos de ressignificações e reafirmações do rural.

As manifestações, fruto da expansão da urbanização da sociedade para áreas rurais, inseridas em processos mais amplos de re-estruturação espacial, coexistem com aquelas que resultam de movimentos de afirmação do local não como polarizações excludentes mas como pares dialéticos interagentes. Os processos gerais não implicam, necessariamente, em homogeneização já que ela é interpretada de diferentes maneiras por diferentes grupos e em diferentes locais dentro de uma infinita gama de “imaginações geográficas” (RUA, 2005, p. 61).

O processo de urbanização física e ideológica ao qual presenciamos faz parte de processos mais amplos, na escala global, e não ocorre de forma homogênea nas escalas regionais e locais. Esses processos globais encontram nas localidades realidades diversas que, conseqüentemente, impõem barreiras e uma multiplicidade de caminhos para sua concretização.

No povoado do Topo, a presença de urbanidades redefiniu a estrutura espacial, promoveu hábitos, comportamentos, valores e identidades urbanos, no entanto pouco contribuiu para a superação da estrutura agrária desigual e excludente que marca a história do espaço rural do povoado.

Essa estrutura econômica, espacial, cultural e social de um rural marcado historicamente pela concentração da terra, e pelas relações desiguais entre fazendeiros e pequenos agricultores, se apresentam como barreiras ou rugosidades que impõem ritmos e processos diferenciados de urbanização.

O rural tradicional, desigual e excludente, fruto dos processos históricos que conformaram o município de Água Fria, permanece vivo no povoado. Afirmar o fim do rural, nesse contexto, é paralelamente afirmar o fim dessa estrutura arcaica que, no entanto se mantém e ainda é marcada pela posse da terra como sinônimo de poder econômico e político.

Esse poder econômico e político possibilita um maior poder de consumo, um acesso mais amplo às novas tecnologias, aos conhecimentos e técnicas de produção e de convívio com a seca, maiores possibilidades de crédito e de compra de máquinas agrícolas, que

mantém e acirra as desigualdades entre fazendeiros e pequenos agricultores.

Esse espaço rural estratificado econômica, social e culturalmente é a base na qual as urbanidades encontram facilidades ou dificuldades para se propagarem e para afirmar os conteúdos, valores e comportamentos urbanos. O que resulta disso é um rural transformado a partir da interação com elementos e conteúdos do urbano, as urbanidades, mas que permanece ao manter suas características históricas.

Um rural que interage como urbano, sem deixar de ser rural; transformado, não extinto. A hibridez permanente evidencia a “criação local”, isto é, a capacidade dos atores locais, de influenciados pelo externo, de escala mais ampla, desenvolverem leituras particulares dessa influência e produzirem territorialidades particulares. Essas territorialidades, diferenciadamente vividas, podem traduzir-se em múltiplas territorialidades para alguns, e reduzida capacidade de experimentá-las, para a maioria, tornando-se, assim, mais um elemento desigualizador (RUA, 2006, p. 101).

Nessa perspectiva, as urbanidades, assim como as novas ruralidades, no povoado do Topo, respeitam as regras do jogo impostas historicamente pelas relações desiguais e coronelistas entre fazendeiros e pequenos agricultores, não representam a superação das desigualdades resultantes desse processo.

Na escala da ação, onde a realidade é forjada pela interação entre o global e o local, entre o rural e o urbano, os atores diversos produzem um verdadeiro mosaico de ruralidades e urbanidades em suas tarefas cotidianas, nos seus modos de vida, nas relações interpessoais, nas atividades econômicas e nas manifestações culturais. Produzem no dia a dia o espaço híbrido ao qual tanto afirmamos no presente trabalho e que foi muito bem capturado na Figura 42.

**Figura 42:** Praça do povoado do Topo e a presença de urbanidades e ruralidades.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

É possível identificar por meio do registro fotográfico o aspecto de um típico povoado rural do sertão nordestino, mas também com elementos do urbano se destacando na paisagem. Os postes de iluminação pública e os cabos da rede de fornecimento de energia elétrica, o telefone público, a pavimentação da pequena praça e as motocicletas estacionadas aparecem em completa harmonia com a figura do vaqueiro tocando o gado, símbolo da pecuária extensiva, principal atividade econômica no povoado.

O espaço rural, visto como espaço híbrido, fruto das relações de coexistências, interação e imbricação entre ruralidades e urbanidades, nos cobra novos olhares e novas perspectivas que nos afastem das dicotomias, determinismos e preconceitos em relação a estes espaços e seus conteúdos.

Logo o espaço híbrido que resulta dessas interações, não é um urbano ruralizado nem um rural urbanizado. É algo novo, ainda por definir e que desafia os pesquisadores tanto nos países da OCDE (onde muitos criticam os critérios atualmente adotados) quanto em países como o Brasil, onde se luta pra ultrapassar a concepção oficial de que rural é tudo que não é urbano (RUA, 2006, p.95)

Não com a pretensão de definir algo tão novo nos estudos das relações campo-cidade e

rural-urbano, mas se sustentando na necessidade de aproximação dessa nova concepção de espaços marcados pela hibridez com a empiria que acreditamos ter contribuído para uma melhor compreensão do espaço rural do município de Água Fria/BA, assim como para a compreensão das relações entre o rural tradicional, as novas ruralidades e as urbanidades, destacando seus papéis na economia, nas relações sociais, na configuração socioespacial e nos modos de vida e existência no/do povoado do Topo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Definir o que é rural e o que é urbano há muito não representa uma centralidade nos estudos das relações entre o campo e a cidade. A complexidade incorporada pelos processos da globalização, homogeneização, urbanização física e ideológica aos quais presenciamos nas últimas décadas introduzem novos desafios epistemológicos e também empíricos para aqueles que se aventuram no sentido de compreender as relações entre os espaços do campo e da cidade e seus conteúdos.

No presente trabalho buscamos nos aproximar de uma perspectiva mais integradora que considerasse as formulações de autores das principais vertentes analíticas que compõem o arcabouço teórico acerca desse tema. Realizando o mesmo percurso teórico-metodológico adotado por Rua (2005), tivemos como ponto de partida para a construção dessa perspectiva integradora a vertente que se sustenta na perspectiva do *continuum*, que tem como norte as proposições do filósofo francês Henri Lefebvre na década de 1970, que dá destaque para a urbanização física e ideológica do espaço do campo.

Por outro lado, buscou-se também considerar a vertente analítica que defende o oposto e que destaca os processos de ressignificação e de reafirmação do rural, ou até do seu renascimento, que ganharam destaque a partir das formulações de Bernard Kayser, geógrafo contemporâneo a Lefebvre. A centralidade dada ao rural nestas concepções deu consistência para construção da categoria da ruralidade, como conteúdos do rural que permanecem, se ressignificam e invadem os espaços urbanos.

Integrando elementos das duas perspectivas de análises das relações cidade-campo e rural-urbano, Rua (2005, 2006 e 2011) construiu uma nova perspectiva que considera a existência de urbanidades no rural, pautando-se na ideia de urbanização da sociedade proposta por Lefebvre (1999), mas sem admitir a passividade do rural, e considerando principalmente as ideias de Moreira (2005) e Carneiro (1998) sobre o papel das ruralidades no contexto das relações cidade-campo e rural-urbano.

Dessa forma, João Rua em suas principais obras, defende a emergência de espaços híbridos, constituídos de conteúdos do urbano e do rural (urbanidades e ruralidades). Uma perspectiva que busca compreender a complexidade e a diversidade do espaço rural brasileiro frente à urbanização física e ideológica a qual presenciamos.

Para estudar o rural do povoado do Topo, no município de Água Fria, na perspectiva de compreendê-lo enquanto um espaço híbrido, resultante da relação entre ruralidades e

urbanidades, optamos por realizar um estudo de caso caracterizado pela natureza fortemente qualitativa. Nesse sentido, além de uma pesquisa secundária para a obtenção de dados acerca do município e sua história, adotamos a observação participante e as entrevistas semiestruturada como os procedimentos fundamentais da pesquisa. Procedimentos estes que se tornaram, em alguns momentos, impossibilitados devido à pandemia da Covid19 e as medidas oficiais de contenção da propagação do vírus.

Como estratégia para superação ou minimização dessas dificuldades, adotamos a aplicação de questionários, como forma de obtenção de dados referentes aos hábitos, costumes e características culturais dos moradores e para identificação de objetos e conteúdos do urbano no povoado. As redes sociais dos moradores também se tornaram uma importante fonte de obtenção de dados sobre as manifestações culturais, aspectos identitários e do cotidiano, contribuindo para minimizar a impossibilidade da realização da observação participante.

Consideramos, dessa forma, os procedimentos metodológicos adotados adequados e suficientes para atingir os objetivos predefinidos e para a realização de uma pesquisa que buscou superar os desafios de se trabalhar uma temática tão complexa como as relações campo-cidade e rural-urbana na contemporaneidade, marcada pela interação cada vez maior entre as pessoas, as instituições e os lugares, promovida pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação e pela interação, coexistência e imbricação de valores urbanos e rurais.

Para uma melhor compreensão do percurso realizado, resgataremos os objetivos específicos predefinidos como estratégia para apresentar de forma sintética alguns dos resultados obtidos em cada etapa da pesquisa, para então fazermos algumas considerações, inclusive possibilidades futuras de pesquisa.

O primeiro objetivo da nossa pesquisa consistia em caracterizar geográfica e historicamente o município de Água Fria/BA, elucidando os processos que contribuíram para a produção do espaço rural do povoado do Topo. A Vila de São João Batista de Água Fria, que deu origem ao atual município de Água Fria, era uma sesmaria que abrangia grande parte do nordeste da Bahia, território que originou diversos outros municípios e povoados atuais. Marcada pelo conflito entre criadores de gado, indígenas e quilombolas, a sesmaria de Água Fria foi palco de missões jesuíticas, como estratégia de mediação dos conflitos entre os tropeiros, os primeiros fazendeiros e os quilombolas e a população nativa, índios considerados selvagens e perigosos (SANTOS, 2009).

As relações sociais e econômicas nessa sesmaria basearam-se na exploração da mão de

obra indígena e negra incorporada como trabalho escravo à medida que as terras indígenas eram invadidas e transformadas em fazendas de gado e aldeamentos jesuíticos. Essas relações acabaram por exterminar grande parte da população indígena e por desintegrar sua cultura em processos de aculturação e incorporação da cultura e religião cristã e de genocídio que acabou por extinguir todas as aldeias indígenas desta área.

Após o fim da escravidão instituída, que prevaleceu por mais de trezentos anos no Brasil, novas relações foram criadas para suprir a necessidade de mão de obra das fazendas. Surge nesse contexto a figura do meeiro, trabalhador que morava nas propriedades dos fazendeiros e vendiam sua força de trabalho em troca de parte da produção. Esses meeiros, ex-escravos, indígenas aldeados e mestiços preparavam a terra, plantavam, cuidavam e colhiam, recebendo parte produção como pagamento. Eram totalmente dependentes dos patrões, geralmente homens brancos e grandes proprietários de terra. Em períodos de seca acabavam vivenciando situações de miséria, que, muitas vezes, os obrigava a migrarem para outras regiões do país. Essas relações produziram um rural excludente e desigualizador, marcado pela concentração da terra nas mãos de uma minoria branca e pela exploração e exclusão de uma maioria negra, indígena e mestiça. As marcas dessas relações fazem-se presentes no rural atual do município de Água Fria e do povoado do Topo, tendo a concentração da terra na mão de uma minoria e pobreza generalizada como reflexo dos processos excludentes e desiguais que marcaram a sua história e compõem a sua geografia atual.

Nosso segundo objetivo consistiu em analisar as manifestações e atividades que se caracterizam como ruralidades e a importância destas na configuração socioespacial do povoado do Topo, Água Fria (Ba). Historicamente fazendeiros e pequenos agricultores exerceram suas ruralidades social, econômica, política e culturalmente distintas, contraditórias, conflituosas e desiguais. Ao mesmo tempo, imbricadas e, por vezes, indissociáveis, essas duas ruralidades fizeram parte da historicidade e da realidade sociospacial do povoado do Topo.

Essas duas ruralidades tradicionais atuaram no sentido de produzir um espaço rural pautado no conflito e nas relações de trabalho desiguais e excludentes que se distancia dos bucolismos e visões idílicas, estereotipadas e romantizadas do rural. Rural esse que se relaciona com elementos do urbano, se ressignifica e se refaz, produzindo novas ruralidades, nos termos defendidos por Carneiro (1998).

Como novas atividades que se destacaram no povoado do Topo, identificamos a produção e comercialização de cactos e suculentas pelo Cactario.com e o bar e restaurante

Recanto Fazenda Rumo, consideradas no âmbito deste trabalho como manifestações de novas ruralidades. Essas atividades destacaram-se como novas atividades no campo, não necessariamente ligadas às atividades agrícolas tradicionais, mas que se sustentam na identidade do rural e do sertanejo e utiliza-se de estratégias e ferramentas do urbano para produzir, divulgar e comercializar seus produtos, que vão além de plantas ou pratos típicos, mas que oferecem elementos do rural como a paisagem, a natureza e o ambiente rural na forma de mercadoria.

Apesar de não ser possível afirmar se a presença de novas ruralidades se tornará a tônica da economia local, e, tampouco, se contribuirão de alguma maneira para a superação das desigualdades históricas no povoado, em relação à concentração da terra e da renda, representam variáveis empíricas relevantes para a compreensão e conformação de espaços híbridos de conteúdos do urbano e do rural.

Nosso terceiro objetivo procurou identificar as atividades e os elementos que se caracterizam como urbanidades e a forma como estas, aliadas às ruralidades, configuram a relação rural-urbano e interferem nos hábitos, nos comportamentos e nos modos de vida no povoado do Topo, município de Água Fria/BA.

Identificamos a forte presença de urbanidades, com importantes consequências na configuração socioespacial do povoado do Topo. A infraestrutura urbana, representada pela energia elétrica, pelo sistema de abastecimento de água e pela BA-084, nas décadas de 1980 e 1990 contribuiu para atrair a população dos povoados da Serra e do Cerrado, tornando-se um dos fatores que resultaram no aumento da população do povoado. A grande presença de eletrodomésticos, as motocicletas se apresentaram como elementos do urbano que promovem novos hábitos, novos valores ligados a este mundo.

Os meios de comunicação e as novas TICs merecem destaque como promovedores de conteúdos e valores urbanos no povoado. A televisão e o rádio inicialmente assumem esse papel, mas, atualmente, os celulares, a internet e as redes sociais se destacam nesse sentido, possibilitando a produção e divulgação de conteúdos rurais e disseminando-os em áreas distantes, inclusive em espaços urbanos e virtuais.

Esse conjunto de urbanidades disseminadas no espaço rural do povoado do Topo confere a este espaço um caráter de hibridez nunca antes presenciado. É cada vez mais difícil não apenas definir os limites entre os espaços do campo e da cidade ou definir o que é rural e o que é urbano, mas principalmente compreender o caminho ao qual se destina a realidade ou as realidades promovidas pela interação cada vez maior entre esses espaços e seus conteúdos.

O que presenciamos é a conformação de espaços híbridos produzidos por processos

econômicos, sociais, identitários, culturais e territoriais ora definidos pela presença de elementos e conteúdos do urbano, ora por processos de ressignificações e reafirmações do rural.

Algumas reflexões, no entanto, se tornam necessárias, a partir da compreensão do povoado do Topo como espaço híbrido de conteúdos do rural e do urbano, ou seja, de ruralidades e urbanidades. A primeira delas é que o rural, enquanto conjunto de símbolos, valores, comportamentos, hábitos e relações identitárias, econômicas e de trabalho, apesar de transformado, não desaparece, pelo contrário, em diversas situações ele é reafirmado e ressignificado, sempre coexistindo, interagindo e imbricando-se com as urbanidades as quais foram identificadas.

Outro elemento da permanência de desse rural é a estrutura social e econômica que mantém seu caráter excludente e desigualizador, sustentada na concentração da terra e do maior poder econômico e político devotado às famílias dos fazendeiros locais. Essa realidade, inclusive, é responsável pelo acesso também desigual aos eletrodomésticos, aos meios de transporte e, principalmente, às novas TICs, revelando a forma como os processos históricos que conformaram o rural interferem diretamente na propagação das urbanidades no povoado.

Outra reflexão necessária é que a presença de urbanidades e novas ruralidades no povoado do Topo, não minimizaram a necessidade urgente de uma reforma agrária, ou de projetos e políticas públicas que objetivem a inclusão econômica dos pequenos agricultores. Pelo contrário, além de não significar alterações no sentido de melhor distribuição das terras, acentuam as desigualdades, por exemplo, no caso das novas TICs que, no momento de pandemia ao qual ainda vivemos, o acesso desigual à internet se tornou mais um elemento desigualizador no povoado.

Por outro lado, torna-se passível de investigação ou, talvez, de uma pesquisa-ação, as possibilidades ou as experiências que por ventura já tenham sido realizadas no povoado, no sentido de a utilização das novas TICs como possibilidades para a formação dos pequenos produtores, tanto na agricultura, quanto na pecuária, para facilitação do acesso ao crédito e às políticas de convívio com a seca. Pensamos essas possibilidades não como substituição a uma reforma agrária consistente, mas como possibilidades de utilização das técnicas às quais hoje dominamos para redução das desigualdades historicamente produzidas, não apenas no povoado Topo, mas no contexto do município de Água Fria.

Cabe também, nesse contexto, um estudo acerca da Educação do Campo, do associativismo e cooperativismo e do papel desses elementos na formação de indivíduos críticos e conscientes da realidade a qual se encontram inseridos, os processos que

configuraram a realidade e de seus papéis enquanto cidadãos na construção de um espaço rural mais igualitário, produtivo e desenvolvido.

Diante do objetivo central dessa pesquisa, que era compreender as relações campo-cidade e rural-urbano no povoado do Topo, município de Água Fria/BA, caracterizadas pela interação, imbricação e coexistência de ruralidades e urbanidades no cotidiano dos moradores, e do percurso realizado nesta pesquisa, defendemos a conformação de espaços híbridos, resultantes da interação entre objetos e conteúdos do rural e do urbano. Assim sendo, sustentamos também, a necessidade cada vez maior de aproximação com essa nova concepção de espaços, marcados por essa hibridez, que permite construir novas concepções menos dicotômicas e mais integradoras para compreender as relações campo-cidade e rural-urbana.

Dessa forma, acreditamos ter contribuído para uma maior e melhor compreensão do espaço rural do município de Água Fria/BA, assim como para a compreensão das relações entre o rural tradicional, as novas ruralidades e as urbanidades, destacando seus papéis na economia, nas relações sociais, na configuração socioespacial e nos modos de vida e existência no/do povoado do Topo.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e Medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo. **Texto para discussão n. 702**. IPEA. Jan. 2000.
- AKAISHI, A. G. **Planejamento e gestão habitacional em pequenos municípios brasileiros**: o caso de Água Fria no semiárido baiano. Dissertação de mestrado apresentada à UFABC. 2013.
- ALVES, A. J.O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio, 1991.
- ALVES, Flamarion Dutra. A relação campo-cidade na Geografia Brasileira: apontamentos teóricos a partir de periódicos científicos. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n 3, set./ dez. 2012.
- BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. Pequenas cidades: uma caracterização. In: **Anais V Encontro de Grupo de Pesquisa Agricultura, Desenvolvimento e Transformações Socioespaciais**. Santa Maria: GPET, 2009. 19 f.
- BAHIA. Secretaria do Planejamento, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatísticas dos municípios baianos: volume 12. Território Portal do Sertão**. Salvador, SEI, 2010.
- \_\_\_\_\_. Secretaria do Planejamento, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil dos territórios de identidade da Bahia**. Volume 3. Número 1. Salvador, SEI 2017.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Controladoria Geral da União/Portal da Transparência Brasil. Disponível em: <https://portaltransparencia.gov.br/>. Acesso em 22 de agosto de 2021.
- CARNEIRO, Maria José. A pluriatividade na agricultura familiar. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 19, p. 176-18, outubro, 2002.
- \_\_\_\_\_, Maria José. **Ruralidade**: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro. 11, outubro 1998: 53-75.
- COELHO NETO, Agripino Souza. Política de Desenvolvimento Territorial Rural no Brasil: limites da concepção de ruralidade e de territórios rurais. **Revista Campo - Território**, v. 8, p. 152-169, 2013.
- FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. Rio de Janeiro, **Estudos Sociais e Agricultura**, n. 18, p. 28-46, outubro. 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. Atlas. São Paulo, 2008.
- GRAZIANO DA SILVA, José. O Novo Rural Brasileiro, In: GRAZIANO DA SILVA, José. **Nova Economia**. Belo Horizonte. 1997.
- \_\_\_\_\_. **O novo rural brasileiro**. 2 ed. Campinas: UNICAMP/IE. 1999.
- \_\_\_\_\_. Por uma Reforma agrária não essencialmente agrícola. **Agroanalysis**. São Paulo. Março 1996: p 8-11.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. DP&A, São Paulo 2006.

IANNI, Octavio. O Mundo Agrário, In: IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **Teorias da Globalização**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em: 18 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. (IBGE). Censo Demográfico de 1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. Disponível em: [http://downloads.ibge.gov.br/downloads\\_estatisticas.htm](http://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatisticas.htm). Acessado em 03/09/2020.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico de 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm). Acessado em: 03/09/2020.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: para municípios e estados brasileiros, 2011a Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/comparamun/compara.php?lista=uf&coduf=12&tema=mpo br eza2003&codv=v07&codmun=354890>. Acessado em 03/09/2020.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999(a).

MARTINS, G. I.; SOUZA, A. F. G de. A relação campo e cidade: novas urbanidades e ruralidades, definições e (re)definições. **Revista Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.11, n.36, p.37-51, dez. 2010.

MOREIRA, R. J. Ruralidades e Globalizações. In: MOREIRA, R. J. (org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 15-41.

\_\_\_\_\_. Roberto José. Cultura, Política e o Mundo Rural na Contemporaneidade. **Estudos, Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 20, abril, 2003, pp 113-143.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ÁGUA FRIA. Disponível em: <http://www.aguafria.ba.gov>. Acesso em: 18 de jan. 2018.

PROJETO MAPBIOMAS BRASIL. Série anual de mapas de cobertura e uso do solo. Disponível em: <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org>. acesso em 20 de agosto de 2021.

RAMOS, Donald. Teias Sagradas e Profanas: o lugar do batismo e compadrio na sociedade de Vila Rica durante o século do ouro. **Revista Varia História**, nº 31, Belo Horizonte, 2004.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, n. 2, ano 2, p. 45-66, 2005.

\_\_\_\_\_, João. As crises vividas pelo estado do Rio de Janeiro e a emergência de novas territorialidades em áreas rurais. In: MARAFON, Gláucio J.; RUA, João ; RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.) Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

\_\_\_\_\_, João. Urbanidades e novas ruralidades no estado do Rio de Janeiro: algumas 36 | Geo UERJ. Rio de Janeiro - Ano 16, nº. 25, v. 2, 2º semestre de 2014, pp.9-36 ISSN: 1415-7543 E-ISSN: 1981-9021 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj> considerações teóricas. In: Marafon, Gláucio J.; RIBEIRO, Marta Foeppe. (Org.). Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Livraria Editora Infobook, Ltda., 2002.

\_\_\_\_\_. Urbanidades no rural: o dever de novas territorialidades. In: **Revista de Geografia Agrária**, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev., 2006.

SANTOS, Jucélia bispo dos. Colonização do Sertão da Bahia e Formação de Quilombos em Irará. Especial - Afro-Brasileiros: Construindo e Reconstruindo os Rumos da História.

**Revista África e Africanidades** – Ano 2 - n. 7 - Novembro. 2009

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. Reimpr.: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005 [1993].

SCHNEIDER Sergio. A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VEIGA, José Eli da. A atualidade da contradição urbano-rural. In: SEI. **Análise Territorial da Bahia Rural**. Salvador: SEI, 2004, p. 29-49.

VEIGA, José Eli da. **Destinos da ruralidade no processo de globalização**. Seminário FEA – USP, n. 16. São Paulo, 2004a.

\_\_\_\_\_. O Brasil Rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 15, n. 43, p. 101-120. set-dez. 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história da literatura**. Tradução: Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

## APÊNDICE A – Questionário sociocultural



### QUESTIONÁRIO CULTURAL

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_; sexo ( ) masc. ( ) fem.  
Qual a sua profissão? \_\_\_\_\_; Escolaridade \_\_\_\_\_
2. Quais desses aparelhos você possui ou tem na sua casa?  
( ) Tv ( ) rádio ( ) DVD ( ) Antena parabólica ( ) celular ( ) antena de internet ( )
3. Qual o meio de comunicação que você mais utiliza?  
( ) TV ( ) rádio ( ) internet
4. O que você mais assiste na TV?  
( ) programas de auditório ( ) filmes ( ) novelas ( ) canais religiosos ( ) jornais
5. Quanto tempo de TV o senhor assiste por dia?  
( ) menos de duas horas por dia ( ) de duas à quatro ( ) mais de quatro
6. O senhor tem acesso à internet?  
( ) pelo celular ( ) por notebook ou PC ( ) não tenho acesso
7. Como se dá esse acesso?  
( ) Wifi pessoal ( ) wifi do vizinho ( ) rede de dados ( ) locais públicos
8. Quais conteúdos o senhor mais busca na internet pelo celular?  
( ) aplicativos de músicas ou vídeos ( ) redes sociais ( ) aplicativos de mensagem ( ) outros \_\_\_\_\_
9. Quanto tempo em média o senhor utiliza a internet por dia?  
( ) menos de duas horas por dia ( ) de duas à quatro ( ) mais de quatro
10. Qual a importância da internet na sua vida?  
\_\_\_\_\_
11. Quais dos ritmos musicais relacionados a seguir o senhor costuma ouvir?  
( ) forró ( ) sertanejo ( ) reggae ( ) músicas internacionais ( ) axé ou pagode baiano ( ) Rock ( ) pop ( ) Funk ( ) músicas religiosas ( ) outros \_\_\_\_\_

12. Qual o seu estilo musical e artista preferido?

---

13. Qual tipo de festa o senhor costuma frequentar?

- vaquejada, cavalgada e pega de novilha
- festas de padroeiro e santos católicos
- rezas, ladainhas ou samba de roda
- paredões
- encontro de motocicletas
- festas de largo na cidade
- não frequento festas

14. Qual tipo de espaço lazer o senhor costuma frequentar

- rio, açude ou cachoeira
- bares, botecos ou restaurantes no campo
- sítios ou chácaras
- bares ou restaurantes na cidade
- parques de vaquejada ou de corrida de cavalos ( ) outros

15. Quais desses aparelhos há em sua casa?

- geladeira
- fogão a gás
- tanquinho de lavar roupa
- máquina de lavar roupas
- liquidificador

16. Qual meio mais utilizado para ir à cidade?

- ônibus
- motocicleta
- bicicleta
- carro particular
- transporte alternativo
- outro

17. Qual meio mais utilizado para se locomover no povoado e redondezas?

- ônibus
- motocicleta
- bicicleta
- carro particular
- transporte alternativo
- cavalo, jumento ou carroça
- a pé